

**Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção
grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica do Professor
Doutor Mário Varela Gomes.**

DEDICATÓRIA

Ao meu pai...

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer à minha mãe pela compreensão e carinho que me deu durante a realização do Mestrado e especialmente, por me encorajar a seguir os caminhos da Arqueologia.

Ao meu irmão pelo companheirismo e incentivo em procurar os caminhos e vestígios do então destruído Penedo da Cortegaça, nas várias visitas ao terreno.

Ao meu orientador, Professor Doutor Mário Varela Gomes, pela sua disponibilidade, paciência e indicações pertinentes dadas no decorrer desta Dissertação.

Este trabalho não teria sido possível sem a amabilidade e receptividade do Director José Cardim Ribeiro e da Sub-directora Teresa Simões do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, assim como dos arqueólogos e técnicos que ali trabalham pelo apoio prestado.

Um especial agradecimento à minha amiga e colega de Licenciatura, Catarina Bolila, pela atenção e auxílio incondicional na produção deste trabalho, sobretudo no tratamento dos desenhos a tinta e em suporte digital.

Aos meus amigos em geral e aos colegas de Arqueologia, Mariana, Luísa, Márcio, Edgar, Joana e Pires, pela ajuda, momentos de desabafo e incentivo, que tanto me fortaleceram.

Não me poderia esquecer da importância de dois colegas, Xana e Jorge, que sempre me apoiaram com as suas palavras e particularmente, as dicas e impressões trocadas que tanto me enriqueceram como profissional de Arqueologia.

Finalmente, agradeço a todos aqueles que de alguma forma, contribuíram de diferentes maneiras para a conclusão de mais uma etapa da minha vida.

O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DO PENEDO DA CORTEGAÇA, SINTRA

Ana Raquel Laranjeira Magalhães

RESUMO

O Penedo da Cortegaça, em Sintra, é um dos muitos povoados abertos da Pré-História recente da Estremadura. As referências a este sítio foram reunidas em notas avulsas, elaboradas pelo arqueólogo João José Fernandes Gomes, responsável pelos trabalhos de campo ali efectuados nos finais dos anos 60. Nestes, o autor faz alusão à abundância de cerâmica decorada com "folha de acácia" e aos bordos denteados, conferindo-lhe uma cronologia "ante-campaniforme". Novas prospecções, realizadas por arqueólogos do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (MASMO), atestam a existência, a par da cerâmica, de numerosos artefactos de pedra lascada e escassos materiais de pedra polida e de osso manufacturado. Pretende-se então, re-contextualizar o povoado, actualmente destruído devido à intensa exploração da rocha pela actividade de uma pedreira, através do espólio encontrado nas recolha de superfície.

Terá sido a existência de matéria-prima em bruto, o sílex a principal atracção para a fixação das comunidades humanas neolíticas e calcolíticas, combinado com solos de forte aptidão agrícola em redor do povoado. A percentagem e tipologia de artefactos de pedra lascada indicam intensa produção de talhe, efectuado ou nas áreas próximas ou mesmo no interior do habitat. A associação e avaliação de vários materiais cerâmicos, entendidos como "fósseis-directores" denunciam vasta diacronia para este assentamento, possivelmente desde o Neolítico Antigo Evolucionado até aos finais do Calcolítico.

PALAVRAS-CHAVE: Penedo da Cortegaça, povoado, Neolítico, Calcolítico.

ABSTRACT

The site of Penedo da Cortegraça, in Sintra, is one of the many villages of recent Prehistory in Estremadura. References of this site have been gathered in loose notes, prepared by the archaeologist José João Fernandes Gomes, responsible for the field work carried out there in the late '60s. In these, the author refers the abundance of pottery decorated with "acacia leaf" and jagged edges, giving it a chronology "ante-bell." New surveys, carried out by archaeologists from the Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (MASMO), attest the existence, alongside ceramics, numerous flint artefacts and scarce materials of polished stone and bone artefact. The aim is then to re-contextualize the village, now destroyed due to intense exploration activity by the rock quarry, through the booty found in the collects made on the surface.

The existence of raw material, the flint, combined with strong agricultural potential of soils around the town should have been the main cause for the settlement of human Neolithic and Chalcolithic communities. The percentage and type of flaked stone artefacts indicates intense cutting production, carried out either in areas near or even inside the habitat. The association and evaluation of various ceramic materials, defined as "fossil-directors" wide diachrony to denounce this settlement, possibly evolved from the Neolithic until the end of the Chalcolithic.

KEYWORDS: Penedo da Cortegraça, village, Neolithic, Chalcolithic.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO E OBJECTIVOS	2
2. O PENEDO DA CORTEGAÇA.....	4
2.1 LOCALIZAÇÃO E TOPONÍMIA	4
2.2 ENQUADRAMENTO GEO-MORFOLÓGICO.....	11
2.3 AMBIENTE NATURAL	17
2.4 DESCOBERTA E HISTÓRIA DAS INVESTIGAÇÕES	18
3. METODOLOGIA.....	23
3.1 PRINCIPAIS QUESTÕES E PROBLEMÁTICAS	28
3.2 Os TESTEMUNHOS	30
4. CATÁLOGO DOS MATERIAIS.....	31
4.1 PEDRA LASCADA	31
4.1.1 Núcleos	31
4.1.2 Produtos debitados.....	34
4.1.3 Resíduos de talhe	40
4.2 PEDRA POLIDA.....	40
4.3 CERÂMICA.....	41
4.4 ARTEFACTOS DE OSSO	59
5. COMENTÁRIO AO ESPÓLIO	60
6. INTEGRAÇÃO CULTURAL E CRONOLÓGICA.....	78
7. CONCLUSÃO	83
8. BIBLIOGRAFIA.....	86
9. CARTOGRAFIA	90
10. WEBGRAFIA	91

**Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção
grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica do Professor
Doutor Mário Varela Gomes.**

DEDICATÓRIA

Ao meu pai...

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer à minha mãe pela compreensão e carinho que me deu durante a realização do Mestrado e especialmente, por me encorajar a seguir os caminhos da Arqueologia.

Ao meu irmão pelo companheirismo e incentivo em procurar os caminhos e vestígios do então destruído Penedo da Cortegaça, nas várias visitas ao terreno.

Ao meu orientador, Professor Doutor Mário Varela Gomes, pela sua disponibilidade, paciência e indicações pertinentes dadas no decorrer desta Dissertação.

Este trabalho não teria sido possível sem a amabilidade e receptividade do Director José Cardim Ribeiro e da Sub-directora Teresa Simões do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, assim como dos arqueólogos e técnicos que ali trabalham pelo apoio prestado.

Um especial agradecimento à minha amiga e colega de Licenciatura, Catarina Bolila, pela atenção e auxílio incondicional na produção deste trabalho, sobretudo no tratamento dos desenhos a tinta e em suporte digital.

Aos meus amigos em geral e aos colegas de Arqueologia, Mariana, Luísa, Márcio, Edgar, Joana e Pires, pela ajuda, momentos de desabafo e incentivo, que tanto me fortaleceram.

Não me poderia esquecer da importância de dois colegas, Xana e Jorge, que sempre me apoiaram com as suas palavras e particularmente, as dicas e impressões trocadas que tanto me enriqueceram como profissional de Arqueologia.

Finalmente, agradeço a todos aqueles que de alguma forma, contribuíram de diferentes maneiras para a conclusão de mais uma etapa da minha vida.

O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DO PENEDO DA CORTEGAÇA, SINTRA

Ana Raquel Laranjeira Magalhães

RESUMO

O Penedo da Cortegaça, em Sintra, é um dos muitos povoados abertos da Pré-História recente da Estremadura. As referências a este sítio foram reunidas em notas avulsas, elaboradas pelo arqueólogo João José Fernandes Gomes, responsável pelos trabalhos de campo ali efectuados nos finais dos anos 60. Nestes, o autor faz alusão à abundância de cerâmica decorada com "folha de acácia" e aos bordos denteados, conferindo-lhe uma cronologia "ante-campaniforme". Novas prospecções, realizadas por arqueólogos do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (MASMO), atestam a existência, a par da cerâmica, de numerosos artefactos de pedra lascada e escassos materiais de pedra polida e de osso manufacturado. Pretende-se então, re-contextualizar o povoado, actualmente destruído devido à intensa exploração da rocha pela actividade de uma pedreira, através do espólio encontrado nas recolha de superfície.

Terá sido a existência de matéria-prima em bruto, o sílex a principal atracção para a fixação das comunidades humanas neolíticas e calcolíticas, combinado com solos de forte aptidão agrícola em redor do povoado. A percentagem e tipologia de artefactos de pedra lascada indicam intensa produção de talhe, efectuado ou nas áreas próximas ou mesmo no interior do habitat. A associação e avaliação de vários materiais cerâmicos, entendidos como "fósseis-directores" denunciam vasta diacronia para este assentamento, possivelmente desde o Neolítico Antigo Evolucionado até aos finais do Calcolítico.

PALAVRAS-CHAVE: Penedo da Cortegaça, povoado, Neolítico, Calcolítico.

ABSTRACT

The site of Penedo da Cortegraça, in Sintra, is one of the many villages of recent Prehistory in Estremadura. References of this site have been gathered in loose notes, prepared by the archaeologist José João Fernandes Gomes, responsible for the field work carried out there in the late '60s. In these, the author refers the abundance of pottery decorated with "acacia leaf" and jagged edges, giving it a chronology "ante-bell." New surveys, carried out by archaeologists from the Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (MASMO), attest the existence, alongside ceramics, numerous flint artefacts and scarce materials of polished stone and bone artefact. The aim is then to re-contextualize the village, now destroyed due to intense exploration activity by the rock quarry, through the booty found in the collects made on the surface.

The existence of raw material, the flint, combined with strong agricultural potential of soils around the town should have been the main cause for the settlement of human Neolithic and Chalcolithic communities. The percentage and type of flaked stone artefacts indicates intense cutting production, carried out either in areas near or even inside the habitat. The association and evaluation of various ceramic materials, defined as "fossil-directors" wide diachrony to denounce this settlement, possibly evolved from the Neolithic until the end of the Chalcolithic.

KEYWORDS: Penedo da Cortegraça, village, Neolithic, Chalcolithic.

1. INTRODUÇÃO E OBJECTIVOS

Enquanto aluna da Licenciatura em Arqueologia, interessei-me especialmente pela Pré-História, esse mundo profundamente estimulante, paradigmático e cognitivo. Efectivamente, os historiadores especializados no estudo da Pré-História, não dispondo de documentos escritos, encontram nas fontes arqueológicas informações complexas e úteis para a compreensão das sociedades humanas do passado. O estudo dos comportamentos humanos baseia-se essencialmente na luta pela sobrevivência, evidenciada em momentos funcionais, como por exemplo, a construção de um povoado ou a produção de artefactos.

Existem três questões clássicas na interpretação de um sítio arqueológico: cronológica (quando?), a funcional (porquê e para quê?) e por último, a componente cultural (quem, que comunidade?). São estas interrogações e outras, que irei problematizar ao longo desta dissertação, tratando o povoado do Penedo da Cortegaça à luz da investigação dos povoados pré-históricos da Estremadura Portuguesa.

O Penedo da Cortegaça foi alvo de trabalhos arqueológicos, dos quais resultaram dois núcleos de materiais: o da escavação dos anos 80 e o material oriundo das prospecções da década de 1990. Assim, o primeiro grande objectivo deste estudo seria reunir, pela primeira vez, todo o espólio arqueológico. Contudo, o paradeiro da colecção proveniente da escavação arqueológica é uma incógnita. Sabe-se que aquando da escavação, da qual apenas existe uma publicação sobre o material fabricado em osso (Gomes, 1971), o material foi encaminhado para o Museu Hipólito Cabaço em Alenquer sob a direcção de João José Fernandes Gomes. Todavia, tive conhecimento, junto da Câmara de Alenquer, que o espólio arqueológico do Penedo da Cortegaça já não consta das reservas do Museu Hipólito Cabaço. Assim, contactei vários museus (Museu Nacional de Arqueologia, Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses, entre outros) mas sem qualquer resposta positiva. Optei então por contactar o Departamento de Inventário e de Estudos e a Divisão de Arqueologia Preventiva do IGESPAR (Instituto de Gestão do Património Architectónico e Arqueológico), o qual me informou que na sua base de dados o fiel depositário do espólio arqueológico do Penedo da Cortegaça era o Museu Nacional de Arqueologia (MNA). Contactei novamente o Departamento de Inventário que me garantiu que a colecção dos materiais referidos não faz parte da lista de acervo daquele Museu.

O objectivo principal desta dissertação, face à escassez de publicações sobre o povoado do Penedo da Cortegaça (Gomes, 1971; Simões, 1996; Sousa, 1996), é apresentar monografia, inventariando-se e estudando-se os materiais arqueológicos aí encontrados, nos trabalhos de prospecção dos anos 90 do século passado, actualmente depositados no MASMO, em Sintra. Através da quantificação e da análise do espólio será possível conhecer melhor a economia e o tipo de sociedades que ali se instalaram. Pretende-se igualmente, entender a dinâmica ocupacional do povoado, nomeadamente na transição do Neolítico Final para o Calcolítico, contextualizando-o no espaço geográfico específico da Península de Lisboa. Deste modo, poder-se-á aferir conclusões acerca das populações que ali se instalaram e viveram, tentando reconstituir as suas práticas quotidianas e perceber a sua estratégia de povoamento e de sobrevivência, num meio apto à prática de actividades económicas importantes, como a agricultura e a pastorícia.

2. O PENEDO DA CORTEGAÇA

2.1 *Localização e toponímia*

As condições geo-morfológicas da área de Sintra explicam indubitavelmente a intensa antropização que sofreu ao longo do tempo. As comunidades pré-históricas desde cedo se sentiram atraídas pelos recursos de uma região tão vasta e rica, capaz de lhes proporcionar o seu “bem-estar” e até a sua riqueza. Certo é que o factor geográfico seria fundamental na escolha do sítio de implantação do povoado, coincidindo com a oferta variada de recursos (água, solos agrícolas, entre outros) e consequentemente, a sua exploração por parte das comunidades neolíticas e calcolíticas.

O Penedo da Cortegaça situa-se junto a aldeia com o mesmo nome, na freguesia de Pêro-Pinheiro, concelho de Sintra, cujas coordenadas geodésicas UTM, aproximadas, são 29MC 726.979, enquanto a altimetria máxima é de 225 metros (figuras 1 e 2). Integra assim a Península de Lisboa, conhecida pela dinâmica e densidade ocupacional protagonizada pelas sociedades pré-históricas. O acesso a este sítio é feito pela rua da Bela Vista, transversal do caminho da Cortegaça, terminando depois num caminho de terra batida que se divide na zona de caça e na zona da pedreira da Cortegaça, onde se situaria o núcleo central do povoado pré-histórico.

Ocupando o topo e a vertente sul de elevação (figura 1), o povoado assume posição geoestratégica, com excelente domínio do território envolvente, nomeadamente sobre a Granja do Marquês. Esta preocupação defensiva permitia a abrangência daquela área, podendo vigiar e controlar as suas terras, os seus bens e excedentes.

A proximidade a linhas de água assume carácter essencial na escolha deste sítio específico. O povoado encontra-se na margem direita da ribeira de Ferreiros, subsidiária da ribeira de Cheleiros, e dispõe de mais ribeiros em seu redor, como a Ribeira da Granja. Com efeito, e segundo A. C. Sousa, (1998, p. 67): “*Na margem esquerda, situam-se a maior parte dos sítios de habitat existindo núcleos visíveis*”, sustentando a ideia de que a acessibilidade e proximidade a linhas de água eram factores importantes para a fixação de uma comunidade em determinado local.

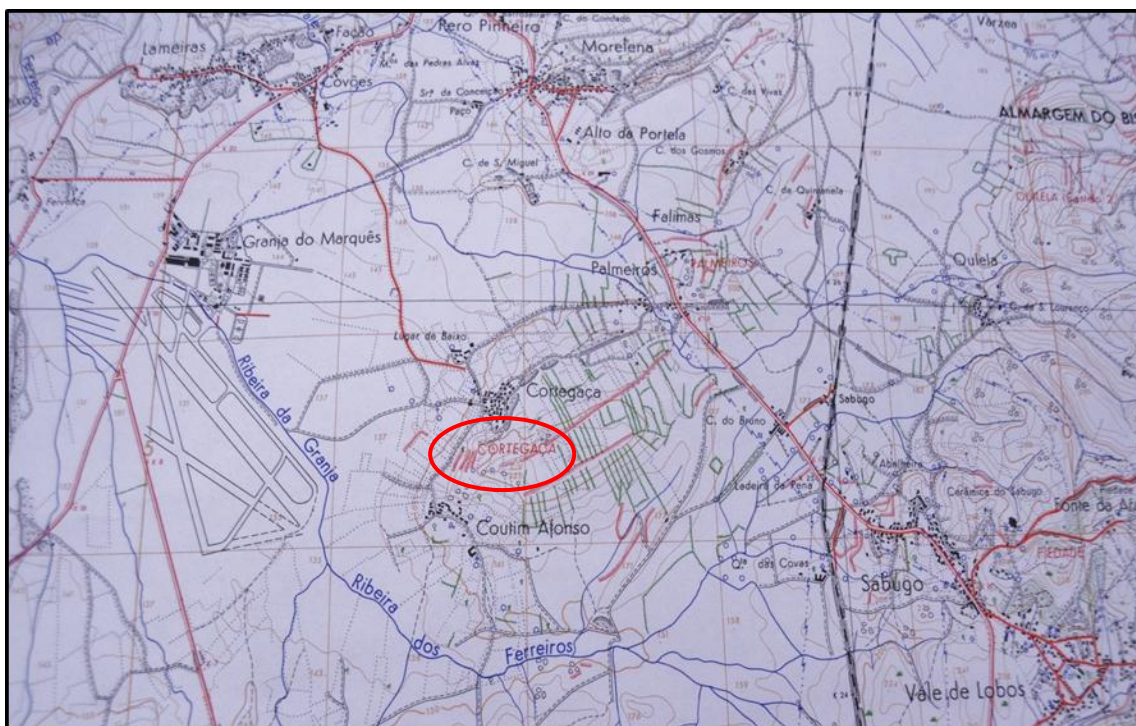


Figura 1 – Localização do povoado do Penedo da Cortegaça, Pêro- Pinheiro, Sintra (segundo a *Carta Militar de Portugal*, folha 416, Esc. 1:25.000, 2005).



Figura 2 - Localização topográfica de pormenor do Penedo da Cortegaça (segundo *Carta Topográfica do Concelho de Sintra*, no 112, Esc. 1:2000).

Relativamente à extensão do povoado, esta é difícil de averiguar tendo em conta a destruição do sítio pela instalação de pedreira, embora consultando a bibliografia existente parece tratar-se de um sítio de média dimensão, com menos de 0,1 ha, comparável com o espaço “útil” de habitat identificado no Penedo do Lexim (0,1 ha), sem as respectivas linhas de fortificação (Sousa, 1998). Contudo é arriscado tecer ideias sobre o “tamanho real” do povoado, sem o auxílio de informações sobre estruturas, plantas, etc.... (figura 3).



Figura 3 – Localização do povoado em fotografia aérea (foto retirada de Google Earth em 17/07/2012)

Na vertente a Sudoeste (figura 4), existe uma plataforma com grande concentração de materiais arqueológicos mais concretamente, fragmentos de cerâmica manual (maioritariamente lisa e alguma decorada) e líticos igualmente fragmentados (núcleos, seixos, restos de talhe, lascas e lamelas). Esta zona foi-nos indicada por J. J. F. Gomes (1971, p.194): “Verifica-se (...) nas vertentes que olham a Olelas, não há um único elemento arqueológico (...) É, de facto, só na vertente oposta, que abundam os restos

comprovativos de um intenso povoamento”. Seleccionámos alguns dos materiais para serem fotografados no local (figura 5).



Figura 4 – Plataforma localizada na vertente sudoeste do povoado, onde se nota a presença de materiais arqueológicos à superfície (foto tirada por Ana Magalhães, 10/07/2012).



Figura 5 – Amostra dos materiais arqueológicos observáveis no terreno (foto tirada por Ana Magalhães, 10/07/2012).

Foi igualmente possível identificar, apesar da densa vegetação, alinhamento pétreo, com orientação E-O, seguindo e aproveitando o percurso natural do afloramento rochoso, contando-se duas ou três fileiras de pedras, de pequenas e de médias dimensões, parecendo tratar-se de muro.

A norte e a sul daquele observam-se campos de culturas de sequeiro e pastagens para gado (figura 6). Contam-se igualmente vários terrenos agrícolas, nomeadamente de leguminosas, e locais dedicados à pastorícia de ovino-caprinos a este do Penedo da Cortegaça, em direcção ao conhecido povoado de Olelas (Almargem do Bispo), a cerca de 3 km. Por sua vez, se olharmos a Oeste, podemos ver a planície da Granja do Marquês (figuras 7 e 8).



Figura 6 – Vista a norte do Penedo da Cortegaça (foto tirada por Ana Magalhães, 10/07/2012).



Figura 7 – Vertente oeste do Penedo da Cortegaça - vista sobre a Serra de Sintra (foto tirada por Ana Magalhães, 10/07/2012).



Figura 8 – Paisagem aluvionar da Granja do Marquês na plataforma litoral a norte da Serra de Sintra (foto tirada por Ana Magalhães, 10/07/2012)



Figura 9 – Topo do povoado destruído pela laboração de pedreira (foto tirada por Ana Magalhães, 10/07/2012).

Toponimicamente, a palavra “penedo” faz precisamente alusão a “rochedo” ou “pedra grande”, presentes no local e por certo aproveitados na construção do povoado. Por sua vez, o topónimo “Cortegaça”, do latim *corticatia*, derivado de *cortex*, significa “casca de árvore”, anunciando a presença de árvores na paisagem.

2.2 Enquadramento geo-morfológico

Há sensivelmente um ano atrás, ainda era possível observar sílex *in situ*, (figuras 10 e 11) algo compacto mas muito fracturado, evidenciando até, fracturas conchoidais, com “arestas agudas e cortantes, de cor branca, coberto muitas vezes por películas de cores cinzentas e rosada, indicando pigmentos ferruginosos” (segundo FCT-UNL em www.georoteiros.pt/georoteiros/Apagina/GeoroteirosListas.aspx?IDtabela=4&IDsel=105: 1 de Março de 2011)

O Penedo da Cortegaça encontra-se implantado em terrenos calcários, mais concretamente, em margas de «balsiano», calcários com rudistas do Cretácio e «Camadas com Neolobites Vibrayeanus». Os calcários cristalinos do Cenomaniano a sudoeste do anticlinal, orientado NE-SW, onde está localizada a Pedreira de Cortegaça, que afecta o povoado em quase toda a sua extensão, apresentam grandes aglomerações de sílex (figura 12).



Figura 10 – Aspecto das massas de sílex presentes na camada de calcários do flanco Sul do anticlinal da Cortegaça (foto retirada de <http://coutinhoafonso.blogspot.pt/2011/02/penedo-de-cortegaca-aspectos-geologicos.html>, 17 de Abril de 2012).



Figura 11 – Uma das bancadas de sílex observáveis no Penedo da Cortegaça (foto retirada de <http://coutinhoafonso.blogspot.pt/2011/02/penedo-de-cortegaca-aspectos-geologicos.html>, 17 de Abril de 2012)

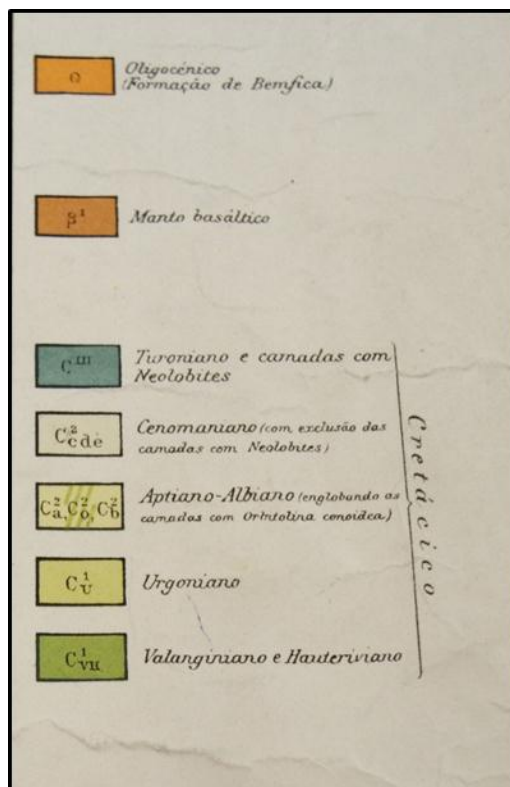
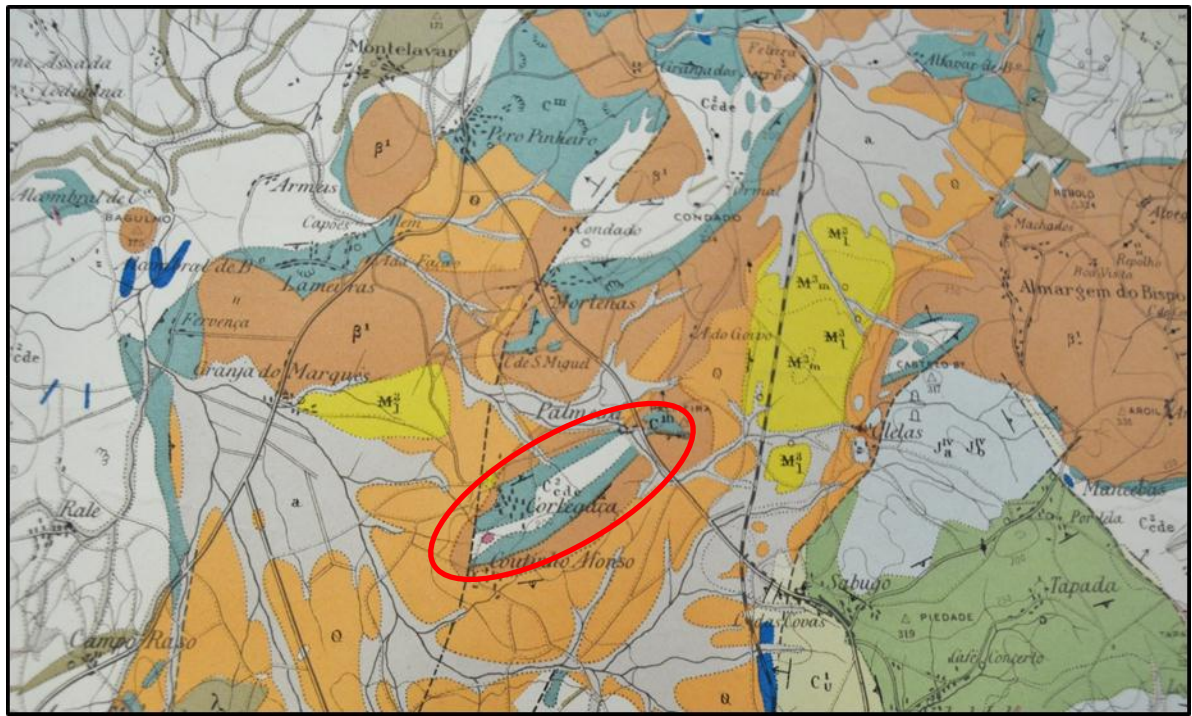


Figura 12 – Localização do Penedo da Cortegaça na Carta Geológica dos Arredores de Lisboa, Folha 34-A1, Esc. 1:50.000, 1991.

Outro elemento importante na interpretação da localização de um povoado pré-histórico é a qualidade e produtividade dos solos uma vez que estamos perante comunidades produtoras de alimentos e de agricultores-pastores. O povoado do Penedo da Cortegaça localiza-se sobre solos mediterrâneos de calcários e solos argiluvitados. Na *Carta Agrícola e Florestal* de 1969 a zona de implantação do povoado é dada como inculta, composta por culturas arvenses de sequeiro (figura 13) Surge na *Carta de Capacidade de Uso do Solo Agrícola* de 1995, com solo de classe De e Ee, ou seja, esquelético, com erosão e escoamento superficial (figura 14). Esta componente de terreno mais alto e pobre podia ser aproveitada se pensarmos que aqueles tipos de solo coincidem com a prática da pastorícia (ovino-caprina), prática ainda hoje observável na cumeada.

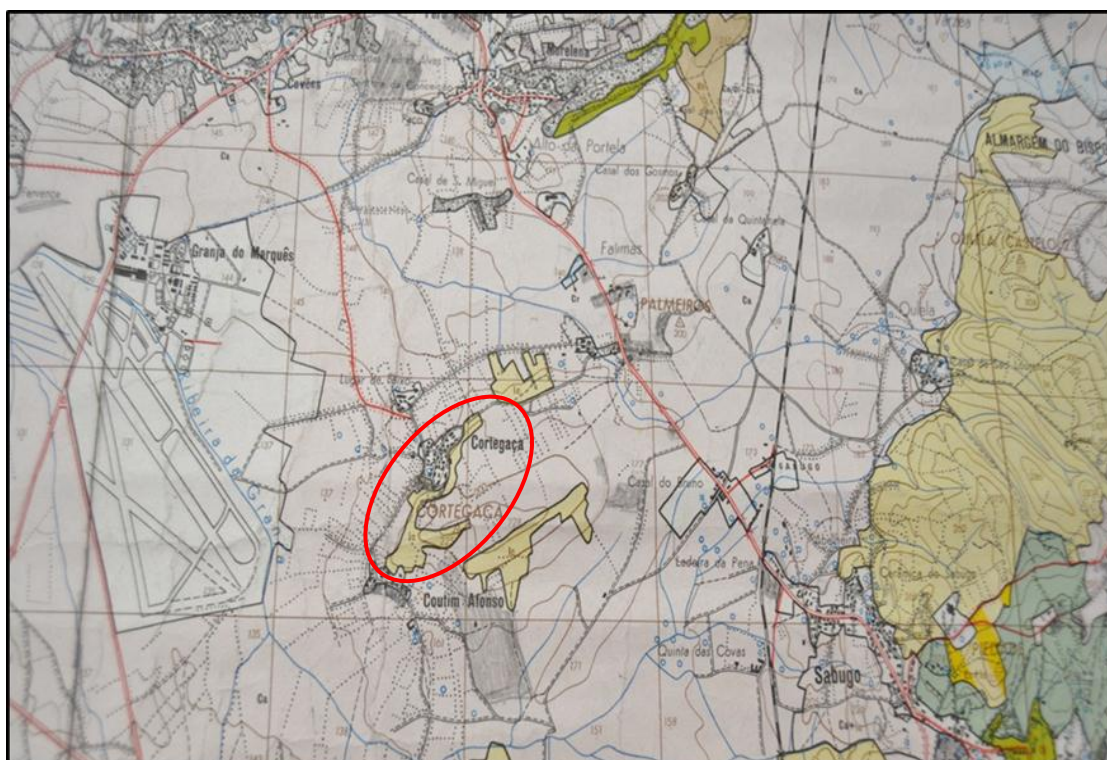


Figura 13 - Localização do Penedo da Cortegaça na *Carta Agrícola e Florestal de Portugal*, folha 416-1, Esc. 1:25.000, 1969.

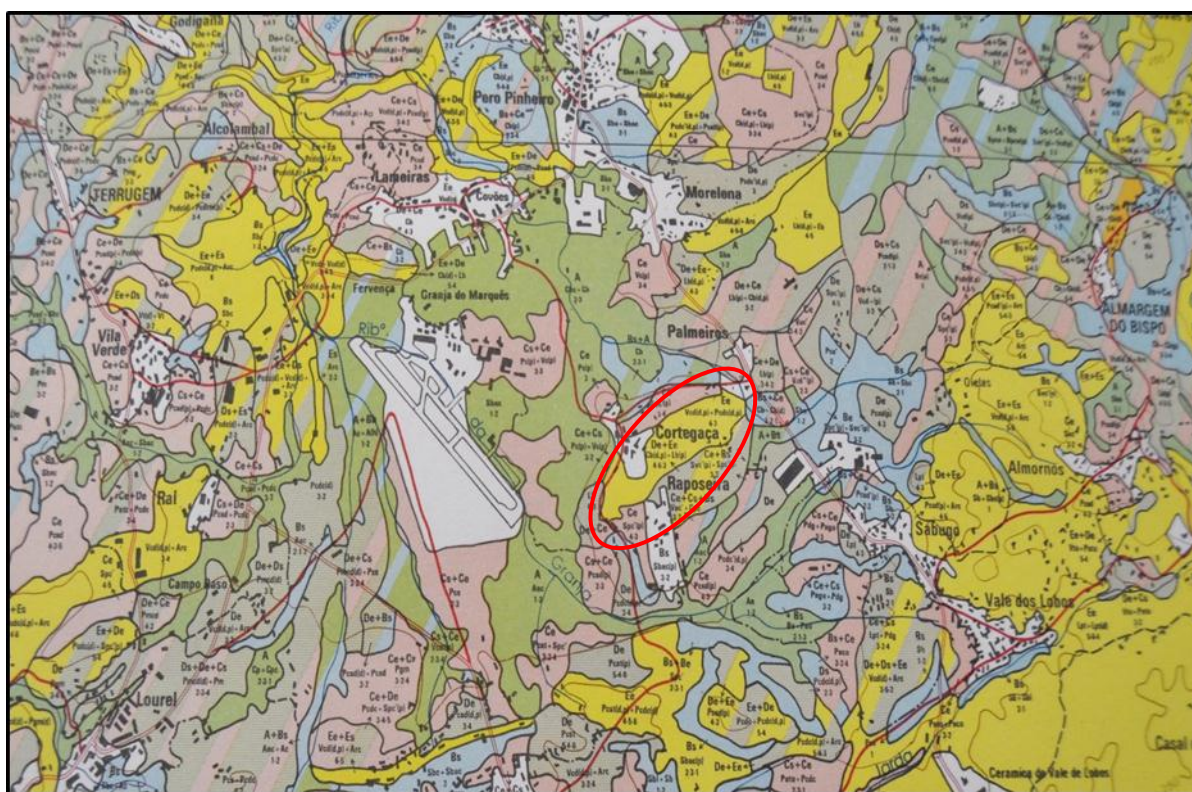


Figura 14 – Localização do Penedo da Cortegaça na *Carta de Capacidade de Uso do Solo*, folha 34-A, Esc. 1:50.000, 1995.

Utilizando a perspectiva do modelo "site catchment", tentou-se aferir dados sobre a exploração territorial da área envolvente ao povoado, procurando situar zonas de captação de recursos imprescindíveis para a vida daquelas comunidades. Teresa Simões já havia empregue este método com o mesmo objectivo para o sítio de São Pedro de Canaferim, em plena Serra de Sintra. Com efeito, o Penedo da Cortegaça está na zona potencialmente atractiva, mais ou menos a duas horas de distância do Castelo dos Mouros, onde as populações poderiam obter sílex, ali abundante (Simões, 1997, p.123).

No território envolvente à Cortegaça, num raio de cerca de 5km, existem vários tipos de solo. Atendendo às grandes classes, representadas nas *Cartas de Solos e de Capacidade de Uso do Solo* (1994) que determinam a capacidade e viabilidade de uso do solo podemos contabilizar as seguintes situações espaciais:

- Solos com aptidão agrícola elevada, susceptíveis de utilização intensiva – Granja do Marquês, Fervença, Morelena, Pêro-Pinheiro, Lourel, Alargem do Bispo, Algueirão (casos pontuais);

- Solos com capacidade agrícola moderadamente intensiva – algumas zonas de Pêro-Pinheiro, Montelavar, Vale das Flores, alguns terrenos da actual freguesia de São João das Lampas, entre outros;
- Solos com aptidão agrícola mediana e de carácter pouco intensivo – Lameiras, Sabugo, Carrasqueira e Lourel.
- Solos não susceptíveis de serem agricultados, com grandes limitações e que podem ser aproveitados como pastagens e matos – Olelas, Vale de Lobos, Alcolombal de Baixo, Cortegaça, Campo Raso, Mercês, Mira-Sintra, entre outros.

As áreas circundantes ao povoado apresentam pois, grande variedade de tipos de solo, com declives pouco acentuados. Um agricultor pré-histórico teria que se deslocar no máximo 5 km para cultivar, percurso que lhe custaria cerca de 1h, ida e volta, mais o tempo útil de lavrar a terra (2/3h), possivelmente com ajuda de tracção animal. Especial importância para as comunidades humanas instaladas no Penedo da Cortegaça teriam os solos barrentos e argilosos, mais pesados e ricos em matéria-orgânica, junto a linhas de água, especialmente na planície da Granja do Marquês (muito próxima do povoado) e os terrenos em redor da Ribeira de Fervença. Ambos exemplos hoje em dia são utilizadas e vocacionadas para o cultivo de leguminosas e de cereais.



Figura 15 - Área de captação de recursos do Penedo da Cortegaça (base cartográfica - *Carta Militar de Portugal*, folhas 416 e 402, Esc. 1:25.000, IGEO, 2005).

Assim, a área do povoado possuía não só os recursos marinhos (ribeiras) como também os recursos ditos terrestres, como os pastos, as zonas mais densas de mato para a caça, obtenção de madeira, produtos silvícolas, e os terrenos ricos em matéria orgânica, favoráveis à agricultura.

2.3 Ambiente natural

As comunidades que se instalaram no Penedo da Cortegaça podiam desfrutar de panóplia de recursos: as linhas de água relativamente próximas dos afluentes da ribeira de Cheleiros, os solos produtivos no terreno aluvionar da Granja do Marquês, as espécies animais e vegetais (caça, recollecção), os pastos para a pastorícia e por último, as ocorrências de sílex presentes dentro da área do povoado, proporcionando assim, a existência de oficinas de talhe.

O coberto vegetal predominante seria constituído por carvalhos, sobreiros (em zonas de solos com sílica), carrascos e zambujeiros (típicos dos solos calcários), formando áreas florestais importantes para a economia das sociedades neolíticas e calcolíticas.

O estudo dos vestígios carpológicos exumados em Lameiras e São Pedro de Canaferrim, recentemente divulgado por Inés López-Dóriga e por Teresa Simões (5º Congresso do Neolítico Peninsular, 2011), confirma a prática de cultivo de várias espécies alimentares: leguminosas (ervilha, lentilha, feijocas), cereais (trigo, cevada), plantas silvestres (malva, aveia, papoila) e frutos. Ambos sítios datam do Neolítico Antigo, encontrando-se próximos do povoado do Penedo da Cortegaça, sobretudo o lapíás de Lameiras, sendo possivelmente contemporâneos de parte da ocupação daquele. A recollecção de frutos, bagas, plantas silvestres e mel constituíam recursos complementares importantes para as comunidades pré-históricas, aumentando assim a panóplia de alimentos para a sua sobrevivência, tirando vantagem do armazenamento de alguns deles em grandes recipientes cerâmicos fechados (vasos em forma de saco, potes), encontrados um pouco em todos os registos arqueológicos das sociedades de agricultores-pastores do Neolítico estremenho.

O clima seria *“ameno, mais frio e seco nos períodos correspondentes ao desenvolvimento dos glaciares nas regiões setentrionais de Portugal”* (Cardoso, 2000, p.13). A fertilidade das terras das várzeas de Sintra, com especial destaque para a Granja do Marquês, irão proporcionar às populações a possibilidade de lavrar série de “talhões” agrícolas.

Actualmente, a paisagem caracteriza-se pela presença de campos de culturas cerealíferas, algumas leguminosas, pinhal-bravo, eucaliptos, oliveiras, sobreiros, entre outro coberto vegetal. A região apresenta invernos chuvosos e verões secos, oferecendo clima

ameno, providenciado pela proximidade ao mar e pelos agentes naturais que compõem o “micro-clima” da Serra de Sintra.

2.4 Descoberta e história das investigações

O interesse pela Arqueologia da região de Sintra começou com os trabalhos levados a cabo pelos Serviços Geológicos de Portugal e mais tarde, por membros da Sociedade de Geografia de Lisboa. Entre os anos de 1940-80, escavou-se conjunto variado de sítios pré-históricos (habitacionais e funerários/rituais), tais como: Olelas, Negrals, Penha Verde, Praia da Samarra, Cortegaça, Castelo dos Mouros, entre outros (figura 16).



Figura 16 – Localização do sítio do Penedo da Cortegaça (segundo *Carta Arqueológica do Concelho de Sintra*, 1a fase, 1:50 000, 19-...)

Apesar de ser uma constante na bibliografia estremenha, pouco se conhece acerca do Penedo da Cortegaça, mercê da escassez de informação arqueológica publicada. Assim, tecer a sua história, torna-se tarefa complexa mas igualmente estimulante. Ele surge como um dos

muitos contextos habitacionais que caracterizam o Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa (Arnaud e Gamito, 1972; Gonçalves, 1979; Sousa, 1998, Simões, 1996). Em 1973, O. da V. Ferreira aponta vários sítios da Idade do Cobre da Estremadura portuguesa, que no seu entender já podem ser designados de “castros”. Nesse inventário consta o Penedo da Cortegaça e outros povoados conhecidos da região de Lisboa, como o de Liceia, o de Olelas e o da Parede (Figura 17). A propósito deste último, K. Spindler propõe a existência de uma cultura comum aos assentamentos do Neolítico Final da Península de Lisboa, que partilham o mesmo horizonte cultural, o então denominado “Grupo da Parede”, através da identificação de paralelismos na cultura material, protagonizado pelas cerâmicas de bordos denteados. O Penedo da Cortegaça não surge referido na obra de K. Spindler mas podemos inseri-lo nessa “cultura”, considerando os materiais que ali foram encontrados.

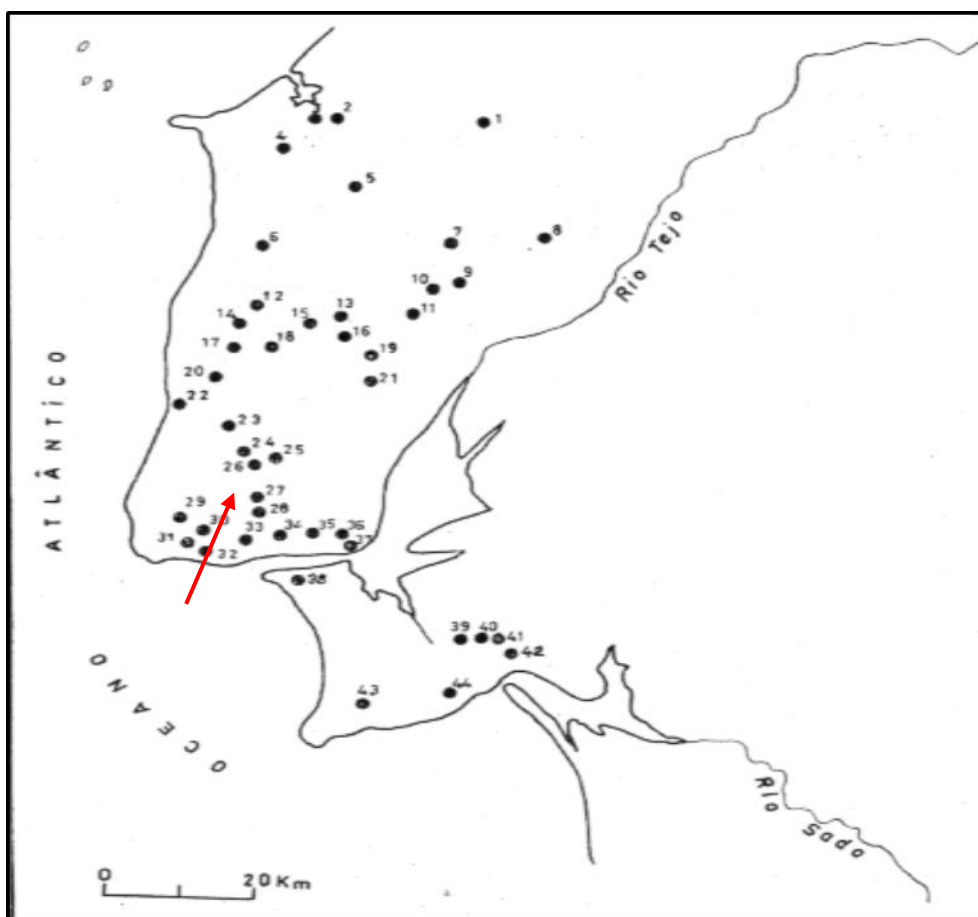


Figura 17 - Localização do Penedo da Cortegaça (26) no contexto dos “Castros da Estremadura” (segundo O. da V. Ferreira, 1973, p. 297, fig. 1).

Desde os finais do século XX até à actualidade, tem-se verificado um aumento de sítios no registo arqueológico referente à Estremadura Portuguesa. De facto, as últimas três décadas, a atenção dada aos assentamentos pré-históricos aumentou, seja através da re-contextualização de sítios já escavados, como no aparecimento de novos dados sobre a presença das comunidades humanas na Península de Lisboa. Relativamente ao estudo de povoados abertos, como assim indica ser o caso da Cortegaça, este encontra-se ainda pouco desenvolvido, em comparação com os grandes povoados fortificados, como Linceia, Parede e Alto do Dafundo (Sousa, 1998).

A abordagem crono- espacial elaborada por Ana Catarina Sousa acerca do Neolítico Final e Calcolítico na área da Ribeira de Cheleiros, insere o Penedo da Cortegaça num dos três núcleos habitacionais daquela zona, em *“área com elevada aptidão agrícola de fácil acesso”* (Sousa, 1998, p. 69), situada *“entre a Ribeira de Fervença e a margem esquerda da Ribeira de Cheleiros, juntando-se a outros sítios, como Anços e Alto do Montijo”* (Sousa, 1998, p. 67).

O Penedo da Cortegaça foi descoberto por Gil Miguéis de Andrade e João José Fernandes Gomes em Julho de 1956 (Andrade e Gomes, 1959), tendo sido alvo de quatro campanhas de escavação, entre 1964 e 1967, dirigidas por aquele segundo investigador e financiadas pela Fundação Calouste Gulbenkian através de bolsas de estudo. João Fernandes Gomes foi membro da Secção de Arqueologia, da Sociedade de Geografia de Lisboa, Vice-Presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses, durante dez anos, e director do Museu Hipólito Cabaço, em Alenquer. Destacou-se no estudo de povoados calcolíticos, como é o caso do povoado de Carnaxide, de grutas da região de Lisboa e de contextos pré-históricos da região de Alenquer.

Dos trabalhos arqueológicos efectuados no Penedo da Cortegaça, resultou publicação sobre os utensílios de osso (Gomes, 1971), mas onde refere a abundância de espólio ali exumado.

Os materiais de osso (vinte e cinco na totalidade) foram analisados e problematizados quanto à sua função e significado, classificando-os em dois grupos: instrumentos domésticos ou de uso quotidiano, tais como espátulas, polidores, agulhas, furadores, cabos, e mágico-religiosos, com carácter ritual e ideológico. Segundo J. J. F. Gomes (1971, p.195), entre os artefactos de osso exumados na Cortegaça, contam-se: sete espátulas, cinco agulhas ou pontas e cinco cabos para utensilagem diversa. A estes juntam-se dois possíveis polidores e furador, encontrados durante as prospecções ulteriores e que daremos a conhecer.

Ao apresentar genericamente o sítio, o autor refere a abundância de cerâmica que se opõe à “*escassez de artefactos de osso, sílex e rochas básicas*” (Gomes, 1971, p.193). Por outro lado, revela ter encontrado vários exemplares de “*mós e de «manuárias» (...) uma ponta de seta e (...) 3 ou 4 fragmentos de machados*” (Gomes, 1971, p.194).

Alguns anos mais tarde, no âmbito da apresentação de materiais depositados no Museu Hipólito Cabaço (Alenquer), o mesmo autor, dá a conhecer algumas cerâmicas decoradas do Penedo da Cortegaça, comparando-as com outras encontradas em contextos habitacionais similares, como é o caso da Pedra de Ouro (Alenquer) e do povoado de Olelas, referindo: “*Nesta estação, todo o espólio é, caracteristicamente coevo do estrato I de Olelas e não comporta qualquer elemento atribuível à «cultura campaniforme»...*” (Gomes, 1978, p. 115).

Do conjunto, então exposto por J. J. F. Gomes, apenas são apresentados nove fragmentos de taças com bordo denteado (figura 18) e seis fragmentos de recipientes cerâmicos decorados com os motivos denominados «folha de acácia» (figura 19). Conforme referi anteriormente, o paradeiro dos materiais provenientes dos trabalhos de escavação, do qual fazem parte as cerâmicas decoradas mencionadas no artigo acima, é desconhecido.

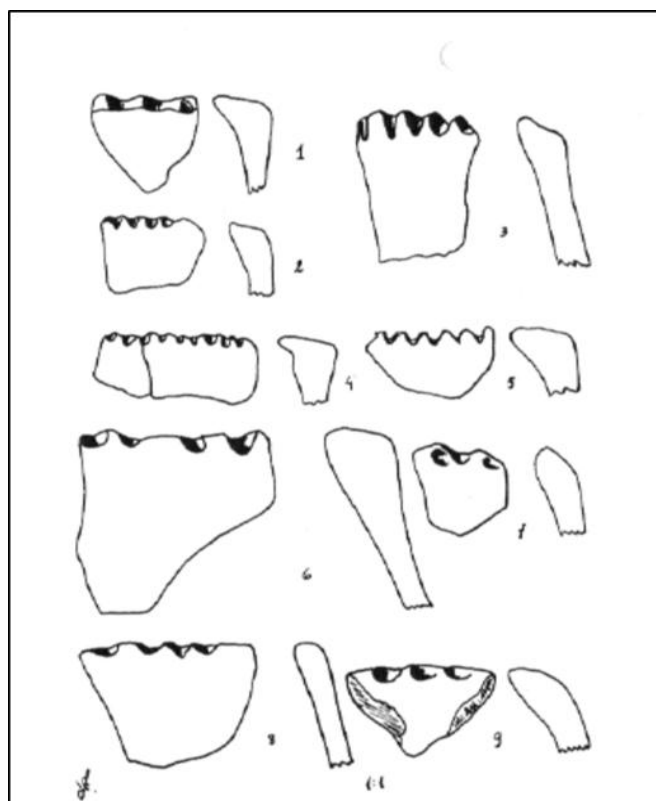


Figura 18 – Cerâmicas com bordos denteados do Penedo da Cortegaça (Gomes, 1978, p. 124, fig.4).

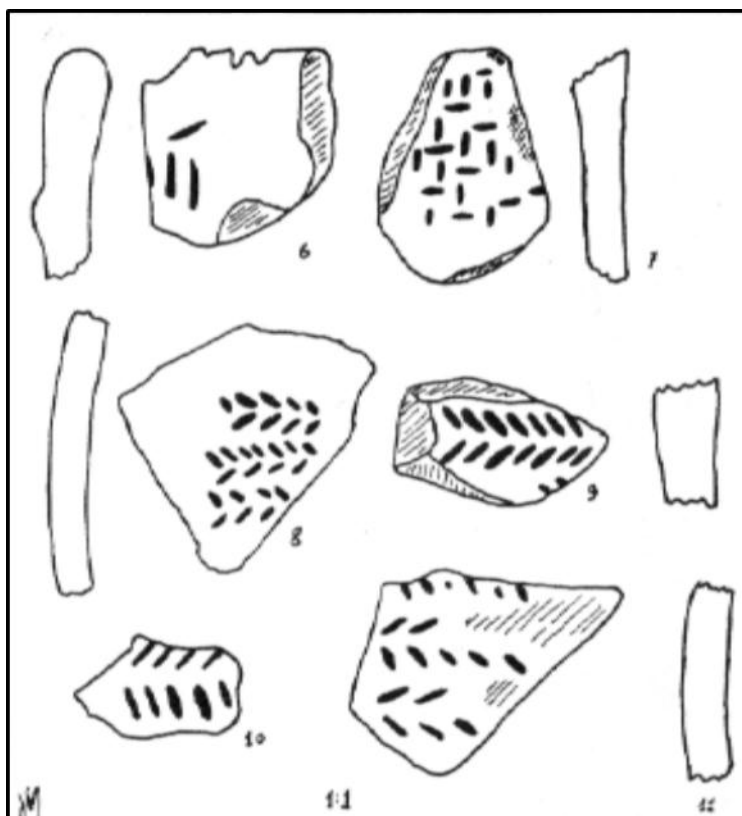


Figura 19 – Cerâmicas com decoração em “folha de acácia” do Penedo da Cortegaça (Gomes, 1978, p.123, fig.3)

Depois das quatro campanhas de escavação referidas, das quais não possuímos dados metodológicos, testemunhos gráficos ou notas sobre estruturas e materiais exumados, o Penedo da Cortegaça foi alvo de sucessivas prospecções arqueológicas durante os anos 80 e 90 do século passado, graças ao esforço da equipa de Arqueologia do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, em Sintra. A quantidade e a variedade de materiais recolhidos atestam a intensa ocupação do sítio e as diversas actividades que nele ocorreram, com especial destaque para o talhe do sílex.

Fruto do esquecimento e da acção antrópica intensiva, nomeadamente devido à actividade de uma pedreira, o povoado da Cortegaça encontra-se hoje totalmente destruído e serve como acesso para terrenos agrícolas e edifícios privados, ou como depósito de lixo doméstico e industrial.

3. METODOLOGIA

Atendendo à tese de Shanks e Tilley (1993, p.88) sobre “*o significado simbólico e social da produção e do uso dos artefactos*”, torna-se flagrante a necessidade de utilizar essas materialidades para compreendermos as sociedades do passado.

Aquando da escolha do tema para elaboração da presente dissertação, procedeu-se à pesquisa de toda a informação arqueológica possível para "recriar" a história do povoado e das comunidades que nele habitaram. Assim, tentou-se efectuar intensa recolha bibliográfica, desde relatórios de escavação, a artigos, obras gerais, cartografia e documentação gráfica antiga (fotografias e desenhos/plantas do sítio). Deste modo, contactou-se o Departamento de Arqueologia Preventiva e de Acompanhamento do IGESPAR, onde se tem acesso aos relatórios de trabalhos arqueológicos. Esta procura resultou apenas num único processo existente no IGESPAR, relativamente ao pedido de autorização efectuado por João José Fernandes Gomes para iniciar a escavação do sítio arqueológico do Penedo da Cortegaça. Através do Portal do Arqueólogo (antigo Endovélico) foi possível inventariar onze sítios próximos do povoado e integráveis no Neolítico e Calcolítico, nomeadamente oito assentamentos do tipo povoado/habitat (Olelas, Negrais, Serra da Barreira, Anços, Morelena, Alto do Montijo, Armés e Lapiás de Lameiras), uma necrópole (Folha das Barradas) e uma anta (Pedras da Granja).

A par desta investigação também se procedeu a nova prospecção do sítio, tentando observar algumas evidências arqueológicas, nomeadamente a existência de estruturas e de materiais arqueológicos. No entanto, aquele encontra-se totalmente destruído, embora se tenha recolhido restos de talhe de sílex, aspecto interessante que importa para a compreensão da sua dinâmica ocupacional, conforme adiante trataremos.

Relativamente à estratégia de ocupação do espaço, tentou-se abordar os factores que podem ter influenciado à escolha daquele para a implantação do povoado, tais como a existência e proximidade de recursos naturais (solos agrícolas férteis, minerais, linhas de água, etc...), visibilidade envolvente e proximidade com outros assentamentos humanos coevos. Para tal, consultou-se a cartografia existente: *Carta Militar de Portugal* (1:25.000), *Carta Geológica de Portugal* (1:50.000), *Carta de Capacidade de Uso do Solo*

Agrícola (1:50.000), *Carta Agrícola e Florestal de Portugal* (1:25.000) e também cartografia arqueológica diversa.

Como foi referido no capítulo anterior, pouco se sabe sobre este arqueossítio, pelo menos numa perspectiva arqueológica contextualizada pois, não existe qualquer leitura estratigráfica, plantas ou desenhos de estruturas habitacionais e são escassas as referências concretas ao seu espólio.

A importância de estudar e de “reconstruir” o quotidiano das comunidades que se instalaram no Penedo da Cortegaça é importante se pensarmos na lacuna que constitui a investigação dos povoados não fortificados da Estremadura. Assim, o objectivo principal deste estudo é procurar respostas para a ocupação humana daquele arqueossítio, através do estudo dos materiais arqueológicos, uma vez que a produção de artefactos e o seu manuseamento não são mais do que aspectos comportamentais das sociedades que os preconizaram.

O grupo maioritário do espólio acessível do povoado da Cortegaça é a cerâmica, como acontece em qualquer registo arqueológico da Pré-História Recente, seguindo-se-lhe a pedra lascada, também abundante, tendo em conta a natureza do conjunto, apenas proveniente de recolhas de superfície.

O conjunto artefactual a que tive acesso, actualmente depositado no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (MASMO), compreende o espólio proveniente de prospecções, nomeadamente o doado, em 1992, pelo Engenheiro A. Monge Soares e os materiais recolhidos pela equipa do MASMO, nos anos de 1992, 1996 e 1997. Estes provêm de terras revolvidas na periferia da pedreira que se encontra implantada na extensão do povoado e que causou a sua total destruição.

Naqueles trabalhos foram recolhidas trezentas e uma peças, das quais foram analisadas cento e trinta e quatro. Optou-se por não descrever minuciosamente, nem fotografar ou desenhar, os fragmentos de fauna malacológica (quinze no total), os dois fragmentos de objectos indeterminados e as cento e cinquenta e uma paredes lisas de recipientes cerâmicos, aos quais não foi possível atribuir uma forma. Estes serão abordados sinteticamente no capítulo relativo à discussão do espólio, uma vez que todo o artefacto contém informação.

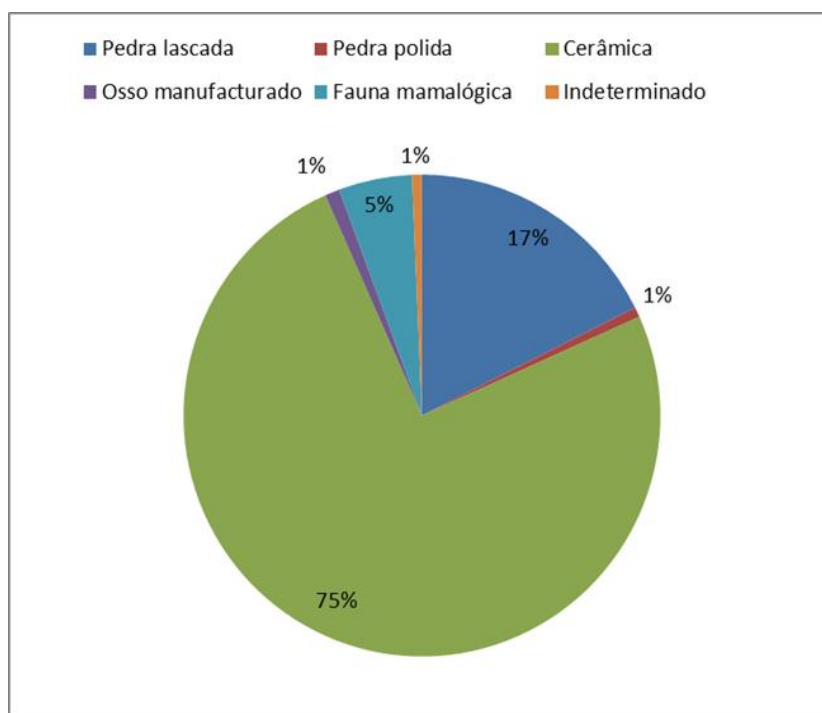


Gráfico 1 – Espólio recolhido durante as prospecções.

A metodologia adoptada passou primeiramente pela elaboração de catálogo do espólio, seguindo os parâmetros que permitem caracterizar formal e funcionalmente cada testemunho. Com efeito, seguimos a constatação de que *“cada conjunto de artefactos tem um conjunto de procedimentos analíticos para o seu estudo, devendo a análise ser desenvolvida para a resposta a problemas específicos no estudo de um determinado contexto pré-histórico”* (Bicho, 2006).

Os testemunhos artefactuais foram divididos em quatro grandes grupos: pedra lascada, pedra polida, cerâmica e osso. A inventariação destes, levada a cabo pela equipa técnica do MASMO, compreende os seguintes itens: proveniência (abreviatura do sítio, PEC = Penedo da Cortegaça), cronologia (NC = Neolítico/Calcolítico), ano da prospecção e número da peça. Optou-se por manter a identificação e as siglas já atribuídas, uma vez que servem perfeitamente para a sua actual apresentação. Quanto aos índices cromáticos dos materiais, utilizou-se a escala das *Munsell Soil Color Charts* (1994), que deve ser entendida como aproximada.

Os desenhos e fotografias das peças são da autora. A passagem a tinta e o tratamento digital dos desenhos, em *Corell Draw X5*, ficaram a cargo da Mestre Catarina Bolila. A representação gráfica das cerâmicas cingiu-se às peças que permitiram a sua reconstituição

formal, totalizando sessenta e cinco exemplares. Dos artefactos de pedra lascada foram seleccionados os que se encontram inteiros ou revelam retoque, contando-se trinta e quatro desenhos. Quanto aos dois fragmentos de artefactos de pedra polida, estes apenas foram fotografados. Os materiais em osso foram todos desenhados (três). O registo fotográfico contempla as peças com mais interesse visual e as representativas, como as cerâmicas decoradas, alguns produtos debitados com retoque e o único exemplar inteiro de artefacto de osso.

Serão apresentados gráficos e tabelas para traduzir os dados recolhidos, sobretudo na determinação de formas cerâmicas (abertas, fechadas, carenadas, copos), na distinção da constituição das pastas e cores das superfícies e de modelos decorativos, nas formas e retoques dos líticos, no número de utensílios específicos que podem indicar uma certa actividade económica, etc.

Os critérios descritivos adoptados para cada uma das classes de artefactos são os seguintes:

Pedra lascada - Foram analisados 53 artefactos, provenientes das prospecções realizadas em 1992, 1996 e 1997. Tivemos em consideração a distinção tipológica daqueles, procedendo-se à sua divisão em três grupos (núcleos, produtos debitados, como lascas, lâminas, lascas retocadas, raspadeiras, furadores, e resíduos de talhe).

A proposta analítica para o conjunto teve como alicerce o modelo sugerido por António Faustino de Carvalho para o estudo do talhe da pedra Pré-História recente (2008) e a formação “Introdução à Indústria Lítica: Aplicação Prática” (2011), frequentada pela signatária sob a orientação do Doutor Telmo Pereira, adequando-os ao universo artefactual, algo diacrónico, do povoado da Cortegaça.

Na análise dos núcleos (total de 14) seguiram-se diversos parâmetros, como preservação, matéria-prima, cor, tipo de produto debitado, estado do núcleo, forma e tipo de núcleo, plataforma, ausência/presença de córtex, presença/ausência de negativos e arestas dos levantamentos, presença/ausência de ondulações nas superfícies de debitage e, por último, a medição (comprimento, largura e espessura média).

Atributos como, classificação tipológica, preservação, matéria-prima, cor, presença e localização do córtex, secção, morfologia dos bordos, perfil, talão, bolbo, retoque e as medidas (comprimento, largura e espessura média) foram seleccionados para a descrição dos produtos debitados, que se verificaram bastante diversificados.

Quanto aos resíduos de talhe, a sua abordagem será mais geral, tendo em conta aspectos como a matéria-prima, a cor e o peso. Ao contrário do restante catálogo, estas peças serão apresentadas em tabela, uma vez que a sua análise não se pretende exaustiva;

Pedra polida – Nas prospeções realizadas no Penedo da Cortegaça apenas foram encontrados dois fragmentos de artefactos de pedra polida, ambos de anfibolito. A fracturação das peças impede a sua classificação tipológica mas podemos inferir, embora com algumas reservas, de que seriam objectos de gume, machados, enxós ou goivas. A análise destes artefactos obedeceu a atributos como matéria-prima, estado de conservação, acabamento do gume e do corpo, traços de utilização e medidas (comprimento, largura e espessura);

Cerâmica – Foram analisadas 83 fragmentos de cerâmicas. Procedeu-se à sua descrição dado ser possível determinar a forma, a partir de bordos e fundos, mas também de outros que mostram decoração.

A bibliografia existente sobre cerâmicas do Neolítico e do Calcolítico é vasta, estando compiladas em várias monografias. A nível formal e decorativo, foram consultados os trabalhos de João Luís Cardoso (1994; 1996), Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (1976-77), de Ana Catarina Sousa (1996; 2010) e, por último, de Teresa Simões (1996).

A metodologia adoptada para o estudo desta classe artefactual seguiu os parâmetros que permitem caracterizar formal e funcionalmente cada peça. Assim, devemos atender à forma do bordo, à secção do lábio, aos elementos não plásticos (ENP), à sua constituição e granulometria, à cor do núcleo das paredes e das superfícies (interior e exterior), ao tratamento das paredes, às decorações e às dimensões como o diâmetro do bordo e a espessura média das paredes.

Classifiquei os e.n.p. como de grão muito fino quando mostram diâmetros de 0,25 mm a 0,35 mm (A), de fino (B) se mostrarem entre 0,35 mm e 0,50 mm, de grão fino a médio quando apresentam diâmetros de 0,50 mm a 0,71 mm, de grão médio (D) os elementos que variam entre 0,71 mm e 1 mm, de grão médio a grosseiro os componentes com valores entre 1,00 mm e 1,41mm e por último, de grão grosseiro (F) os que apresentam dimensões superiores àquelas (seg. *Forster*).

A análise das pastas e dos seus componentes (elementos não plásticos) permitirá a distinção de diferentes tipos produções.

Artefactos de osso - Foram recolhidos três utensílios de osso, nomeadamente, um furador e dois possíveis polidores, ambos fragmentados. Os critérios utilizados para descrever este tipo de material resultam da combinação dos estudos efectuados por Maria da Silva Salvado, para os utensílios em osso de várias estações arqueológicas da Península de Lisboa (2004), e os elementos que fui assimilando durante o meu percurso académico. Deste modo, foram escolhidos os seguintes descritores: a classificação tipológica, a identificação do osso e da espécie animal, a forma, a secção, a conservação, o tipo de afeição, a cor da pátina e medidas (comprimento, largura e espessura média).

Apesar da condição natural que caracteriza o material osteológico, este reduzido conjunto, encontra-se bem preservado. Geralmente, estes artefactos são afeiçãoados por polimento e perfuração. Nos utensílios do Penedo da Cortegaça verifica-se apenas a técnica de polimento.

3.1 Principais questões e problemáticas

O estudo monográfico de qualquer sítio arqueológico acarreta sempre uma série de questões relacionadas com o "quando?", "quem?" e "porquê?". Estas levantam ainda mais interesse no caso do povoado da Cortegaça, tendo em conta a sua aparente diacronia cronológica, significando hábitos culturais diferentes (modos de vida, estratégia de povoamento, actividades económicas e socais, etc.). É de realçar, novamente, a fragilidade da leitura arqueológica que dispomos para o estudo deste sítio, já destruído. Não é possível averiguar com exactidão a área do povoado, uma vez que não existe registo de estruturas, nem desenhos que nos possam dar uma configuração ou planta da disposição do habitat destas comunidades. Centraremos pois, a nossa abordagem numa perspectiva funcional e económica da cultura material e do próprio espaço, decifrando a paisagem e os seus recursos.

Na altura da divulgação dos materiais de osso e das cerâmicas decoradas, exumados durante os trabalhos de escavação no Penedo da Cortegaça, J. J. F. Gomes (1971, p.194) refere a sua "(...) *feição ante-campaniforme* (...)", apoiando-se na ocorrência de dois indicadores vulgarmente apontados como artefactos-tipo e fósseis directores, a cerâmica com bordos denteados e decorada a "folha de acácia". Assim, situaríamos a ocupação do sítio no Neolítico final e no Calcolítico (Inicial e Pleno), considerando o "tempo de vida" daqueles

artefactos no registo arqueológico estremenho. Por outro lado, os restantes materiais recolhidos, que constituem o objecto de estudo da presente dissertação, enquadram-se na transição do final do Neolítico para os primórdios do Calcolítico. Contudo, contam-se alguns fragmentos cerâmicos nomeadamente: dois exemplares com cordões plásticos, uma porção de asa decorada por impressões ovais, um fragmento de bordo com decoração impressa e incisa e um furador em xisto silicioso, susceptíveis de se integrarem no designado Neolítico Antigo Evolucionado.

Relativamente à problemática da escolha deste sítio para estabelecimento de determinada comunidade, precisamos de examinar as diferentes modalidades de espaço e a estratégia de povoamento que elas encerram. É precisamente na face dita "evolucionada" do Neolítico Antigo que as populações, outrora fixadas junto ao litoral e com uma vida económica itinerante, vão progredir para o "hinterland", procurando zonas altas (como a cumeada do Penedo da Cortegaça), com boas defesas naturais, solos mais pesados e argilosos para intensificarem a sua agricultura, demonstrando sedentarização mais forte do que anteriormente. Durante o Neolítico Médio, observamos genericamente uma maior preferência por solos mais pobres, coincidentes com a prática da pastorícia, que começa a ganhar mais força nesta altura, como acontece nos terrenos a Sul de Cortegaça. A cerâmica perde alguma da sua carga simbólica e decorativa, deixa de ser novidade e apresenta-se maioritariamente lisa, exceptuando a decoração constituída por linhas incisas abaixo do bordo (dois fragmentos na colecção do MASMO). Estas sociedades produtoras de alimentos irão atingir o seu auge no Neolítico Final, consolidando a sua economia, aumentando a sua actividade agro-pastoril com a introdução do arado, do carro, da tracção animal e de outros instrumentos ("revolução dos produtos secundários"). A cultura material diversifica-se e multiplica-se, aparecendo a taça carenada, os grandes potes com elementos plásticos (mamilos sob o bordo) e as taças de bordo denteado. O espólio recolhido nas prospecções vai ao encontro destas formas, assim como a visibilidade estratégica que passa a ser importante na vida da população pois, os excedentes começam a crescer e é necessário protegê-los, assegurando pontos altos na paisagem que possam ser vigiados e controlados. A fase de transição do Neolítico final para o Calcolítico será a ocupação mais intensa do povoado da Cortegaça, a julgar pela quantidade de materiais recolhidos. Como qualquer fase de transição, notam-se mudanças e transformações, no quotidiano e certas práticas intensificam-se. Os bens geram riqueza e consequentemente significam perigo, fazendo com que as comunidades fortifiquem o seu

povoado. Aqui no Penedo da Cortegaça, poderiam não ter que o fazer uma vez que já desfrutavam dos penedos rochosos altos e de boa panorâmica sobre a área envolvente.

A dinâmica ocupacional e humana do povoado da Cortegaça está inteiramente ligada à adaptação da economia de produção às condicionantes de carácter geográfico (clima, tipo de localização, solos, ribeiras, recursos cinegéticos, etc.), criando fenómenos de regionalização, observáveis dentro da própria Estremadura, mais concretamente, nas Penínsulas de Lisboa e de Setúbal. O actual concelho de Sintra mostra grupos com cerâmica, práticas económicas e outros aspectos em comum, mas que exploram o meio natural das mais variadas maneiras (Simões, 1997).

3.2 Os testemunhos

O estudo das "materialidades" do passado (cultura material) é efectivamente o meio de nos aproximarmos das sociedades antigas que outrora ocuparam o nosso espaço e o moldaram à sua concepção e modo de vida. Com efeito, a cerâmica, capaz de traduzir a vida económica daquelas comunidades humanas e a sua dieta e hábitos alimentar, através da quantificação e variedade de formas cerâmicas. A ocorrência de determinada forma/tipologia de peça, fornece-nos dados sobre mudanças que por si só identificam processos de transformação cultural. Tomemos como exemplo, o aparecimento de pratos durante o Neolítico Médio, que a par de outros indícios, argumentam a introdução da componente cereal e vegetal na vida alimentar daquela comunidade, assim como a presença de "panelas" ou "caçoilas" para cozinhar a carne e preparar os "ensopados", aproveitando ainda mais as proteínas e os lípidos desses alimentos.

Como foi referido anteriormente, para o ensaio re-contextualizante que se pretende com a presente dissertação, pouco são os conhecimentos sobre o povoado do Penedo da Cortegaça.

Os testemunhos directos ao nosso dispor são pois, os materiais uma vez que não existe registo estratigráfico nem datações absolutas. Por conseguinte, será através da sua análise e interpretação que obteremos cronologias, embora que relativas, mas importantes e necessárias para a compreensão da dinâmica humana, cultural e ocupacional deste assentamento, recorrendo a "artefactos-tipo" ou de "fósseis directores" exumados de contextos bem conhecidos, procurando paralelos com o povoado da Cortegaça.

4. CATÁLOGO DOS MATERIAIS

4.1 *Pedra lascada*

4.1.1 Núcleos

Núcleo de lamelas (PEC/NC/92/69) – Fragmento de núcleo ou flanco, de sílex, com cor cinzenta (2.5Y 4/1). Oferece forma prismática, com plataforma facetada, possuindo levantamentos para a obtenção de lamelas, sendo visíveis as arestas na frente de debitage. Encontra-se exausto. Mede 1,8 cm de comprimento, 1,8 cm de largura e a espessura média é de 0,7 cm.

Núcleo de lamelas (PEC/NC/92/79) – Em sílex de cor cinzenta clara com manchas castanhas (7.5YR 7/1). Apresenta forma de bloco, com secção poligonal, oferecendo plataforma facetada. Conserva parte da superfície cortical. A frente de debitage mostra negativos com arestas de extracção de lamelas. Encontra-se quase exausto. Mede 4,1 cm de comprimento, 2,7 cm de largura e a espessura média é de 2,2 cm.

Núcleo de lascas (PEC/NC/92/92) – Em sílex, de cor castanha clara algo acastanhada (10YR 5/2). Apresenta forma prismática, oferecendo plataforma cortical. A frente de debitage mostra negativos com arestas de extracção de lascas. Encontra-se quase exausto. Mede 3,5 cm de comprimento, 3,5 cm de largura e a espessura média é de 2,7 cm.

Núcleo de lamelas (?) (PEC/NC/92/93) – Fragmento de núcleo, de sílex, com cor cinzenta acastanhada (7.5 YR 5/2). As fracturas impedem a sua classificação morfológica. Contudo, a frente de debitage mostra negativos com arestas que parecem sugerir a obtenção de lamelas. Encontra-se exausto. Mede 2,3 cm de comprimento, 1,2 cm de largura máxima e a espessura média é de 1,4 cm.

Núcleo de lamelas (PEC/NC/92/99) – Fragmento de núcleo, de sílex, com cor cinzenta clara com manchas beges (2.5Y 6/2). Apresenta plataforma cortical. Mostra alguns negativos com arestas de extracção de lamelas na frente de debitage. Encontra-se exausto. Mede 3,6 cm de comprimento, 2,9 cm de largura máxima e a espessura média é de 1,7 cm.

Núcleo de lascas (PEC/NC/92/100) – Fragmento de núcleo em sílex, de cor cinzenta com manchas beges (2.5Y 4/2). Apresenta forma prismática, oferecendo plataforma cortical. São visíveis os negativos com arestas de extracção de lascas. Encontra-se exausto. Mede 2,3 cm de comprimento, 2 cm de largura máxima e a espessura média é de 1,2 cm.

Núcleo de lamelas (PEC/NC/92/114) – Fragmento de núcleo, de sílex, com cor cinzenta acastanhada (10YR 5/1). Este é prismático, oferecendo plataforma facetada. A frente de debitage mostra poucos negativos com arestas de extracção de lamelas. Parece ter sido abandonado por defeitos de talhe. Mede 2,3 cm de comprimento, 1,7 cm de largura máxima e a espessura média é de 1,8 cm.

Núcleo de lamelas (PEC/NC/92/115) – Em sílex, de cor castanha com manchas cinzentas (7.5YR 4/2). Apresenta forma de bloco, com secção poligonal e oferece plataforma cortical. São visíveis os negativos com arestas de extracção das lamelas, assim como as ondas de percussão. Encontra-se quase exausto. Mede 3,5 cm de comprimento, 2,3 cm de largura e a espessura média é de 2 cm.

Núcleo de lascas (PEC/NC/92/116) – Em sílex, de cor cinzenta com manchas castanhas claras (10YR 5/2) e algumas vermelhas (7.5YR 5/2). Apresenta forma de bloco, com secção trapezoidal, algo irregular, oferecendo plataforma lisa. São visíveis alguns negativos com arestas da extracção de lascas. Encontra-se quase exausto. Mede 4,6 cm de comprimento, 4,3 cm de largura e a espessura média é de 2,1 cm.

Núcleo de lascas (PEC/NC/92/117) – Fragmento de núcleo, de sílex, com cor cinzenta com manchas beges e verdes (5Y 5/2). A frente de debitage mostra alguns

negativos com arestas de levantamento de lascas. Encontra-se exausto. Mede de comprimento 4 cm, 3,6 cm de largura máxima e a espessura média é de 2,1 cm.

Núcleo de lascas PEC/NC/92/118 – Fragmento de núcleo em sílex, de cor castanha clara com manchas cinzentas (10YR 5/2). Apresenta forma de bloco, com secção poliédrica, algo irregular. Não conserva plataforma. Observam-se alguns negativos com arestas de extracção de lascas e as respectivas ondulações. Encontra-se exausto. Mede 2,9 cm de comprimento, 3 cm de largura máxima e a espessura média é de 2,3 cm.

Núcleo de lamelas (PEC/NC/92/124) – Em quartzo leitoso de cor branca (7.5YR 8/1). Apresenta forma de bloco, com secção poligonal. Conserva superfície cortical. São visíveis negativos com arestas dos levantamentos. Encontra-se exausto. Mede 2,1 cm de comprimento, 2,2 cm de largura e a espessura média é de 1,6 cm.

Núcleo de lascas (PEC/NC/92/125) – Em sílex de, cor cinzenta acastanhada (7.5YR 4/1). Conserva córtex nas duas faces. Apresenta forma de bloco, com secção paralelepipedica, algo irregular. Observam-se alguns negativos com arestas da extracção de lascas. Encontra-se quase exausto. Mede 3,9 cm de comprimento, 3,7 cm de largura e a espessura média é de 2,5 cm.

Núcleo de lamelas (PEC/NC/92/126) – Fragmento de núcleo, de sílex, com cor bege com manchas castanhas e laranjas (10YR 7/3). Este é prismático, oferecendo plataforma cortical. A frente de debitage exibe negativos com arestas da debitage de lamelas. Parece ter sido abandonado por defeitos de talhe. Mede 4,7 cm de comprimento, 1,7 cm de largura máxima e a espessura média é de 1,7 cm.

Núcleo de lamelas (PEC/NC/92/127) – Fragmento de núcleo em sílex, de cor bege com manchas cinzentas (7.5 YR 7/2). Apresenta forma de bloco, com secção prismática, algo irregular. Conserva córtex em ambas faces. Observam-se alguns negativos dos levantamentos com arestas da debitage de lamelas. Encontra-se quase exausto. Mede 3 cm de comprimento, 4,7 cm de largura máxima e a espessura média é de 3 cm.

4.1.2 Produtos debitados

Furador (PEC/NC/92/65) – Aproveita lasca de sílex, com cor castanha clara e manchas beges (7.5YR 5/3). Apresenta contorno triangular e secção poliédrica. Conserva restos de córtex na extremidade distal. Mostra retoques contínuos e subverticais no bordo esquerdo, quase constituindo denticulado, e o bordo direito exhibe retoques contínuos também subverticais. Ambos bordos evidenciam sinais de utilização. Mede 4,1 cm de comprimento, 2,3 cm de largura máxima e a espessura média é de 1 cm.

Furador (PEC/NC/92/76) – Utiliza lasca de xisto silicioso, de cor verde, com manchas castanhas escuras (5Y 3/1). Conserva restos do bolbo de percussão e da superfície cortical. Apresenta contorno e secção trapezoidais. Mostra dois bordos que convergem em ponta, retocados através de levantamentos oblíquos e contínuos, um deles sugerindo denticulado. Mede 5,6 cm de comprimento, 3,1 cm de largura máxima e a espessura média é de 0,7 cm.

Furador (PEC/NC/92/106) – Utiliza lasca de sílex, de cor castanha com manchas cinzentas e vermelhadas (5YR 5/4). Conserva superfície cortical no volume proximal de ambas faces. Apresenta secção trapezoidal. Mostra dois bordos que convergem em ponta, retocados através de levantamentos oblíquos e contínuos. Exhibe sinais de utilização no bordo esquerdo. Mede 3 cm de comprimento, 2,9 cm de largura e a espessura média é de 1,2 cm.

Denticulado (PEC/NC/92/66) – Utiliza lasca em sílex de cor bege, com manchas rosadas (2.5Y 8/4). Apresenta contorno trapezoidal e secção oval. O reverso corresponde à superfície cortical. Mostra retoques subverticais e contínuos em ambos bordos. Mede 5,8 cm de comprimento, 3 cm de largura máxima no volume proximal e a espessura máxima é de 1,6 cm.

Lasca (PEC/NC/92/67) – De sílex, com cor castanha acinzentada (7.5 YR 5/2). Apresenta contorno sub-triangular e secção trapezoidal, assim como dois bordos convergentes, terminando em ponta. Contém superfície cortical e não conserva bolbo de

percussão. Mostra retoques oblíquos e contínuos, em ambos bordos, e sinais de utilização. Mede 2,8 cm de comprimento, 3 cm de largura e a espessura média é de 1 cm.

Raspador carenado (PEC/NC/92/68) – Utiliza lasca em sílex, de cor castanha clara (7.5YR 7/1). Apresenta contorno e secção trapezoidais. Mostra retoques regulares e contínuos, tal como sinais de utilização. Mede 2,9 cm de comprimento, 2,2 cm de largura e a espessura máxima é de 1,1 cm.

Lâmina (PEC/NC/92/72) – Fragmento correspondente ao volume mesial. Utiliza sílex de cor cinzenta com manchas beges (2.5Y 6/2). Apresenta secção trapezoidal. Os bordos, paralelos, mostram retoques sub-verticais e contínuos, quase constituindo denticulado no bordo esquerdo, evidenciando ambos sinais de utilização. Mede 3,1 cm de comprimento, 1,8 cm de largura máxima e a espessura média é de 0,3 cm.

Lâmina (PEC/NC/92/73) – Fragmento correspondente aos volumes distal e mesial. Utiliza sílex de cor cinzenta algo acastanhada (10YR 5/2). Apresenta secção trapezoidal. Os bordos são convergentes, terminando em fractura na extremidade distal. Ambos bordos exibem retoques sub-verticais e contínuos, quase constituindo denticulado, mostrando sinais de utilização. Mede 2,6 cm de comprimento, 1,3 cm de largura máxima, no volume mesial e a espessura média é de 0,5 cm.

Lâmina (PEC/NC/92/74) – Fragmento correspondente ao volume mesial. Utiliza sílex de cor cinzenta clara (5Y 7/1). Apresenta secção triangular. Mostra retoques sub-verticais e contínuos no bordo direito, quase constituindo denticulado. São visíveis sinais de utilização no bordo esquerdo. Mede de comprimento 2,7 cm de comprimento, 1,3 cm de largura máxima e a espessura média é de 0,3 cm.

Lâmina (PEC/NC/92/75) – Fragmento correspondente ao volume proximal. Utiliza sílex de cor cinzenta com manchas castanhas (2.5Y 6/2). Apresenta secção trapezoidal. Conserva bolbo de percussão, oferecendo talão facetado. Ambos bordos, paralelos, exibem

sinais de utilização. Mede 2 cm de comprimento, 1,8 cm de largura máxima e a espessura média é de 0,6 cm.

Lâmina (PEC/NC/92/77) – Fragmento correspondente ao volume proximal. Utiliza sílex de cor cinzenta (2.5Y 7/2). Apresenta secção triangular. Conserva bolbo de percussão, oferecendo talão liso. Ambos bordos mostram retoques oblíquos e contínuos, reconhecendo-se, no bordo esquerdo, sinais de utilização. Mede 2 cm de comprimento, 1,8 cm de largura máxima e a espessura média é de 0,5 cm.

Elemento de foice (PEC/NC/92/78) – Utiliza lasca pequena e espessa em sílex de cor cinzenta (10YR 4/1). Apresenta contorno e secção trapezoidais. Mostra retoques contínuos e sub-verticais em ambos bordos, constituindo denticulados. Ambos bordos exibem sinais de utilização. Mede 3 cm de comprimento, 1,5 cm de largura máxima no volume mesial e a espessura média é de 0,8 cm.

Lasca (PEC/NC/92/94) – Fragmento correspondente ao volume mesial. Talhada em sílex, de cor castanha avermelhada (5YR 4/3), conservando superfície cortical na face dorsal. Apresenta secção trapezoidal. Ambos bordos mostram sinais de utilização e retoques contínuos e irregulares. Mede 2,4 cm de comprimento, 1,1 cm de largura máxima e a espessura média é de 0,5 cm.

Lasca (PEC/NC/92/98) – Encontra-se fragmentada no bordo direito. Talhada em sílex de cor cinzenta clara (2.5YR 7/2), conservando superfície cortical na face dorsal. Apresenta secção oval. Exibe retoques subverticais e contínuos no bordo esquerdo, tal como sinais de utilização. Mede 3,2 cm de comprimento, 1,9 cm de largura máxima e a espessura média é de 1 cm.

Buril (PEC/NC/92/101) – Utiliza lasca de sílex, de cor cinzenta escura com algumas manchas castanhas (7.5YR 4/1). Conserva bolbo e ondas de percussão. Ambos bordos, que convergem em ponta na extremidade proximal, mostram retoques contínuos e oblíquos, assim

como, sinais de utilização. Mede 3,1 cm de comprimento, 2,3 cm de largura e a espessura média é de 0,6 cm.

Lasca (PEC/NC/92/102) – Fragmento correspondente ao volume proximal de lasca. Talhada em sílex de cor cinzenta acastanhada (10YR 4/1). Conserva córtex na reverso. Apresenta secção triangular. Talão e bolbo ausentes devido a esquirolamento. Mede de comprimento 2,5 cm, 2,2 cm de largura máxima proximal e a espessura média é de 0,7 cm.

Lasca (PEC/NC/92/103) – Fragmento correspondente ao volume mesial de lasca. Talhada em sílex de cor cinzenta (5Y 6/1). Os bordos convergem em ponta, mostrando retoques oblíquos. O bordo esquerdo mostra sinais de utilização. Mede 4,9 cm de comprimento, 2,3 cm de largura máxima e a espessura média é de 0,7 cm.

Lasca (PEC/NC/92/104) – Em sílex de cor cinzenta com manchas amarelas (2.5Y 6/2). Apresenta contorno circular e secção trapezoidal. Contém córtex em ambas faces nas extremidades mesial e proximal do bordo direito. Conserva bolbo de percussão, com as ondulações bastante nítidas, e talão liso. Exibe retoques subverticais no bordo esquerdo assim como sinais de utilização. Mede 1,9 cm de comprimento, 2,1 cm de largura e a espessura média é de 1 cm.

Lâmina ovóide (?) (PEC/NC/92/105) – Fragmento correspondente ao volume proximal. Talhada em sílex translúcido de cor castanha acinzentada (10YR 5/2). Apresenta secção triangular. Conserva bolbo, ondas de percussão e talão punctiforme. Ambos bordos exibem retoques subverticais e contínuos, sendo que o bordo esquerdo mostra sinais de utilização. Mede 2,6 cm de comprimento, 2,5 cm de largura máxima e a espessura média é de 0,7 cm.

Lasca (PEC/NC/92/107) – Fragmento correspondente ao volume mesial de lasca. Talhada em sílex, de cor vermelha clara com manchas castanhas e acinzentadas (10YR 5/3). Apresenta secção algo triangular. Conserva córtex na superfície dorsal. O bordo esquerdo mostra retoques abruptos, contínuos e oblíquos, enquanto o bordo direito exhibe retoques

verticais. Ambos bordos sugerem sinais de utilização. Mede 1,7 cm de comprimento, 2,7 cm largura máxima e a espessura média é de 0,9 cm.

Lasca (PEC/NC/92/108) – De sílex, com cor cinzenta clara (5Y 8/2). Apresenta secção triangular e perfil encurvado. Mostra dois bordos, convergentes, terminando em ponta, retocados através de levantamentos verticais e contínuos, assim como sinais de utilização. Mede 2 cm de comprimento, 0,9 cm de largura máxima, no volume mesial, e a espessura média é de 0,5 cm.

Buril (PEC/NC/92/109) – Utiliza lasca de sílex, com cor cinzenta acastanhada (10YR 5/1). Apresenta secção trapezoidal, algo irregular. Conserva bolbo de percussão. O bordo esquerdo exhibe retoques contínuos e subverticais, sugerindo denticulado, e sinais de utilização. Mede 2,7 cm de comprimento, 1,5 cm de largura e a espessura média é de 0,6 cm.

Lasca (PEC/NC/92/112) – Fragmento correspondente aos volumes distal e mesial. Talhada em sílex, de cor cinzenta com manchas beges (2.5Y 6/2). Contém superfície cortical no bordo direito e apresenta secção trapezoidal, algo irregular. Exhibe retoques contínuos e verticais no bordo esquerdo e na extremidade distal, assim como sinais de utilização. Mede 2,9 cm de comprimento, 1,9 cm de largura máxima e a espessura média é de 1,3 cm.

Lasca (PEC/NC/92/113) – Em sílex, de cor bege acinzentada (7.5YR 7/3). Mostra retoque oblíquo e regular e sinais de utilização no bordo esquerdo. Mede 1,9 cm de comprimento, 1,9 cm de largura e a espessura média é de 1,6 cm.

Lasca (PEC/NC/92/120) – Fragmento correspondente ao volumes mesial de lasca. Talhada em sílex de cor castanha (10YR 3/2). Apresenta secção triangular. Mostra alguns sinais de utilização. Mede 2,1 cm de comprimento, 2,3 cm de largura máxima e a espessura média é de 1 cm.

Lasca (PEC/NC/92/121) – Fragmento correspondente ao volume mesial de lasca. Talhada em sílex de cor castanha escura (10YR 3/2). Apresenta secção algo triangular. Mostra alguns sinais de utilização. Mede 2,2 cm de comprimento, 1,6 cm de largura máxima e a espessura média é de 0,5 cm.

Lasca (PEC/NC/122) – Fragmento correspondente aos volumes mesial e proximal. Talhada em sílex de cor bege (2.5Y 8/3). Contém superfície cortical no volume mesial e apresenta secção trapezoidal. Conserva bolbo de percussão e talão esmagado. Ambos bordos exibem retoques contínuos e verticais, quase constituindo denticulados, oferecendo sinais de utilização. Mede 5,5 cm de comprimento, 4 cm de largura e a espessura média é de 1,8 cm.

Lasca (PEC/NC/92/130) – Fragmento correspondente ao volume mesial de lasca. Talhada em sílex de cor castanha acinzentada (7.5YR 5/1). Apresenta secção triangular. Mede 2,5 cm de comprimento, 2,9 cm de largura máxima e a espessura média é de 1 cm.

Lâmina (PEC/NC/96/1) – Fragmento correspondente ao volume mesial. Utiliza sílex de cor castanha escura com manchas esverdedas (2.5Y 3/3). Apresenta secção trapezoidal. Exibe retoques contínuos e sinais de utilização em ambos bordos. No bordo direito mostra retoques semi-abruptos, formando denticulado. Mede 1,7 cm de comprimento, 2,1 cm de largura máxima e a espessura média é de 0,5 cm.

Raspador (PEC/NC/96/2) – Fragmento correspondente aos volumes proximal e mesial de raspador. Utiliza lasca de sílex, com cor cinzenta escura e com manchas castanhas (7.5YR 4/1). Apresenta secção triangular. Ambos bordos exibem retoques subverticais e contínuos, tal como sinais de utilização. Mede 3,1 cm de comprimento, 3 cm de largura máxima e a espessura média é de 1,2 cm.

4.1.3 Resíduos de talhe

Referência	Matéria-prima	Cor	Peso
PEC/NC/92/97	Sílex	Castanha avermelhada (2.5YR 4/4)	2,80 g
PEC/NC/92/110	Sílex	Castanha acinzentada (7.5YR 5/2)	5,02 g
PEC/NC/92/111	Sílex	Castanha com manchas cinzentas claras (10YR 5/2)	4,27 g
PEC/NC/92/119	Sílex	Vermelha acastanhada (2.5YR 5/3)	1,41 g
PEC/NC/92/123	Sílex	Vermelha acinzentada (2.5YR 4/2)	3,55 g
PEC/NC/92/128	Sílex	Castanha clara com manchas beges (7.5YR 6/3)	5,18 g
PEC/NC/92/129	Sílex	Castanha (5YR 5/2)	5,14 g
PEC/NC/92/131	Sílex	Castanha clara com manchas cinzentas (7.5YR 6/2)	4,01 g

4.2 Pedra polida

Artefacto indeterminado (PEC/NC/92/70) – Fragmento correspondente ao volume distal. Afeiçãoado em anfibolito, de cor cinzenta escura (2.5Y 5/1). Oferece contorno e secção triangulares. Mostra dois bordos convergentes em ponta, evidenciando sinais de utilização. O bordo esquerdo encontra-se fracturado e o bordo direito apresenta levantamentos contínuos e oblíquos. Mede 3,2 cm de comprimento, 3,2 cm de largura máxima e a espessura média é de 1,9 cm.

Artefacto indeterminado (PEC/NC/92/95) – Fragmento correspondente ao volume distal, afeiçãoado em anfibolito de cor cinzenta, com manchas verdes (7.5Y 4/1). Encontra-se fracturado na face ventral, assim como no bordo direito. Oferece secção triangular. Exibe sinais de utilização. Mede 4,2 cm de comprimento, 2,9 cm de largura máxima e a espessura média é de 0,9 cm.

4.3 Cerâmica

Taça hemisférica (PEC/NC/92/1) – Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. O bordo é subvertical, oferecendo lábio biselado. Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos (biotite), de grão fino (B). O núcleo tem cor castanha (10YR 5/3) e ambas as superfícies apresentam cor castanha (10YR 5/3). Media 20,4 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,5 cm.

Taça hemisférica (PEC/NC/92/2) - Fragmento correspondente a porção do bordo. Este é ligeiramente espessado exteriormente, oferecendo lábio de secção circular. Foi fabricada com pasta muito homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão muito fino (A). O núcleo tem cor castanha clara (10YR 3/4) e ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha escura (10YR 3/2). Media 10 cm de diâmetro no bordo

Taça hemisférica (PEC/NC/92/3) – Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. O bordo é espessado exteriormente, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino (B). O núcleo tem cor castanha com manchas acinzentadas (10YR 4/2) e ambas as superfícies apresentam cor castanha clara (7.5YR 5/8). Media 13,3 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 1cm.

Taça hemisférica (?) (PEC/NC/92/4) – Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. O bordo é espessado, algo aplanado na parte superior e oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta muito homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos (biotite), de grão muito fino (A). O núcleo tem cor castanha escura (10YR 4/1) e ambas superfícies apresentam cor castanha (7.5YR 3/4). Media 23 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 1,1 cm.

Taça carenada (?) (PEC/NC/92/5) - Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. O bordo é extrovertido, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino (B). O núcleo das paredes oferece cor castanha escura (10YR 3/1) e ambas superfícies apresentam cor castanha (10YR 3/4). É possível que possuísse carena, algo acusada. Media 16 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,6 mm.

Taça hemisférica (PEC/NC/92/6) - Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Oferecia forma achatada. O bordo é algo extrovertido, mostrando lábio recto. Foi fabricada com pasta pouco homogénea e pouco compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio (B/C). O núcleo das paredes apresenta cor cinzenta (7.5YR 5/2) e ambas superfícies apresentam cor castanha acinzentada (10YR 4/2). Media 18,7 cm de diâmetro no bordo. A espessura média das paredes é de 0,6 cm.

Taça (PEC/NC/92/7) - Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Esta teria forma em calote. O bordo é ligeiramente espessado, oferecendo lábio plano. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, oferecendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino (B). O núcleo das paredes tem cor castanha (10YR 4/4) e ambas superfícies apresentam cor castanha amarelada (10YR 5/4). Media 15,4 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,7 cm.

Taça (PEC/NC/92/8) - Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Esta teria forma truncocónica. O bordo é espessado e extrovertido, com a parte superior plana e oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino (B). O núcleo tem cor castanha escura (7.5YR 2/2) e ambas superfícies apresentam cor castanha escura (7.5YR 4/3). Media 19,9 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,9 cm.

Taça (PEC/NC/92/9) - Fragmento correspondente a porção do bordo. Esta teria forma elipsóide. O bordo é plano, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão muito fino (A). Tanto a superfície interior da parede como o núcleo, mostram uma cor castanha amarelada (10YR 4/3). A superfície exterior da parede apresenta cor castanha acinzentada (10YR 4/2). Media 14 cm de diâmetro no bordo.

Taça hemisférica (PEC/NC/92/10) - Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. O bordo é vertical, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e algo compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio (C). O núcleo mostra cor castanha alaranjada (10YR 5/8) e ambas superfícies apresentam cor castanha amarelada (10YR 5/6). Media 28 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 1 cm.

Taça (PEC/NC/92/12) - Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Esta teria forma semi-elipsóide. O bordo é afilado, oferecendo lábio em bisel. Foi fabricada com pasta muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão muito fino (A). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes, algo alisadas, apresentam cor castanha (2.5YR 4/6). Media 11,1 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,6 cm.

Taça (PEC/NC/92/13) - Fragmento correspondente a porção do bordo. Esta teria forma em calote. O bordo é afilado, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão muito fino (A). O núcleo das paredes mostra cor castanha algo acinzentada (5YR 4/2) e ambas superfícies, muito bem alisadas, apresentam cor vermelha (5YR 4/6). Media 17,1 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,6 cm.

Taça (PEC/NC/92/14) - Fragmento correspondente a porção do bordo. Esta teria forma em calote. O bordo é espessado exteriormente, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta muito homogénea e compacta, contendo elementos não

plásticos, quartzosos e micáceos, de grão muito fino (A). O núcleo e ambas superfícies, alisadas e depuradas, apresentam cor castanha (2.5 YR 4/6). Media de diâmetro no bordo 14 cm. A espessura média das paredes é de 0,7 mm.

Taça hemisférica (PEC/NC/92/15) - Fragmento correspondente a porção do bordo. Este é vertical e oferece lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e semi-compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão médio (C). O núcleo mostra cor negra (2.5YR 3/2) e a ambas superfícies apresentam cor castanha escura (2.5 YR 3/1). Media 28,8 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,8 cm.

Vaso de forma indeterminada (PEC/NC/92/16) – Fragmento correspondente a porção de parede, com parte de perfuração de secção semicircular (“gato”). Foi fabricada com pasta muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão muito fino (A). O núcleo das paredes tem cor castanha escura (7.5YR 3/4) e ambas superfícies, algo alisadas, apresentam cor castanha (7.5YR 4/4). A espessura média das paredes é de 0,4 cm.

Taça hemisférica (PEC/NC/92/18) - Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. O bordo é vertical e possui lábio com secção semicircular. Foi fabricada com pasta algo homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino a médio (B/C). O núcleo das paredes mostra cor castanha (7.5YR 5/4) e ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha alaranjada (7.5YR 5/8). Media 14,5 cm de diâmetro do bordo e a espessura média das paredes é de 0,5 cm.

Taça hemisférica (PEC/NC/92/19) - Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. O bordo é vertical e oferece lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino (B). O núcleo tem cor vermelha acinzentada (2.5YR 4/2), a superfície exterior apresenta cor castanha acinzentada (10YR 4/2) e a superfície interior

mostra cor castanha escura (10YR 3/2). Media 20,2 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,6 cm.

Taça (PEC/NC/92/20) - Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Esta teria forma elipsóide. O bordo é vertical, oferecendo lábio de secção circular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino (B). O núcleo tem cor castanha avermelhada (5YR 5/8) e ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha clara (5YR 5/6). Media 13 de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,6 cm.

Taça (PEC/NC/92/21) - Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Esta teria forma em calote. O bordo é vertical, oferecendo lábio de secção circular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos de grão fino (B). O núcleo tem cor cinzenta acastanhada (7.5YR 4/1) e ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha seca (7.5YR 5/4). Media 15 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 1 cm.

Prato (PEC/NC/92/22) - Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. O bordo é espessado interior e exteriormente ou almendrado. Foi fabricado com pasta pouco homogénea mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino (B). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha (7.5YR 5/8). Media 24,5 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 1,2 cm.

Indeterminado (PEC/NC/92/24) - Fragmento correspondente a porção da parede do corpo, contendo mamilo de secção hemisférica. Foi fabricado com pasta pouco homogénea mas algo compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino, médio e grosso (B/D/F). O núcleo das paredes oferece cor castanha acinzentada (10YR 4/2) e ambas superfícies apresentam cor laranja (2.5YR 6/6). A espessura média das paredes é de 1,1 cm e o mamilo mede 2 cm de diâmetro.

Taça (PEC/NC/92/25) – Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede. Esta teria forma em calote. O bordo é ligeiramente extrovertido, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta pouco homogénea, mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio (B/D). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha clara algo alaranjada (7.5YR 5/8). Media 16 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,5 cm.

Taça (PEC/NC/92/26) – Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Esta teria forma em calote. O bordo é ligeiramente extrovertido, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta pouco homogénea, mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino a médio (A/C). O núcleo das paredes mostra cor castanha acinzentada (5YR 5/2) e a superfície interior tem cor castanha clara (7.5YR 5/3). A superfície exterior apresenta cor laranja escura (7.5YR 6/4). Media 12,9 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,6 cm.

Prato (PEC/NC/92/27) - Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Este teria forma hemisférica muito achatada. O bordo é vertical e oferece lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos de grão fino a média (B/D). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor vermelha clara (5YR 5/6). Media 22,4 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,9 cm.

Taça carenada (PEC/NC/92/28) - Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede, com arranque de carena. O bordo é oblíquo, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão muito fino (A). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha, com algumas manchas acinzentadas (7.5YR 5/3). Media 23 cm de diâmetro no bordo, a carena surge a 2,9 cm abaixo daquele. A espessura média das paredes é de 1 cm.

Taça carenada (PEC/NC/92/29) - Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. A carena é alta. O bordo é introvertido, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino (B). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha (7.5YR 5/8). Media 20 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,8 cm. A carena surge a 1,3 cm abaixo no bordo.

Taça carenada (PEC/NC/92/30) - Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. O bordo é vertical, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino (B). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha amarelada (10YR5/4). Media 24,2 cm de diâmetro no bordo 24 cm e a espessura média das paredes é de 1,2 cm. A carena surge a 3 cm abaixo no bordo.

Taça carenada (PEC/NC/92/31) - Fragmento correspondente a porção da parede do corpo com carena. Foi fabricada com pasta pouco homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão médio (C). O núcleo e a superfície interior da parede apresentam cor castanha algo avermelhada (5YR 5/6). A superfície exterior da parede tem cor castanha (10YR 4/4). A espessura média das paredes é de 1,8 cm.

Taça (PEC/NC/92/32) - Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Esta teria forma em calote. O bordo é extrovertido, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e algo compacta, contendo elementos não plásticos quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão muito fino (A). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha com manchas acinzentadas (7.5YR 5/8). Media 14,3 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,9 cm.

Taça carenada (PEC/NC/92/33) - Fragmento correspondente a porção de parede do corpo, contendo carena. Esta seria alta. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio (C). O núcleo

oferece cor cinzenta escura (7.5YR 4/2) e ambas superfícies apresentam cor castanha (10YR 4/4). A espessura média das paredes é de 1,5 cm.

Taça (PEC/NC/92/34) - Fragmento correspondente a porção do bordo. Esta teria forma em calote. O bordo é extrovertido, oferecendo lábio de secção circular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino (B). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha seca com algumas manchas acinzentadas (10YR 4/3). Media 12 cm de diâmetro no bordo.

Taça (PEC/NC/92/35) - Fragmento correspondente a porção do bordo. Esta teria forma em calote. O bordo é extrovertido, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta muito homogénea e compacta, oferecendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão muito fino (A). O núcleo tem cor castanha seca (7.5YR 5/3) e ambas superfícies apresentam cor castanha escura (10YR 3/3). Media 14 cm de diâmetro no bordo.

Vaso de forma indeterminada (PEC/NC/92/37) – Fragmento, muito rolado, correspondente a porção da parede, com arranque de fundo. Este poderia ser plano. Foi fabricada com pasta algo homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino a médio (B/C). Tanto o núcleo das paredes como ambas superfícies apresentam cor castanha avermelhada (5YR 5/8). A espessura média das paredes é de 1,2 cm.

Taça carenada (PEC/NC/92/38) - Fragmento correspondente a porção da parede do corpo com carena. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino (A). Tanto o núcleo das paredes como ambas superfícies apresentam cor castanha acinzentada (10YR 4/2). A espessura média das paredes é de 0,8 cm.

Vaso de forma indeterminada (PEC/NC/92/39) - Fragmento correspondente a porção da parede e fundo. Este é plano. Foi fabricado uma pasta muito homogênea e muito compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão muito fino (A). O núcleo das paredes tem cor castanha (10YR 4/4) e ambas superfícies apresentam cor castanha escura, com algumas manchas esverdeadas (2.5YR 3/3). Media 15,2 cm de diâmetro no fundo e a espessura média das paredes é de 0,9 cm.

Taça carenada (PEC/NC/92/40) - Fragmento correspondente a porção da parede do corpo, com arranque de carena. Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino (B). Tanto o núcleo das paredes como ambas superfícies apresentam cor castanha (7.5YR 4/6). A espessura média das paredes é de 0,7 cm.

Taça (PEC/NC/92/41) - Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Esta teria forma elipsóide. O bordo é extrovertido e oferece lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino (B). O núcleo das paredes mostra cor castanha acinzentada (7.5YR 4/1) e ambas superfícies apresentam cor castanha, com manchas amareladas (10YR 4/3). Media 20,2 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 1 cm.

Taça (PEC/NC/92/42) – Fragmento correspondente a porção da parede e fundo. Este é plano. Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos de grão fino (B). O núcleo tem cor cinzenta com algumas manchas esverdeadas (5Y 4/2) e ambas superfícies das paredes apresentam cor cinzenta escura (5Y 4/3). Media 20 cm de diâmetro do fundo e a espessura média das paredes é 0,7 cm.

Prato (PEC/NC/92/43) - Fragmento correspondente a porção do bordo, da parede e do fundo. O bordo é ligeiramente espessado e algo extrovertido, oferecendo lábio de secção semicircular. O fundo era aplanado. Foi fabricada com pasta muito homogênea e compacta,

contendo elementos não plásticos, de grão muito fino (A). O núcleo tem cor castanha escura (10YR 3/1) e ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha (10YR 4/6). Media 20 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,7 cm.

Vaso de forma indeterminada (PEC/NC/92/44) - Fragmento correspondente a porção da parede do corpo e do fundo. Este era plano. Foi fabricado com pasta muito homogênea e muito compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino (B). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha (10 YR 4/6). Media 18 cm de diâmetro no fundo e a espessura média das paredes é de 0,9 cm.

Taça (PEC/NC/92/46) - Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Esta teria forma elipsóide. O bordo é espessado, interna e externamente, tem a parte superior plana e o lábio com secção semicircular. Apresenta, na superfície exterior do lábio, punção que lhe confere o aspecto denteado. Foi fabricada com pasta muito homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartozos, micáceos e feldspáticos, de grão muito fino (A). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha (7.5YR 5/8). Media 12 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,4 cm.

Taça (PEC/NC/92/47) – Fragmento correspondente a porção do bordo. Esta teria forma elipsóide. O bordo é ligeiramente espessado e extrovertido, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta pouco homogênea mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos de grão fino, médio e grosseiro (B/D/F). O núcleo mostra cor castanha (7.5YR 5/3) e ambas superfícies das paredes apresentam cor vermelha (5YR 5/6). Media 10 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,5 cm.

Taça (PEC/NC/92/48) – Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. O bordo é extrovertido, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos de

grão muito fino (A). O núcleo mostra cor castanha clara (5YR 5/6). A superfície exterior da parede apresenta cor cinzenta escura (2.5 YR 4/2) e a superfície interior tem cor castanha amarelada (10YR 5/3). Media 12 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,7 cm.

Taça carenada (PEC/NC/92/49) – Fragmento correspondente a porção da parede do corpo, oferecendo carena. Foi fabricada com pasta pouco homogénea mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio (B/C). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha (10YR 4/6). A espessura média das paredes é de 1,3 cm.

Taça (PEC/NC/92/50) – Fragmento, muito rolado, correspondente a porção da parede e do fundo. Este é plano. Foi fabricada com pasta algo homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos de grão fino a médio (B/C). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha clara (5YR 5/6). Media 10 cm de diâmetro no fundo e a espessura média das paredes é de 0,7 cm.

Taça carenada (PEC/NC/92/51) – Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. O bordo é ligeiramente introvertido, oferecendo lábio de secção semicircular. A carena é baixa. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão muito fino (A). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha acinzentada (10YR 4/2). Media 13,1 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,7 cm. A carena surge 1,6 cm abaixo do bordo.

Taça hemisférica (PEC/NC/92/52) - Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo, conservando parte de mamilo horizontal. O bordo é extrovertido, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta muito homogénea e muito compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão muito fino (A). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor verde (7.5YR 4/3). Media 18,2 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,6 cm.

Vaso esférico (PEC/NC/92/53) – Fragmento correspondente a porção da parede do corpo, contendo asa vertical, com perfuração horizontal. Foi fabricado com pasta homogênea e algo compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio (B/C). O núcleo das paredes oferece cor castanha acinzentada clara (10YR 4/2) e ambas superfícies apresentam cor castanha avermelhada (2.5YR 5/8). Exibe decoração incisa em torno do elemento plástico, constituída por conjunto de linhas paralelas. A asa mede 3,6 cm de comprimento e 2,2 cm de largura máxima. A espessura média das paredes é de 1 cm.

Vaso esférico (PEC/NC/92/54) – Fragmento correspondente a porção de parede do corpo, conservando parte de asa. Foi fabricado com pasta algo homogênea mas pouco compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão médio (C). O núcleo oferece cor castanha, algo acinzentada (5YR 4/2) e ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha acinzentada (7.5YR 4/2), mostrando decoração formada por impressões ovais. A espessura média das paredes é de 0,9 cm.

Vaso esférico (PEC/NC/92/55) - Fragmento correspondente a porção do bordo. Este era vertical e possuía lábio de secção semicircular. Foi fabricado com pasta muito homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos (biotite) e feldspáticos, de grão muito fino (A). O núcleo tem cor castanha acinzentada (7.5YR 4/2) e ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha escura (10YR 3/2). Exibe decoração impressa, constituída por círculos e ovais irregulares dispostos em quatro linhas abaixo do bordo. Medida 19 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 1,1 cm.

Pote (PEC/NC/92/56) - Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogênea e algo compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino (B). O núcleo das paredes oferece cor castanha clara, com algumas manchas cinzentas (7.5YR 5/8) e ambas superfícies, bem alisadas, apresentam cor vermelha acastanhada (5YR 5/4). Exibe decoração plástica constituída por cordão horizontal. A espessura média das paredes é de 2 cm.

Pote (PEC/NC/92/57) - Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogênea e algo compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino a médio (B/C). O núcleo das paredes tem cor castanha escura (10YR 3/2) e ambas superfícies apresentam cor castanha (10YR 4/4). Exibe decoração plástica, constituída por cordão arqueado disposto na horizontal. A espessura média das paredes é de 2,2 cm.

Taça (PEC/NC/92/58) - Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Esta teria forma em calote. O bordo é espessado, ligeiramente extrovertido e denteado, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta pouco homogênea mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino, médio e alguns grosseiros (B/C/E). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha clara (7.5YR 5/6). Mostra decoração impressa, constituída por denteados com secção semicircular, criando uma linha ondulada no espessamento do bordo, espaçados entre si (0,2 cm). Media 20,5 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,8 cm.

Vaso de forma indeterminada (PEC/NC/92/60) – Fragmento, muito rolado, correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta pouco homogênea mas algo compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos (biotite), de grão fino (B). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha avermelhada (5YR 5/4). Exibe decoração incisa e impressa, não muito nítida, nomeadamente duas linhas horizontais paralelas encontrando-se, no interior do espaço por elas definido, diversas impressões oblíquas. A espessura média das paredes é de 0,8 cm.

Vaso de forma indeterminada (PEC/NC/92/61) - Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta não muito homogênea mas algo compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e feldspáticos, de grão médio (C). O núcleo das paredes oferece cor castanha clara (7.5YR 5/6) e ambas superfícies apresentam cor castanha (7.5YR 5/4). Exibe decoração impressa, constituída por duas linhas convergentes não unidas mas definindo triângulo, a partir das quais se gravaram pequenos traços paralelos entre si. A espessura média das paredes é de 1,1 cm.

Vaso de forma indeterminada (PEC/NC/92/62) - Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta não muito homogênea mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio e alguns grosseiros (C/D). Tanto o núcleo como a superfície interior das paredes têm cor cinzenta escura (2.5YR 4/2). A superfície exterior apresenta cor castanha algo amarelada (10YR 5/3). Exibe decoração incisa, constituída por sulco, algo profundo, abaixo do bordo. A espessura média das paredes é de 0,9 cm.

Taça hemisférica (PEC/NC/92/63) – Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. O corpo teria forma achatada. O bordo é espessado e extrovertido, com a parte superior plana e oferecendo lábio em bisel. Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino a médio (B/C). Tanto o núcleo das paredes como ambas superfícies apresentam cor castanha clara (10YR 5/8). Exibe decoração incisa, constituída por linha situada a 0,5 cm abaixo do bordo. Media 20 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,9 cm.

Vaso de forma indeterminada (PEC/NC/92/64) – Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogênea mas algo compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio (C). Exibe decoração impressa, constituída por pontuações e traços paralelos. Tanto o núcleo das paredes como a superfície interior das paredes apresentam cor cinzenta escura (2.5YR 4/2) e a superfície exterior tem cor castanha (2.5YR 4/4). A espessura média das paredes é de 1,5 cm.

Taça carenada (PEC/NC/92/80) – Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo, com carena acusada. O bordo é oblíquo, oferecendo lábio plano. Foi fabricada com pasta homogênea e algo compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio (C). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor laranja (10YR 6/3). Media 16,2 cm de diâmetro no bordo, a carena surge a 1,6 cm abaixo do bordo e a espessura média das paredes é de 0,8 cm.

Prato (PEC/NC/92/81) – Fragmento correspondente a porção do bordo, da parede do corpo e arranque do fundo. O bordo é extrovertido, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricado com pasta pouco homogénea mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos (biotite), de grão fino a médio (B/C). O núcleo mostra cor castanha (7.5YR 5/3) e ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha acinzentada (10YR 5/2). Media 20,4 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,7 cm.

Vaso de colo alto (PEC/NC/92/82) – Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. O bordo é ligeiramente espessado, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricado com pasta pouco homogénea mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino a médio (B/C/D). O núcleo das paredes mostra cor castanha (10YR 4/6). Ambas superfícies das paredes apresentam cor vermelha acastanhada (5YR 5/4). Media 13,9 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,7 cm.

Prato (PEC/NC/92/83) – Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. O bordo é ligeiramente espessado, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino (B). O núcleo das paredes mostra cor cinzenta acastanhada (10YR 4/1) e ambas superfícies apresentam cor castanha acinzentada clara (10YR 5/2). Media 20,3 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 1 cm.

Copo (PEC/NC/92/84) – Fragmento correspondente a porção da parede do corpo e do fundo. Este é plano. Foi fabricado com pasta muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino (B). O núcleo das paredes e a superfície interior mostram cor castanha acinzentada (10YR 4/2). A superfície exterior da parede apresenta cor castanha (7.5YR 5/3). Media 6,5 cm de diâmetro no fundo e a espessura média das paredes é de 0,5 cm.

Taça (PEC/NC/92/85) – Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Esta teria forma em calote. O bordo é espessado, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta pouco homogénea mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino, médio e grosseiro (B/C/E). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha (10YR 5/3). Media 12,1 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,8 cm.

Taça (PEC/NC/92/86) – Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Esta teria forma semi-elipsóide. O bordo é vertical, oferecendo lábio em bisel. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino (B). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha acinzentada (7.5YR 5/2). Media 16,2 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,4 cm.

Taça carenada (PEC/NC/92/87) – Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo, com carena. O bordo é vertical, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão muito fino (A). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha acinzentada (7.5YR 5/2). Media 20 cm de diâmetro no bordo, a carena surge a 3,7 cm abaixo do bordo e a espessura média é de 1,3 cm.

Taça (PEC/NC/92/88) – Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Esta teria forma em calote. O bordo é espessado interna e externamente, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino (B). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes, brunidas, apresentam cor castanha acinzentada (7.5YR 5/2). Media 16,1 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,7 cm.

Taça (PEC/NC/92/89) – Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Esta teria forma em calote. O bordo é ligeiramente extrovertido e afilado, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta não muito homogénea mas algo

compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino, médio e grosseiro (B/C/E). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha (10YR 5/3). Media 16 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 2 cm.

Taça (PEC/NC/92/90) – Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Esta teria forma em calote. O bordo é ligeiramente extrovertido, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino (B). O núcleo das paredes e a superfície exterior apresentam cor castanha acinzentada (10YR 4/2). A superfície interior mostra cor castanha (10YR 4/4). Media 16 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,8 cm.

Vaso de forma indeterminada (PEC/NC/92/91A) – Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogénea mas pouco compacta, contendo elementos não plásticos quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino muito fino a fino (A/B). O núcleo das paredes tem cor castanha escura (10YR 3/2), com manchas vermelhas e ambas superfícies apresentam cor castanha algo esverdeada (2.5Y 4/4). Na superfície exterior exhibe linha de impressões ovais. A espessura média das paredes é de 0,7 cm.

Vaso de forma indeterminada (PEC/NC/92/91B) – Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino (B). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor castanha (7.5YR 4/4). Exhibe três linhas incisas, horizontais e paralelas entre si. A espessura média das paredes é de 0,5 cm.

Vaso de forma indeterminada (PEC/NC/96/3) – Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos (biotite) e feldspáticos, de grão fino (B). O núcleo das paredes possui cor cinzenta escura (2.5Y 4/2) e a superfície interior apresenta cor castanha

(2.5Y 4/6), enquanto a superfície exterior mostra cor laranja (7.5YR 6/4). Exibe decoração incisa de tipo campaniforme (Palmela). A espessura média das paredes é de 0,9 cm.

Vaso de forma indeterminada (PEC/NC/96/4) – Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta pouco homogénea mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino a médio (B/C). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor cinzenta algo esverdeada (5Y 4/2). Exibe decoração incisa e impressa, constituída por três linhas horizontais muito finas e quatro motivos circulares impressos mas pouco nítidos. A espessura média das paredes é de 1 cm.

Vaso de colo alto (PEC/NC/96/5) – Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. O bordo é extrovertido, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricado com pasta algo homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino a médio (B/C). O núcleo e a superfície exterior da parede apresentam cor castanha escura (10YR 3/2). A superfície interior da parede tem cor castanha com manchas algo esverdeadas (2.5YR 4/4). Media 11 cm de diâmetro e a espessura média das paredes é de 1,2 cm.

Queijeira? (PEC/NC/96/6) – Fragmento correspondente a porção da parede do corpo, com arranque de perfuração circular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino (B). O núcleo e a superfície exterior da parede apresentam cor cinzenta esverdeada (5Y 6/2) com algumas manchas castanhas. A superfície interior da parede tem cor laranja (7.5YR 6/4). A espessura média das paredes é de 0,6 cm.

Taça (PEC/NC/97/1) – Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Esta teria forma elipsóide. O bordo é algo extrovertido e espessado, oferecendo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta pouco homogénea mas algo compacta, contendo elementos não plásticos quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão médio a grosseiro (D/E). O núcleo das paredes e a superfície exterior apresentam cor castanha escura

(10 YR 3/2). A superfície interior oferece cor castanha (10 YR 5/3). Media 18,6 cm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 1,1 cm.

4.4 Artefactos de osso

Furador (PEC/NC/92/59) – Utiliza a diáfase e a epífase de osso longo de mamífero de médias dimensões (ovino-caprino?). Oferece forma triangular e secção circular. Encontra-se em bom estado de conservação e a extremidade distal foi afeiçãoada por polimento, apresentando pátina de cor castanha escura, algo acinzentada (2.5YR 4/1). Mede 7,6 cm de comprimento, 1,9 cm de largura máxima e 1 cm de espessura média.

Polidor (?) (PEC/NC/92/132A) – Fragmento de osso longo, correspondente ao volume mesial, com forma sub-trapezoidal. Encontra-se polido em ambas faces. Oferece pátina de cor castanha clara (7.5YR 7/3) Mede 5,4 cm de comprimento, 2,2 cm de largura e 1,7 cm de espessura máxima.

Polidor (?) (PEC/NC/92/132B) – Fragmento de osso longo, correspondente ao volume mesial. Oferece forma trapezoidal e secção oval. Encontra-se muito bem polido em ambas faces. Apresenta pátina de cor castanha clara (7.5YR 7/3). Mede 6,6 cm de comprimento, 2,2 cm de largura e 1,9 cm de espessura média.

5. COMENTÁRIO AO ESPÓLIO

O acervo material reunido na presente dissertação compreende grande variedade de artefactos. É através deles que tentaremos interpretar e datar a ocupação do povoado e os hábitos diários das comunidades humanas que o habitaram. Contudo, é importante realçar a relatividade dessas datações uma vez que não existem dados estratigráficos nem datações absolutas mas procuraremos extrair o máximo de informação possível a partir do espólio disponível.

Os trabalhos de prospecção no Penedo da Cortegaça resultaram na recolha de trezentas e uma peças arqueológicas, compilando artefactos de pedra lascada, pedra polida, cerâmica, osso manufacturado, fauna mamalógica e dois fragmentos de utensílios indeterminados (pedra afeiçãoada?). O grupo dominante é efectivamente o da cerâmica, sendo que se destacam dois fragmentos de parede lisas com significativos vestígios de fogo. É de realçar, a fracturação dos restos faunísticos, impedindo assim a identificação da espécie animal. Contudo, possivelmente pertenceriam a animais domésticos, comuns às comunidades agro-pastoris e produtoras de alimentos, tais como *Bos taurus*, *Ovis/Capra*, *Sus sp.*, *Oryctolagus cuniculus*, entre outros.

Deste universo material, seleccionaram-se cento e trinta e quatro peças, apresentadas e analisadas anteriormente no catálogo, e agora alvo de discussão. O grupo predominante nesta colecção é efectivamente a cerâmica, seguindo-se, por ordem decrescente, a pedra lascada, a pedra polida e os objectos de osso (gráfico 2).

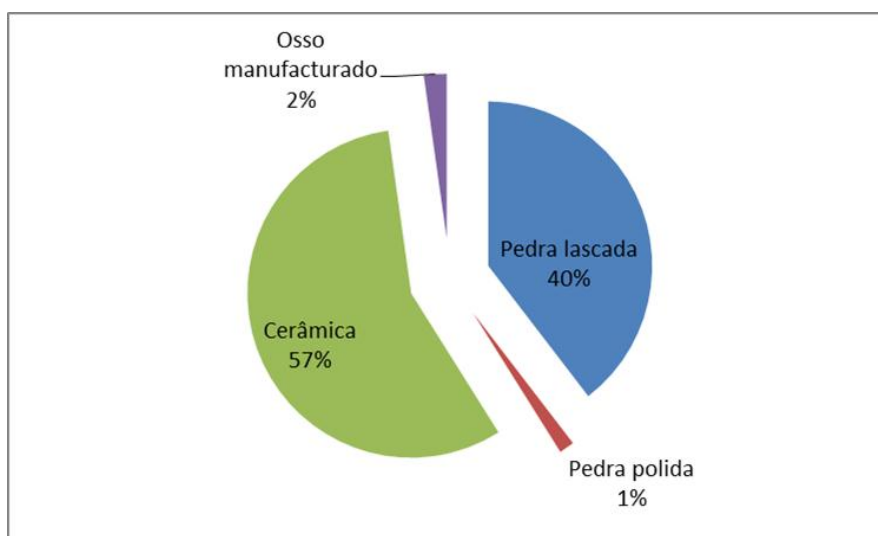


Gráfico 2 – Grupos de material em estudo.

Por uma questão de coerência, ensaiamos a reflexão do espólio da mesma ordem pela qual foi apresentada no catálogo, optando por não seguir o critério de quantidade e frequência de cada classe artefactual.

No Penedo da Cortegaça foram recolhidos cinquenta e três peças de pedra lascada, relativamente bem conservadas, com escassos traços de rolamento nas arestas, apesar da maioria se encontrar fragmentada. Estas são quase todas em sílex, exceptuando um fragmento de núcleo de quartzo e um utensílio em xisto silicioso. Com efeito, o sílex, abundante na Península de Lisboa, prospera naquele arqueossítio, onde o Homem poderia obter a matéria-prima e trabalhá-la a qualquer hora do dia. Os dados disponíveis parecem até indicar a existência de área de talhe especializada e do próprio habitat. Deste modo, aquelas populações não teriam que procurar outra matéria-prima uma vez que podiam talhar as massas de sílex existentes no próprio espaço de habitat ou muito perto dele. Paralelamente, poderiam aproveitar a grande quantidade de sílex para criar excedentes e usá-los como "moeda de troca", para intercâmbio com produtos de outras sociedades. Tomemos como exemplo as muitas comunidades do Alentejo que dispunham de anfibolito, rocha ausente na Estremadura e que poderiam obter sílex por troca com aquele junto das populações da região de Lisboa e Setúbal.

Importa mencionar que o furador talhado, sobre lasca de xisto silicioso, pode ter sido facilmente obtido na zona do Ramalhão, praticamente à entrada de Sintra, onde existe aquela rocha, mas mesmo assim inserindo-se na zona de captação de recursos do Penedo da Cortegaça, pois dista cerca de 13 km daquele.

Como se pode observar no gráfico 3, o grupo de materiais produzidos em pedra lascada é composto por núcleos, produtos debitados e resíduos de talhe.

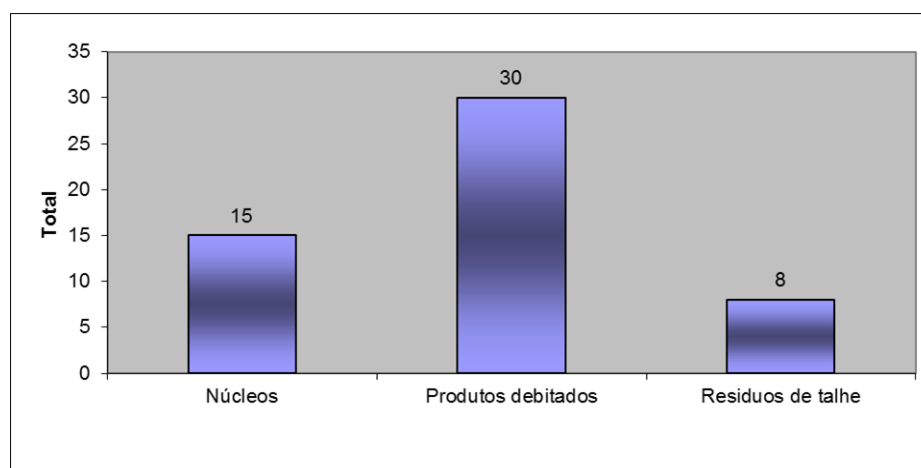


Gráfico 3 – Artefactos de pedra lascada.

Os produtos debitados são os mais significativos em termos quantitativos, denunciando o alto índice de transformação da matéria-prima, contrastando com o relativo peso dos núcleos e os escassos restos de talhe, por certo que pouco representados devido ao tipo de recolha efectuada.

Dos quinze núcleos analisados, nove são de lamelas e seis foram utilizados para debitação de lascas. Contudo, as lamelas estão totalmente ausentes no inventário do espólio recolhido no povoado. Isto pode dever-se, uma vez mais, a condicionantes e limitações, das recolhas de superfície, sendo estes materiais provenientes de terras revolvidas da pedreira.

Quanto ao grau de extracção dos núcleos, seis sugerem estado de exaustão, outros seis encontram-se quase exaustos e três foram abandonados devido á ocorrência de defeitos de talhe. É de notar, a presença de um núcleo de lamelas em quartzo leitoso de cor branca, contendo córtex.

No Penedo da Cortegaça foi reconhecida alguma variedade de utensílios em pedra lascada, a saber: lâminas, lascas, furadores, raspadores, buris, denticulado e elemento de foice.

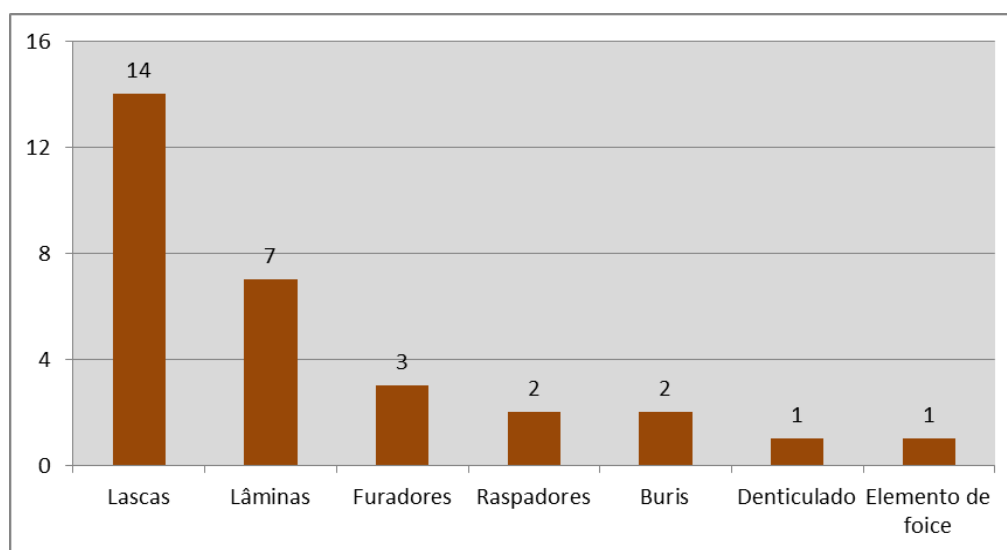


Gráfico 4 - Tipologia dos produtos debitados.

Em geral, o estado de conservação dos produtos debitados é bom, registando-se dezoito peças fragmentadas e doze inteiras. Mesmo aqueles que apresentam fragmentação não contêm níveis significativos de rolamento nas arestas, o que possibilitou por exemplo, a evidência nítida de retoque e sinais de utilização. O retoque está presente em vinte e seis

utensílios, estando completamente ausente em apenas três lascas e em uma lâmina fragmentada. Nota-se preocupação preferencial de retocar os utensílios mencionados.

Grande parte dos produtos debitados foram retocados através de levantamentos contínuos e abruptos, variando entre os de tipo sub-vertical e oblíquo. Destaca-se igualmente o retoque constituído por denticulado em cinco utensílios (furador, elemento de foice, buril e lâmina) e outros cinco que quase constituem denticulado (três lâminas, um furador e uma lasca).

Outro aspecto que julgamos importante, referente ao espólio de pedra lascada, é a quantidade de lascas (quer para uso directo, como para produção de utensílios) que conserva córtex, maioritariamente parcial. Como se pode verificar no gráfico 5, não se registam grandes discrepâncias nos valores de lascas corticais e não corticais. Contudo, a ocorrência de lascas com vestígios de córtex e a existência de núcleos de sílex com cores iguais ou similares, atesta que o talhe seria praticado no habitat.

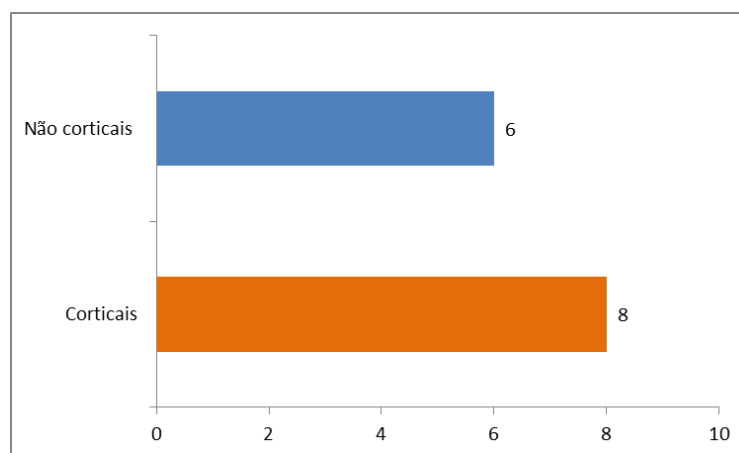


Gráfico 5 – Presença de córtex nas lascas.

Em relação à produção de utensílios, podemos afirmar a existência de núcleos suficientes para a debitagem daqueles (quinze núcleos para trinta produtos debitados, respectivamente).

A indústria laminar caracteriza-se pela sua homogeneidade, registando-se apenas uma possível lâmina ovóide. Todas elas estão fragmentadas mas bem conservadas nos bordos. Distinguem-se dois tipos de secção, trapezoidal (quatro) e triangular (três), possuindo espessura média de 0,5 cm. O retoque está apenas ausente numa lâmina mas esta evidencia sinais de utilização. As restantes exibem retoque marginal, como é frequente neste tipo de produtos, cuja funcionalidade está geralmente associada à utilização dos bordos,

convergentes ou não, sendo necessário por vezes retocá-los para obter melhores resultados, como por exemplo, cortar e raspar. O retoque seria também útil para reduzir as larguras dos produtos alongados, através daqueles quando mais abruptos e contínuos.

As lascas são o grupo mais representativo dos instrumentos recolhidos no Penedo da Cortegaça e constituem o único material de suporte para a laboração de utensilagem específica. O nível de utilização das lascas para uso directo é notório, contando-se, no conjunto catorze exemplares, onde apenas dois se encontram em bruto, sem marcas de uso ou retoque.

Em relação aos utensílios foram todos talhados sobre lascas, tendencialmente espessas. A escolha de lascas com espessuras expressivas relaciona-se com o facto dos artefactos serem fabricados tendo em vista obter boa resistência e durabilidade mais precisamente, no auxílio dos trabalhos agrícolas ou nas actividades quotidianas domésticas, como a acção de cortar, furar, raspar, etc. A todos estes produtos são comuns os traços de utilização, por vezes apenas num dos bordos ou em ambos.

Os três furadores recolhidos encontram-se inteiros, conservando córtex, sendo dois em sílex e um em xisto silicioso. Este último (PEC/NC/92/76), merece especial atenção uma vez que mostra dois bordos convergentes em ponta, retocados oblíqua e continuamente, sugerindo mesmo denticulado no bordo esquerdo. Com efeito, este utensílio seria versátil no que toca à sua funcionalidade: teria a extremidade em ponta para furar e o denticulado para rasgar ou ceifar, se fosse encabado num instrumento em madeira. Os outros dois exemplares também possuem bordos convergentes, terminando em ponta na extremidade perfurante, com secção semicircular.

Nas recolhas do Penedo da Cortegaça, foram encontrados dois raspadores em sílex, um inteiro e outro fragmentado. O primeiro (PEC/NC/92/68) tem forma carenada, lembrando os raspadores típicos do Paleolítico Superior, utilizando lasca de pequena dimensão mas bastante espessa. O outro raspador (PEC/NC/96/2), fragmentado, também utiliza lasca espessa, apresentando secção triangular.

Identificaram-se dois buris inteiros, ambos sobre lasca de sílex. Um deles apresenta bordos que convergem em ponta na extremidade proximal, com retoques contínuos e oblíquos (PEC/NC/92/101). O outro (PEC/NC/92/109), foi retocado no bordo esquerdo através de levantamentos contínuos e sub-verticais, constituindo denticulado.

Registou-se apenas um denticulado (PEC/NC/92/66) e também um elemento de foice (PEC/NC/92/78), similares no tipo de retoque e consequentemente, na funcionalidade mas diferentes morfologicamente na sua dimensão. Ambos são talhados sobre lascas de sílex, sendo o primeiro incrivelmente espesso e de grande dimensão, enquanto o segundo é mais pequeno mas igualmente espesso.

A respeito dos materiais resultantes do talhe, consegue-se aferir a produção de talhe dentro do povoado. Acresce que ao compararmos os índices cromáticos dos resíduos de talhe com os dos núcleos, nota-se clara correspondência, variando entre o castanho (seis), por vezes algo acinzentado, e o vermelho (dois). Relativamente ao peso, estes somam 31,08g.

Os artefactos de pedra polida identificados no Penedo da Cortegaça constituem o grupo mais reduzido, dado ter-se identificado apenas dois fragmentos (PEC/NC/92/70; PEC/NC/92/95), ambos afeiçoados em anfibolito. A fracturação e o rolamento destes materiais impediram a sua classificação formal, embora a parte conservada nos dois exemplares corresponda ao volume distal. Ambos oferecem contorno e secção triangulares, possuindo o primeiro dois bordos convergentes, em ponta. Os níveis de utilização são detectáveis nos bordos dos dois artefactos. Uma vez que são indeterminados quanto à sua tipologia, podemos apenas perspectivar a sua funcionalidade com base no tipo de economia e de sociedade que utilizou tal matéria-prima em utensílios de gume, pelo que poderão ter pertencido a machados, enxós ou goivas.

O espólio cerâmico é efectivamente o item mais representativo da colecção, proveniente de recolhas de superfície, constituído por setenta e seis peças. Este mostra um nítido poliformismo na sua constituição e no geral, caracteriza-se pelo seu razoável estado de conservação. Contudo, não existem recipientes completos e os fragmentos assumem dimensões variadas. Como mencionado precedentemente, as paredes lisas e sem correspondência formal foram apenas contabilizadas (cento e cinquenta) e analisadas em relação à constituição, homogeneidade e compactação das pastas. Deste modo, distinguem-se duas grandes variantes: as pastas não muito homogéneas mas algo ou pouco compactas (trinta e oito fragmentos) e as pastas homogéneas e compactas (cento e doze).

O estudo dos bordos, fundos e paredes decoradas ou com algum componente (por exemplo carena) resultou na identificação de várias formas abertas (copo, taças, vasos e pratos) assim como de fechadas (vasos e potes).

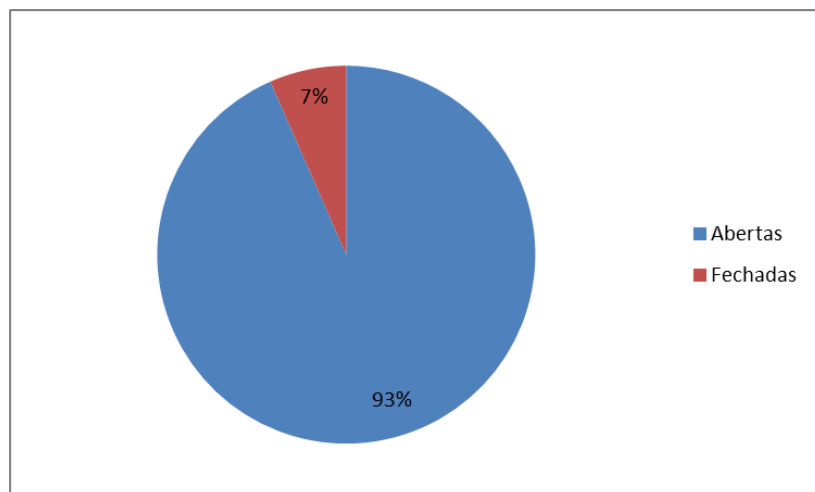


Gráfico 6 - Formas dos recipientes cerâmicos.

Como se pode observar no gráfico acima apresentado, as formas abertas correspondem à maior percentagem dos recipientes cerâmicos detectados, contrastando com a escassa quantidade de formas fechadas. Dentro do grupo das formas abertas constam taças, vasos, pratos e copo.

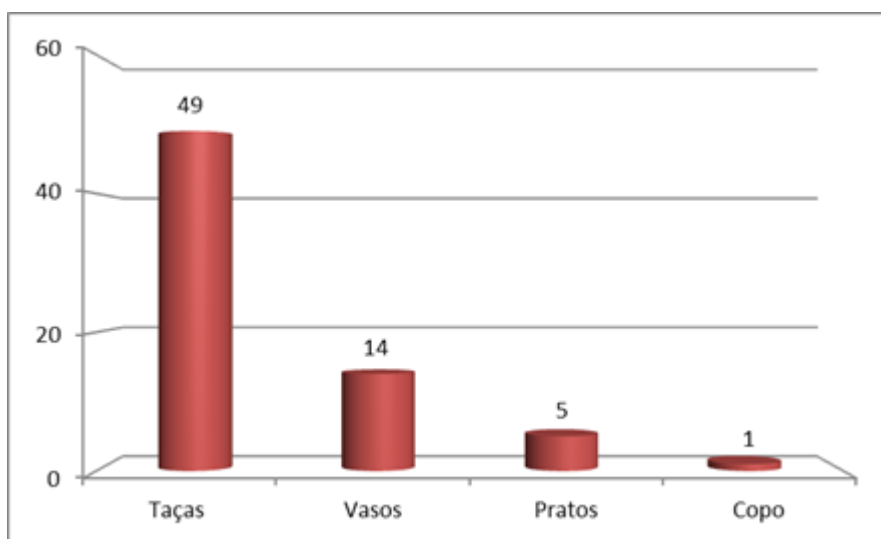


Gráfico 7 - Tipologia dos recipientes abertos.

As taças são o tipo de recipiente predominante, seguindo-se os vasos, contrastando com o número reduzido de pratos. Foram detectados seis tipos de taças.

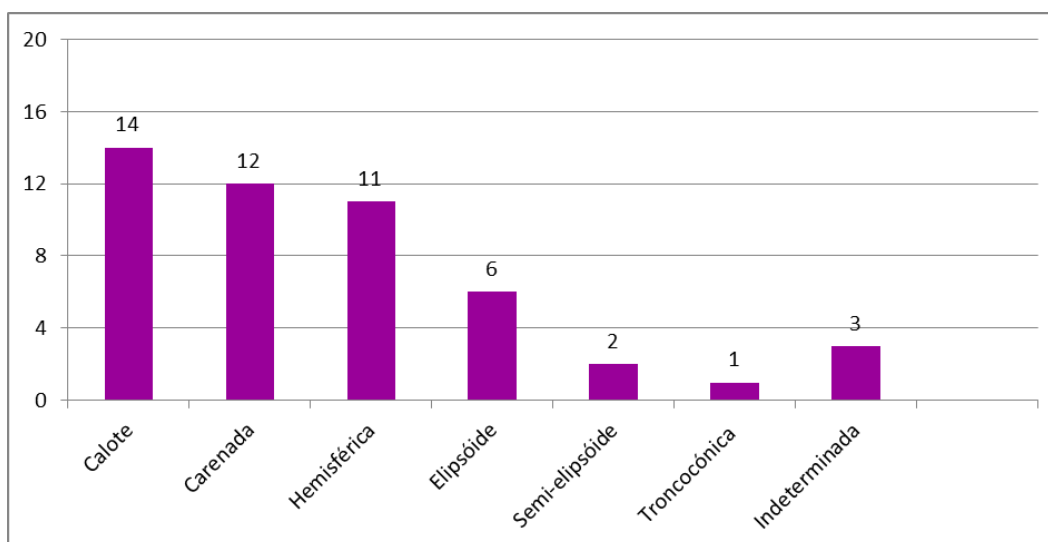


Gráfico 8 – Morfologia das taças do Penedo da Cortegaça.

Face ao exposto no gráfico 8, as taças em calote constituem a amostra predominante nas formas abertas. Estas taças surgem frequentemente no registo arqueológico português referente a contextos do Neolítico Antigo Evolucionado até ao Calcolítico. Uma vez que apresentam essa mesma continuidade na Pré-História, estas tendem a revelar grande variedade no que concerne à morfologia e orientação do bordo.

Extrovertido	6
Espessado	2
Espessado externamente	2
Espessado interna e externamente (almendrado)	1
Extrovertido e afilado	1
Afilado	1
Vertical	1
Denteado	1

Tabela 1 -Tipologia dos bordos das taças em calote.

Aquelas que exibem bordo extrovertido são as mais comuns. Merece especial atenção a ocorrência do bordo almendrado (PEC/NC/92/88) e do bordo denteado (PEC/NC/92/58) nas taças em forma de calote, dadas as implicações cronológicas que permitem deduzir.

As formas abertas carenadas correspondem ao segundo grupo mais representado no Penedo da Cortegaça, compilando-se doze peças. A presença destas taças assume grande interesse neste conjunto no sentido em que é um dos elementos-chave para a integração cultural do povoado no Neolítico Final. Estes recipientes aparecem nos finais do 4º milénio

A.C., associados a novos hábitos no consumo e na confecção dos alimentos, e tendem a desaparecer no decorrer no 3º milénio A.C., como ocorre nos povoados de Leceia e Zambujal.

A taça carenada é caracterizada pela *"área do ponto de inflexão e subsequentemente com uma relação de abertura e profundidade"* (Sousa, 1998, p. 104). No Penedo da Cortegaça foram recolhidos sete fragmentos correspondente ao bordo e a parede do corpo com carena e quatro a paredes, contendo carena. Das taças susceptíveis de caracterizar a morfologia da carena, contam-se, três carenas baixas, duas carenas altas e duas acusadas. A análise dos bordos das taças carenadas resultou no apuramento de quatro variantes.

Oblíquo	2
Introvertido	2
Vertical	1
Extrovertido	1

Tabela 2 - Morfologia dos bordos das taças carenadas.

Por sua vez, as taças hemisféricas, caracterizadas pela sua longa diacronia (desde o Neolítico Antigo) traduzem uma enorme diversidade em relação à morfologia e orientação do bordo.

Vertical	4
Extrovertido	2
Espessado externamente	2
Espessado e extrovertido	1
Espessado	1
Sub-vertical	1

Tabela 3 - Morfologia dos bordos das taças hemisféricas.

O tipo de bordo predominante nas taças de forma de hemisférica é o vertical, seguindo-se as taças que mostram bordo extrovertido e as que exibem espessamento na parte externa daquele.

Já os bordos que compõem as taças em forma de elipse (seis exemplares) destacam-se pela sua diversidade morfológica.

Espessado e extrovertido	2
Extrovertido	1
Plano	1
Vertical	1
Espessado interna e externamente (almendrado)	1

Tabela 4 - Morfologia dos bordos das taças elipsóides.

As taças em menor percentagem no acervo material do Penedo da Cortegaça são as de forma semi-elipsóide (duas peças) e a troncocónica (uma peça). As primeiras possuem bordo afilado (PEC/NC/92/12) e vertical (PEC/NC/92/86). O único exemplar de taça com forma troncocónica (PEC/NC/92/8) apresenta bordo espessado e extrovertido.

As cinco peças correspondentes a pratos, recipientes típicos do Calcolítico, caracterizam-se pela sua heterogeneidade relativamente à morfologia do bordo.

Espessado interna e externamente (almendrado)	1
Vertical	1
Extrovertido	1
Espessado	1
Espessado e extrovertido	1

Tabela 5 - Morfologia dos bordos dos pratos.

É de realçar a presença de apenas um fragmento de prato com bordo almendrado (PEC/NC/92/24) e a ocorrência de porção de prato com forma hemisférica muito achatada (PEC/NC/92/27).

A presença de apenas um fragmento de fundo de copo, no povoado da Cortegaça, vai ao encontro do panorama do registo arqueológico observável em contextos funerários e habitacionais. Trata-se de recipiente muito específico, enquadrável no Calcolítico, sem grande expressividade quantitativa nos conjuntos cerâmicos provenientes de sítios pré-históricos. Com efeito, a interrogação de Ana Catarina Sousa sobre a problemática da presença de copos e o que a distribuição espacial e temporal destes traduzem, assume especial interesse e pertinência: *"A rarefacção de um artefacto será assim sinónimo imediato do seu carácter excepcional?"* (Sousa, 1998, p. 106).

Mais difícil foi a atribuição tipológica dos vasos abertos, uma vez que a maioria destes correspondem a paredes com decoração, não exibindo bordo que estabeleça a sua orientação. Assim, foram determinadas duas variantes formais.

Vasos de forma indeterminada	12
Vasos de colo alto	2

Tabela 6 – Tipologia dos vasos.

A identificação dos doze fragmentos de parede como pertencentes a vasos prende-se com o tipo de decoração que mostram, considerando os paralelos com materiais de outros assentamentos pré-históricos que conservaram elementos para a sua equivalência formal (Leceia, Parede, Olelas, Penedo do Lexim, etc.) ou por se encontrarem inteiros (Castelo dos Mouros). Os dois exemplares de vasos de colo alto apresentam bordo ligeiramente espessado (PEC/NC/92/82) e extrovertido (PEC/NC/96/5).

Quanto às formas fechadas, em reduzido número, utilizadas para armazenamento de alimentos, sólidos ou líquidos, consistem em vasos esféricos e potes.

Vasos esféricos	3
Potes	2

Tabela 7 – Tipologia dos recipientes fechados.

Os fragmentos de parede dos potes exibem cordões plásticos, um deles (PEC/NC/92/56) mostrando alisamento interior. Este tipo de forma poderia servir para armazenamento de líquidos, por isso as superfícies eram alisadas. Os vasos esféricos são relativamente homogêneos no que diz respeito à dimensão e ao tipo de bordo.

As cerâmicas com perfuração escasseiam no povoado, resumindo-se apenas a um fragmento de "gato" (?) e a uma possível queijeira. Estas perfurações são pois, funcionais, relacionadas com o manuseamento dos recipientes.

O processo de manufactura dos recipientes cerâmicos exige vários passos, sendo a homogeneização das superfícies das paredes um dos mais relevantes, tentando retirar e corrigir algumas deformidades após o processo de cozedura. Contudo, alguns dos tratamentos de superfícies podem ser apenas decorativos.

Certas formas podem apresentar superfícies mais rugosas para uma melhor preensão, assim como existem vasos ou potes que exibem paredes interiores lisas.

No Penedo da Cortegaça apenas foram identificadas duas técnicas no tratamento de superfícies, o alisamento e o brunimento, ambos presentes nas superfícies interiores das paredes. O primeiro regista-se em várias formas, mais concretamente, em quatro taças, um pote e um vaso indeterminado. O brunimento foi somente utilizado em taça, conferindo-lhe aspecto lustroso.

Através da análise dos elementos não plásticos constituintes das pastas, conferindo a sua homogeneidade e compactação, conseguimos distinguir quatro grupos. São visíveis os componentes mais comuns na preparação das argilas para a manufactura das cerâmicas, tais como quartzo, mica e feldspato.

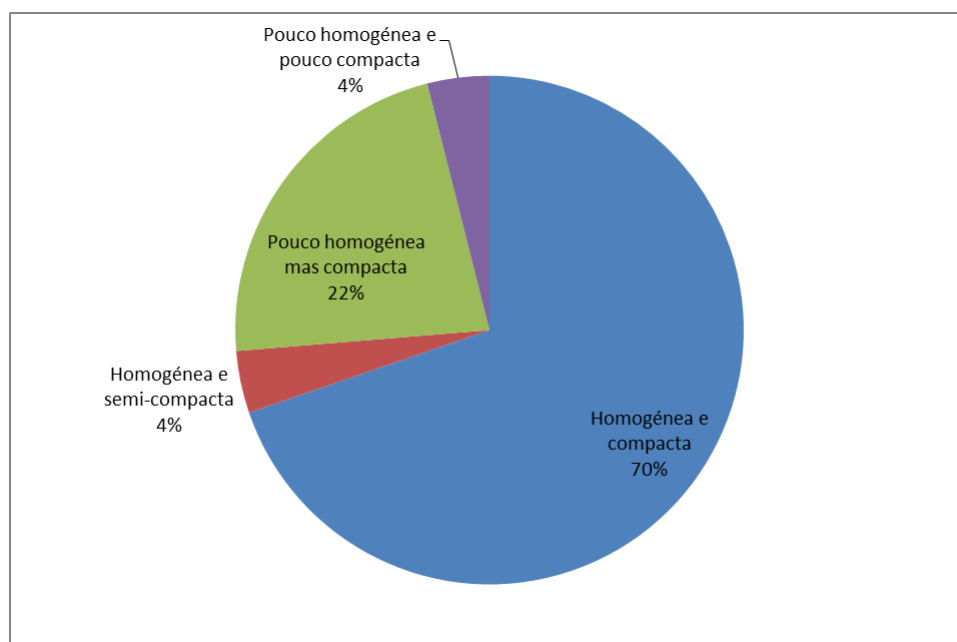


Gráfico 9 – Grupo de pastas das cerâmicas do Penedo da Cortegaça.

Torna-se evidente a superioridade do grupo de recipientes de pastas homogéneas e compactas, contrastando com o baixo índice de pastas pouco homogéneas e pouco compactas, habitualmente associadas às primeiras comunidades produtoras de alimentos do Neolítico Antigo. A cor do núcleo e das superfícies das paredes serviu para reconhecer o tipo de cozedura embora com algumas reservas uma vez que não dispomos de peças inteiras, podendo por vezes notar-se num mesmo recipiente várias colorações devido a processos de

fabrico ou mesmo à própria utilização dos artefactos. Atendendo à premissa de que os índices cromáticos são apresentados com relativa proximidade, foram determinadas quatro variantes:

a) a cozedura oxidante, feita em estruturas abertas, onde o oxigénio circularia, oferecendo no núcleo e nas superfícies das paredes cores que variam do laranja, passando pelo vermelho até ao castanho, por vezes com manchas cinzentas claras ou amareladas;

b) a cozedura redutora, praticada em ambientes fechados, sem circulação de oxigénio, proporcionando coloração cinzenta, por vezes algo esverdeada, castanha escura e negra às pastas;

c) a cozedura oxidante incompleta, mostrando superfícies claras e núcleos mais escuros;

d) a cozedura redutora com arrefecimento oxidante, originando pastas de cores escuras no núcleo e numa das superfícies (castanha escura, cinzenta ou negra) e claras na outra superfície.

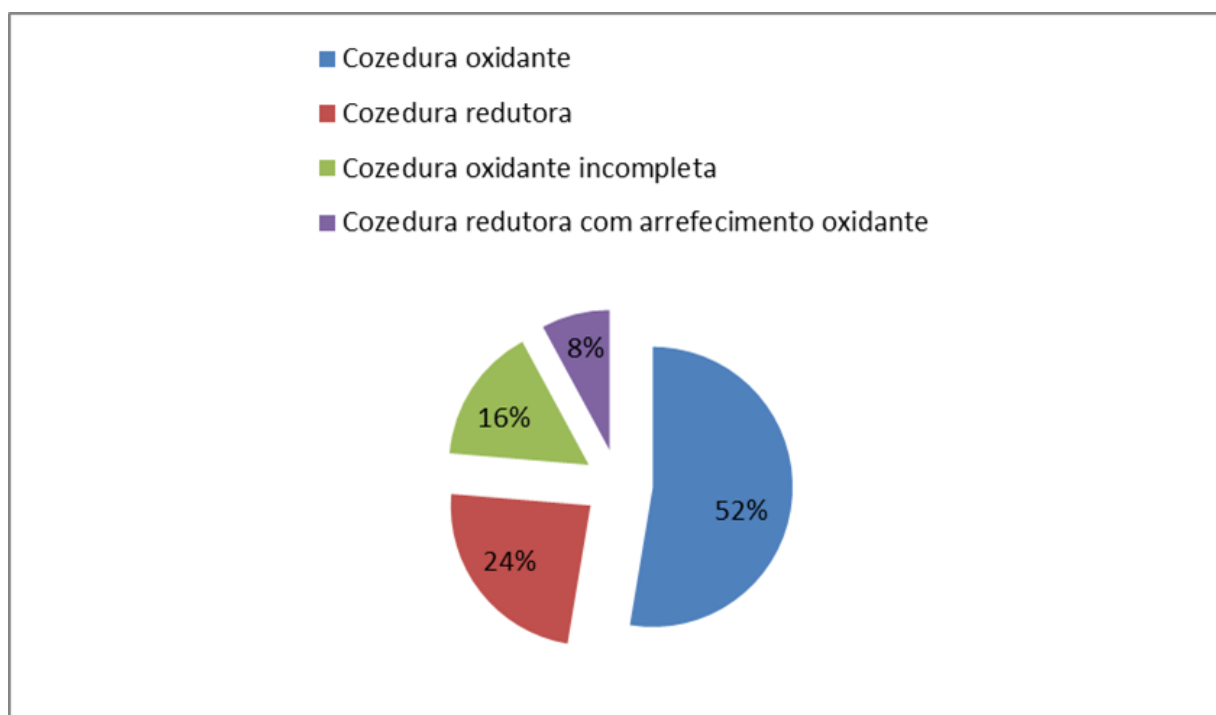


Gráfico 10 - Distribuição das cozeduras.

Outro item inerente ao estudo de materiais arqueológicos e extremamente importante na datação daqueles é efectivamente, a presença de decoração. Do espólio cerâmico agora em apreço, a cerâmica lisa sobrepõe-se quantitativamente à cerâmica decorada.

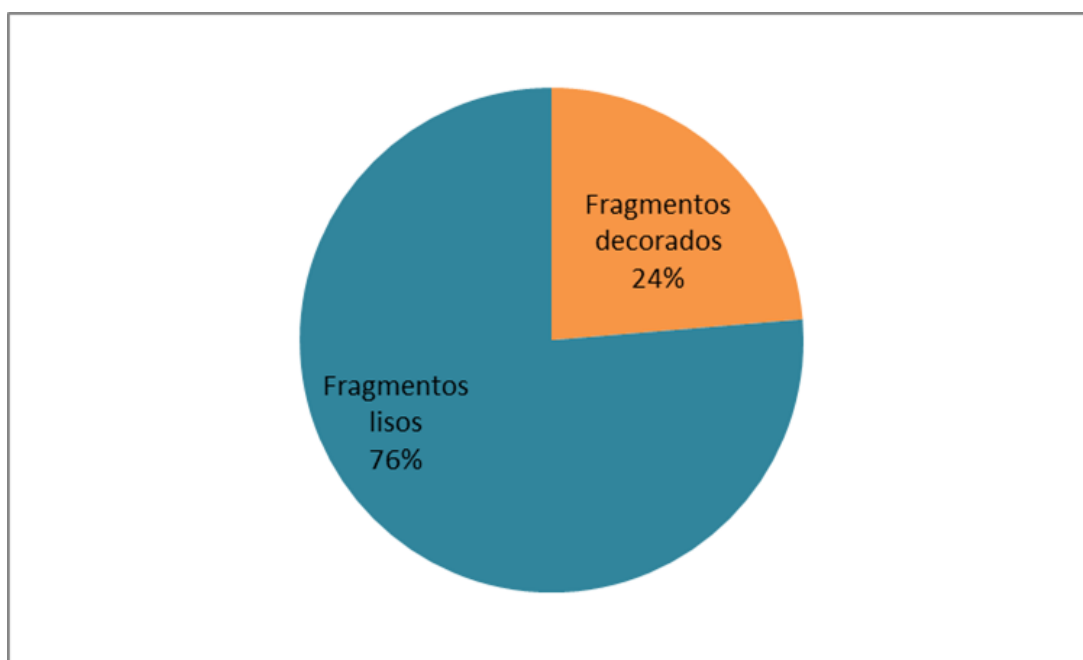


Gráfico 11 – Presença de cerâmica lisa e decorada.

Os fragmentos de cerâmica decorada revelam grande variedade, importante para decifrar os padrões culturais das sociedades que os produziram e consequentemente, permitirem enquadramento crono-cultural mais preciso e fiável. Por outro lado, a classificação das técnicas decorativas requer, igualmente, análise atenta da organização dos motivos e dos elementos que compõem o recipiente. Foram analisados e descritos dezoito fragmentos cerâmicos com decoração, registados na seguinte tabela:

Referência	Tipo de decoração	Constituição	Localização	Forma
PEC/NC/92/24	Plástica	Mamilo	Parede exterior	Indeterminada
PEC/NC/92/46	Impressa	Denteados	Parte exterior do lábio	Taça elipsóide
PEC/NC/92/52	Plástica	Mamilo	Parede exterior	Taça hemisférica
PEC/NC/92/53	Plástica + incisa	Asa + linhas paralelas em seu redor	Parede exterior	Vaso esférico
PEC/NC/92/54	Plástica +	Asa + impressões ovais	Parede exterior	Vaso esférico
PEC/NC/92/55	Impressa	Círculos e ovais, dispostos em quatro linhas	Abaixo do bordo	Vaso esférico
PEC/NC/92/56	Plástica	Cordão horizontal	Parede exterior	Pote
PEC/NC/92/57	Plástica	Cordão horizontal	Parede exterior	Pote
PEC/NC/92/58	Impressa	Denteados	Bordo	Taça em calote
PEC/NC/92/60	Incisa + impressa	Duas linhas incisas horizontais e paralelas + impressões oblíquas	Parede exterior	Vaso indeterminado
PEC/NC/92/61	Impressa	Duas linhas convergentes, não unidas mas definindo triângulo, a partir das quais se gravaram traços paralelos entre si	Parede exterior	Vaso indeterminado
PEC/NC/92/62	Incisa	Sulco, algo profundo	Abaixo do bordo	Vaso indeterminado
PEC/NC/92/63	Incisa	Linha	Abaixo do bordo	Taça hemisférica
PEC/NC/92/64	Impressa	Pontuações e traços paralelos	Parede exterior	Vaso indeterminado
PEC/NC/92/91A	Impressa	Linhas com impressões ovais	Parede exterior	Vaso indeterminado
PEC/NC/92/91B	Incisa	Três linhas horizontais, paralelas entre si	Parede exterior	Vaso indeterminado
PEC/NC/96/3	Incisa	Motivos geométricos (de tipo Campaniforme)	Parede exterior	Vaso indeterminado
PEC/NC/96/4	Incisa + impressa	Três linhas incisas muito finas + quatro impressões circulares	Parede exterior	Vaso indeterminado

Tabela 8 – Fragmentos cerâmicos com decoração.

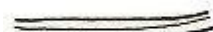
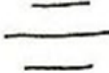
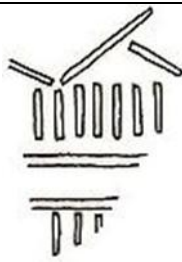
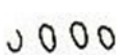
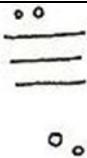
Tipo de decoração	Motivos representados				
Incisa – traços e linhas					
Impressa - traços, círculos e ovais					
Impressa e incisa – traços, círculos e motivos oblíquos					

Tabela 9 – Motivos incisos e impressos presentes nas cerâmicas do Penedo da Cortegaça.

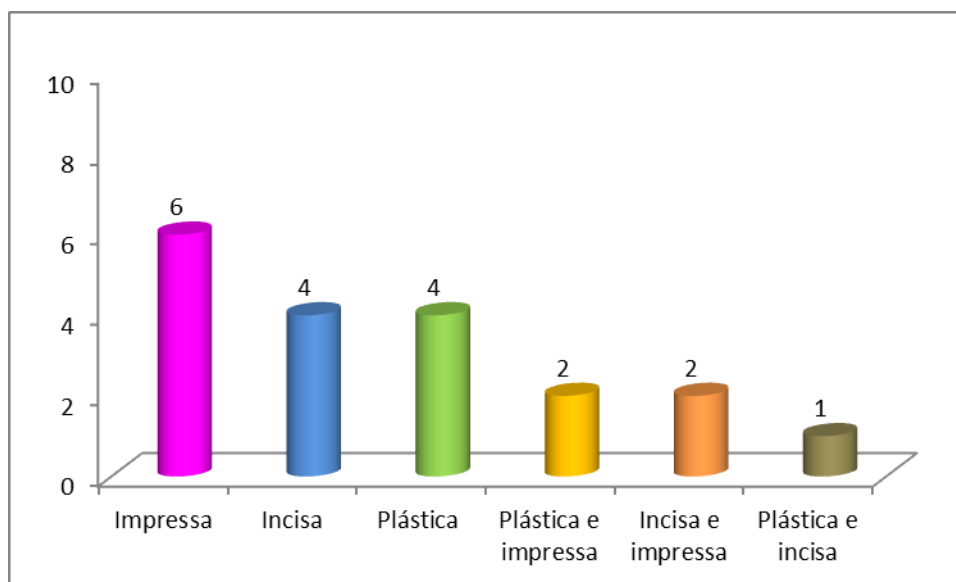


Gráfico 12 – Tipos de decoração cerâmica.

A decoração predominante na cerâmica do Penedo da Cortegaça é a produzida por impressão, conferindo, em dois exemplares, aspecto denteado ao bordo. Ocorre também em quatro fragmentos, todos pertencentes a vasos, sendo composta por motivos tais como, círculos, ovais, punccionamentos e pequenos traços.

A decoração plástica encontra-se representada por dois mamilos, duas asas e dois cordões, totalizando seis exemplares (um recipiente de forma indeterminada, dois vasos esféricos, dois potes e uma taça hemisférica).

Observamos também três variantes decorativas que associam mais de uma técnica:

- a) a associação entre linhas incisadas e impressões oblíquas e circulares nas paredes exteriores de dois vasos de forma indeterminada;
- b) a combinação de decoração plástica, constituída por asa, com linhas incisadas em redor do elemento plástico, na superfície da parede exterior de um vaso;
- c) a presença de asa com impressões ovais na parede exterior de um vaso.

Relativamente à localização dos motivos decorativos, a maioria observa-se nas paredes exteriores dos recipientes. Contam-se dois casos de impressões de tipo denteado no bordo, correspondentes a taças, duas incisões abaixo do bordo, num vaso e numa taça hemisférica, e motivos impressos igualmente abaixo do bordo de um vaso. Os denteados apresentam secção semicircular, criando linha ondulada no espessamento do bordo, semelhantes àqueles identificados por Konrad Spindler (1976) no seu estudo sobre o Grupo da Parede.

Os artefactos de osso recolhidos nas prospecções arqueológicas do povoado do Penedo da Cortegaça limitam-se a um furador inteiro e a dois fragmentos de possíveis polidores. Encontram-se relativamente bem conservados, devido à presença de solos calcários, não apresentando grandes lascas e nem muito rolamento. Nota-se que estes artefactos foram endurecidos ao fogo, revelando pátina escura, criando maior resistência para um manuseamento duradouro e eficaz. Seriam, pois, instrumentos de uso doméstico e quotidiano. Foram todos afeiçoados por polimento. O furador apenas possui a extremidade distal polida, ou seja, a sua parte funcional. Os elementos ósseos deveriam pertencer a ossos longos de mamíferos de médias dimensões, provavelmente de ovino-caprinos. Nenhum destes instrumentos exhibe decoração, ao contrário daqueles publicados pelo arqueólogo

dirigente dos trabalhos de escavação. Ali foram exumados vinte e cinco objectos de osso manufacturado, igualmente polidos e endurecidos ao fogo. Alguns apresentam decoração incisa, nomeadamente, pequenos traços e linhas.

6. INTEGRAÇÃO CULTURAL E CRONOLÓGICA

Face à ausência de datações absolutas e dados estratigráficos, importantes para a integração crono-cultural de qualquer arqueossítio, sustentaremos a nossa proposta de re-contextualização do povoado na avaliação do espólio recolhido. Com efeito, a tipologia dos materiais recuperados no Penedo da Cortegaça, sobretudo as cerâmicas e alguns utensílios de pedra lascada, traduzem bons índices cronológicos (datações relativas). Simultaneamente, serão apresentados paralelos coerentemente conhecidos e pertinentes para o estudo de comunidades agro-pastoris, produtoras de alimentos, mas contemporâneas.

Segundo o responsável pelos trabalhos de escavação, o povoado é de "(...) *feição ante-campaniforme (...)*" (Gomes, 1971, p. 193), argumentando que "*o espólio recolhido, nos vários estratos do Penedo, (...) semelhante ao do estrato B de Olelas, sobre o qual há nítidos vestígios de uma segunda ocupação (de feição tipicamente campaniforme) podemos admitir que as populações do Penedo fossem as mesmas que utilizaram a coroadada de Olelas e que, devido à invasão de povos campaniformes, tivessem sido afastadas do local - devido a derrota militar - indo ocupar, desarmados, o monte do Penedo.*" (Gomes, 1971, p. 194). A ausência de dados estratigráficos e as referências mal documentadas dos materiais exumados na escavação não sustentam aquela tese defendida por J. J. F. Gomes. O Penedo da Cortegaça viria a ser abordado no finais dos anos 90, embora que sucintamente, no estudo elaborado por Ana Catarina Sousa sobre "*O Neolítico Final e o Calcolítico na área da ribeira de Cheleiros*" (1998), onde a investigadora reúne os assentamentos de habitat e as necrópoles daquela zona que abrange ambos concelhos de Sintra e de Mafra, destacando-se neste último o povoado do Penedo do Lexim. Igualmente, procura contextualizar e perceber a dinâmica ocupacional das margens da ribeira de Cheleiros, na qual se insere o Penedo da Cortegaça.

A nossa proposta interpretativa para a ocupação da Cortegaça, sustentada pelos testemunhos recolhidos nas prospeções e presentemente estudados, situa a instalação daquelas comunidades já no Neolítico Antigo Evolucionado, prolongando-se até aos finais do Calcolítico. Podemos encontrar esta situação em outros sítios daquela área (Funchal, Alto do Montijo, Olelas nas duas primeiras fases, Casas Velhas e Anços), comprovando " (...) *o povoamento disperso (...)*" ocorrido no Neolítico Final (Sousa, 1998, p. 101). "*Para o Calcolítico da região, parecem contar-se um número de povoados muito restrito: sem dúvida o Penedo do Lexim e Olelas, ambos com fases de ocupação anterior, e também sítios de menor dimensão como o Alto do Montijo, Cortegaça e Alto da Vela.*" (Sousa, 1998, p. 101).

As informações reunidas sobre o espólio, designadamente cerâmico, apresentam, grosso modo, resultados que permitem situar a ocupação do povoado desde inícios do Neolítico Antigo até finais do Calcolítico. O Calcolítico Médio poderá equivaler à decadência progressiva do povoado, culminando depois no seu efectivo abandono nos finais do Calcolítico, a julgar pela presença de apenas de um fragmento de cerâmica típico deste período nomeadamente, vaso de forma indeterminada, mas mostrando decoração campaniforme incisa do "tipo Palmela". Trata-se, muito possivelmente, de um dos muitos povoados da Estremadura Portuguesa que apresenta vasta diacronia ocupacional, aliás como indica A.C. Sousa quando aborda a questão da cultura material vs. ruptura de transição do Neolítico para o Calcolítico nos assentamentos pré-históricos do espaço da ribeira de Cheleiros: "(...)quase totalidade dos sítios que apresenta uma longa história de ocupação." (1998, p. 101).

Os artefactos de pedra lascada identificados na altura das prospekções atestam o talhe especializado dentro da área do povoado e produção de utensílios variados. A viabilidade dos utensílios talhados em sílex deve ser encarada como moderada uma vez que este tipo de material foi utilizado desde os tempos paleolíticos. Contudo, existem alguns casos que podem ser considerados como “artefactos-tipo”, por exemplo os elementos de foice e denticulados, relacionados com o advento da agricultura. O único elemento de foice (PEC/NC/92/78) identificado no conjunto mostra retoque e dimensão similares a muitos encontrados em contextos habitacionais neolíticos e calcolíticos (Montes Claros, Vale de Lobos, entre outros). É de realçar que no elemento de foice sobre lasca recolhido no Penedo da Cortegaça é visível o denominado brilho “lustro de cereal” ligado ao corte intenso de gramíneas.

Produtos debitados como buris, furadores e raspadores, com larga diacronia, não servem de base fiável para a atribuição crono-cultural do povoado, ainda mais quando este deverá ter sido “visitado” durante muito tempo pelas sociedades pré-históricas que ali procuravam sílex. Merece especial destaque o furador de xisto silicioso, que pela sua forma trapezoidal e tipo de retoque, lembrando furadores do Paleolítico Superior. Note-se a ocorrência de fragmento de possível lâmina ovóide, característica dos finais do 4º milénio e todo o 3º milénio, ou seja, do Calcolítico do Sudoeste Peninsular.

A presença de instrumentos de pedra polida está patente através de dois fragmentos de anfibolito, recolhidos nas prospekções, mas pertencentes a artefactos indeterminados. Contudo, poderemos supor que pertencessem a objectos de gume, tais como machados, enxós ou goivas. J. J. F. Gomes refere ter encontrado “(...) grande quantidade de mós e de

«manuárias» (...) 3 ou 4 fragmentos de machado.” (1971, p. 194), sustentando, assim, a importância do cultivo de cereais para as comunidades do Penedo da Cortegaça.

Os artefactos cerâmicos são pois, os elementos de datação relativa mais fiáveis para a integração crono-cultural de qualquer assentamento pré-histórico, dada as alterações técnicas, formais e decorativas que apresentam, ao longo de larga diacronia. O Neolítico Antigo Evolucionado encontra-se visível em formas como os vasos de colo alto e estreito, em forma de saco, possivelmente vocacionados para a armazenagem de sementes ou de líquidos, nas taças em calote e nas taças hemisféricas. Estas últimas irão perdurar durante longo tempo. Registam-se dois fragmentos de potes de grandes dimensões, possuindo cordões plásticos, com paralelos nos exumados no Castelo dos Mouros (Sintra).

A decoração incisa abaixo do bordo constituída por sulco, típica do Neolítico Médio, regista-se em dois exemplares; num vaso de forma indeterminada e numa taça hemisférica. Este período corresponde a momento de proliferação de recipientes cerâmicos, mas perdendo quase toda a sua componente decorativa.

No Penedo da Cortegaça a fase melhor representada é a de finais do 4º milénio A. C. (Neolítico Final), como acontece em vários povoados da Península de Lisboa (Vale de Lobos, Parede, Olelas, Negrais, Penedo do Lexim, Leceia, Montes Claros, Vila Pouca, Negrais, etc.). Estes sítios têm em comum a clara associação de taças carenadas e taças de bordo denteado, sendo a primeira a forma mais relevante no Penedo da Cortegaça, onde se contaram fragmentos pertencentes, pelo menos, a doze taças carenadas e apenas a duas taças de bordo denteado (uma elipsóide e uma em calote). A estas juntam-se as taças com bordo espessado externamente (três exemplares) e os vasos esféricos (três peças). No povoado da Espargueira (Serra das Éguas, Amadora) apareceram taças em calote, recipientes abertos com carena, bordos denteados e poucas formas fechadas (Encarnação, 2010).

O estudo efectuado por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (1976-77) sobre os povoados do Baixo Alentejo e Algarve permitiu o estabelecimento de cronologias muito coerentes para o Calcolítico do Sudoeste peninsular, tendo como alicerce a ocorrência de taças carenadas em níveis finais do Neolítico e o surgimento de pratos com bordo espessado interna e externamente (almendrado) em momentos “(...) *marcadamente calcolíticos* (...)” (Soares e Silva, 1976-77, p. 265).

O bordo almendrado, típico do Calcolítico Pleno, surge em duas taças e em prato. A par deste, apareceu outra das novidades dos inícios do 3º milénio, um fragmento de fundo

plano pertencente a copo. Este insere-se no grupo D dos copos identificados no povoado de Vila Nova de São Pedro "(...) com paredes algo convexas (...)" (Ferreira, 2003, p. 198). Poderia eventualmente exibir decoração canelada abaixo do bordo, como é comum em muitos contextos peninsulares, citando Sónia Duarte Ferreira: *"Os "copos canelados" foram, portanto, encontrados na maioria dos arqueossítios datados do Calcolítico Inicial da Península de Lisboa, os quais se apresentam muito semelhantes entre si e, muito particularmente, com os copos de Vila Nova de São Pedro, aos níveis formais, técnicos e decorativos".*(2003, p. 212). A decoração "folha de acácia", vulgarmente atribuída a contextos estremenhos datados da fase calcolítica plena (Negrais, Penedo do Lexim, Olelas), encontra-se pouco representada no Penedo da Cortegaça.

Poucos são os materiais que possamos atribuir ao Calcolítico Médio. Este ainda constitui um hiato nos conhecimentos dos contextos habitacionais. Por conseguinte, nota-se a partir desta altura uma decadência no povoado, culminando no seu abandono no final do Calcolítico. Foi recolhido um fragmento de parede de vaso de forma indeterminada, decorado com motivos geométricos, claramente enquadrável no grupo Campaniforme de Palmela. Este grupo estabelecido por J. Soares e C. T. da Silva é " (...) *resultante de um processo de regionalização, com a aplicação de técnica campaniforme a formas cerâmicas locais.*" (1974-77, p. 106). Considerando o quadro crono-cultural da cerâmica Campaniforme em Portugal apresentado por aqueles dois investigadores, o fragmento cerâmico decorado recolhido no Penedo da Cortegaça é muito semelhante às decorações identificadas em alguns recipientes encontrados no povoado das Malhadas (Palmela). Este tipo de decoração apresenta paralelos com outros recipientes cerâmicos identificados em Negrais, Penedo do Lexim, Olelas, Alto do Montijo, Serra das Éguas, etc.

Os motivos decorativos que compõem a decoração impressa, incisa e a que combina as duas técnicas, mostram homogeneidade na sua produção e dão-nos uma amostragem consistente da sequência neolítica e calcolítica, detectada nos povoados mais importantes da Estremadura, caso do Zambujal, Vila Nova de São Pedro e Leceia.

No Penedo da Cortegaça estão ausentes as armaduras de flecha, típicas do Neolítico Médio (triangular e simétrica) e do Neolítico Final (base côncava), que poderiam auxiliar na sua integração crono-cultural. Já J. J. F. Gomes (1971, p.194) tinha adiantado que aquando da escavação ali efectuada notou a escassa presença de armaduras, protagonizada apenas por uma ponta de flecha que aquele não classifica.

Os artefactos de osso recolhidos no Penedo da Cortegaça são de uso doméstico e por isso podem corresponder a qualquer fase da sua ocupação. Na bibliografia consultada, é possível estabelecer comparações com os objectos encontrados em numerosos sítios da Península de Lisboa, cronologicamente inseridos no Neolítico e Calcolítico (Salvado, 2004).

No que toca à estratégia de povoamento, o sítio integra-se nas várias fases do Neolítico e Calcolítico, como acontece em outros contextos de habitat da Pré-História recente da Estremadura. Veja-se o caso dos habitats pré-históricos situados no concelho de Loures mais concretamente, junto ao rio de Lousa e da ribeira do Tufo: Alto da Toupeira, Castro da Ponte de Lousa, Salemas, Alto do Penedo Mouro e Fontanelas (Guedes, 2006). Estes povoados, datados do Neolítico Final e do Calcolítico encontram-se “ (...) *em pontos altos, com óptimas defesas naturais e próximos dos recursos agrícolas, aquíferos e piscícolas, assim como perto dos nódulos de sílex e jazidas de ferro nas proximidades (Belas e Sintra).*” (Guedes, 2006, p. 36), como sucede no povoado do Penedo da Cortegaça. Por conseguinte, o factor preponderante na escolha do local para fixação da população, seja qual for a sua cronologia, parece ter sido efectivamente a existência de matéria-prima, o sílex, bem essencial na vida económica destas comunidades. Paralelamente, a posição privilegiada do povoado no topo de vertente, defensável pelos proeminentes rochedos que afloram no cume do terreno, também contribuiu certamente para o estabelecimento daquelas.

Recursos como água, solos agricultáveis, pastos para o gado e zonas de mato e floresta densas para caça e recollecção estariam igualmente garantidas. Com efeito, como refere A. Valente, “*toda a Península de Lisboa é marcada por uma paisagem hidrográfica que apresenta condições favoráveis, quer de circulação, quer de recursos para a ocupação da mesma durante o IV milénio a.C..*” (2006, p. 82).

7. CONCLUSÃO

A amostra significativa de artefactos de pedra lascada indica o talhe e a produção de utensílios no povoado, aproveitando assim os filões de sílex abundantes no substrato calcário. Terá sido especialmente este aspecto que chamou a atenção das populações, explicando assim longa diacronia ocupacional do sítio.

Os dados disponíveis mostram índices coerentes para atribuir cronologia para o sítio arqueológico do Penedo da Cortegaça. A presença de artefactos-tipo como por exemplo, taças carenadas e bordos denteados, levam-nos a admitir que se trata de contexto habitacional datado dos inícios do Neolítico até ao Calcolítico, inclusive o período Campaniforme. Apresenta paralelos com contextos habitacionais da Península de Lisboa, certamente contemporâneos entre si em alguns momentos ocupacionais. Tomemos como exemplo os povoados situados em ambas margens da ribeira de Cheleiros (Anços, Alto do Montijo, Olelas, Penedo do Lexim, etc....) e na área envolvente do rio de Lousa e da ribeira do Tufo (Alto da Toupeira, Castro de Ponte de Lousa, Salemas, etc....).

Tendo em conta a área provável dos povoados da Estremadura portuguesa estudados por Susana Oliveira Jorge (2005), encontramos duas grandes situações: recintos muralhados com 1 a 2ha (Vila Nova de São Pedro, Zambujal, Leceia, etc....) e outros assentamentos, igualmente fortificados, com menos de 1ha (Penedo do Lexim, entre outros). Partindo deste critério analítico e comparativo, o povoado do Penedo da Cortegaça seria um povoado de pequena dimensão (com muito menos de 1ha), aberto e não fortificado, gozando apenas de defesas naturais através de posição geo-estratégica na paisagem (cume a cerca de 200m de altitude). Tal acontecimento pode-se verificar no povoado de Ponte de Lousa, com a mesma cronologia, "(...) onde o afloramento calcário serve de barreira natural, formando como que uma muralha natural (...)"(Guedes, 2006, p. 34).

Segundo Susana Oliveira Jorge, na Estremadura "*predominam os povoados com uma duração média (cerca de 300/400 anos), entre o Calcolítico Inicial e o Calcolítico Final (cinco casos); (...) são conhecidos dois casos (Zambujal e Vila Nova de São Pedro) com ocupações muito longas (cerca de mil anos), do Calcolítico Inicial ao Bronze Inicial; (...) detectados (...) dois possíveis casos de curta duração (cerca de 200/100 anos), um no Calcolítico Inicial e outro no Calcolítico Final.*" (2005, p. 31). A utilização de povoados

(fortificados ou não) pode apresentar assim, longa diacronia, ainda mais quando estão implantados em zonas potencialmente atraentes às comunidades humanas.

A implantação próxima do povoado do Penedo da Cortegaça a terrenos com fortes potencialidades agrícolas, com especial destaque para a várzea da Granja do Marquês terá contribuído para a escolha deste sítio. Deste modo, a prática da agricultura e da pastorícia seria uma das actividades económicas e de sobrevivência destas comunidades humanas. Outro factor que terá influenciado a fixação humana na cumeada foi com certeza a existência de matéria-prima em abundância, o sílex, permitindo o seu talhe e produção a qualquer momento. Esta situação está bem definida e atestada pelos vestígios encontrados no povoado. Ainda há relativamente pouco tempo podíamos observar massas de sílex *in situ*, agora desaparecidas face à laboração da pedreira.

O acesso fácil a linhas de água estaria garantido pela ribeira de Fervença e outros pequenos ribeiros em redor e num raio de 5 km próximo ao povoado. O seu aproveitamento ainda não está bem definido tendo em conta que não foram encontrados restos de fauna mamalógica e ictiológica. Contudo, esta inexistência pode dever-se à natureza e procedimento do tipo de recolha efectuado nas prospecções arqueológicas realizadas. A transitabilidade continua em aberto uma vez que surgiram dois fragmentos de anfibólito, exógenos.

A circulação de pessoas, bens e ideias é um fenómeno abrangente a toda a Pré-História e perfeitamente aceitável para o caso do Penedo da Cortegaça. Populações que precisassem de sílex para a construção dos seus utensílios, poderiam deslocar-se ali e trocar por outros produtos e bens (caso das comunidades da montanha de São Pedro de Canaferrim, onde foram detectados vários exemplares de pedra lascada).

Neste território, são conhecidos outros assentamentos que estariam certamente interligados entre si, formando uma rede de povoamento, como é o caso do Alto do Montijo e outros sítios da área da Ribeira de Cheleiros, dos quais se destacam os conhecidos povoados do Penedo de Lexim e Olelas (Sousa, 1998). Com efeito, *"Os recintos estão ligados em rede a outros lugares, entre os quais circulam, ao longo do tempo, pessoas, artefactos, matérias-primas, etc."* (Jorge, S.O; 2006, p. 217).

Em conclusão, podemos admitir a prática de actividades económicas versáteis junto das comunidades humanas que se sedentarizaram no Penedo da Cortegaça, mas no qual a produção de utensílios em pedra lascada lhe confere características especializadas de um

povoado mineiro. Conhecem-se alguns sítios exclusivamente especializados (oficinas) no talhe do sílex, na Península de Lisboa, atribuídos às antigas sociedades agro-pastoris e metalúrgicas, como o Monte das Pedras (Amadora) e Pedreira de Aires (Odivelas). É neste sentido de concepção da paisagem e dos recursos que esta fornece, que o povoado do Penedo da Cortegaça apresenta especial interesse: as populações não só viram a possibilidade de se fixarem numa área próxima de linhas de água, com recursos agrícolas, cinegéticos e silvícolas à sua disposição, como igualmente perceberam a abundância de um recurso tão vital para a sua economia e sobrevivência, o sílex.

8. BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, G.M. de; GOMES, J.J.F. (1959) - Estudo preliminar da estação pré- histórica de Carnaxide. *Actas e memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. Vol. 1, pp. 137-146.

ANDRADE, M. A. (2011) - O sítio pré-histórico de Monte das Pedras (Mina, Amadora): identificação e caracterização de uma possível oficina de talhe neolítica. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol.14, pp. 5-39.

ANDRADE, M. A.; CARDOSO, M. S (2004) - O sítio pré-histórico da Pedreira do Aires (Ramada, Odivelas): notícia da sua identificação. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 7, nº 1, pp.137-163.

ARNAUD, J. M.; GAMITO, T. J. (1972) – O povoado fortificado neo- e eneolítico da Serra das Baútas (Carenque, Belas). *O Arqueólogo Português*. Série 3, vol. 6, pp. 119-161.

BICHO, N. F. (2006) – *Manual de Arqueologia Pré-Histórica*. Lisboa: Edições 70.

CARDOSO, J. L. (1994) – Leceia 1983 – 1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal. N.º especial.

CARDOSO, J. L. (1996) – Materiais Arqueológicos inéditos do Povoado Pré-Histórico de Carnaxide (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal. Nº 6, pp. 27-45.

CARDOSO, J. L. (2000) – *Sítios, Pedras e Homens: Trinta Anos de Arqueologia em Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal.

CARVALHO, A. F. (1998) – *O Talhe da Pedra no Neolítico Antigo do Maciço Calcário das Serras d' Aire e Candeeiros (Estremadura Portuguesa). Um primeiro Modelo Tecnológico e Tipológico*. Coleção Textos monográficos 2 (Associação para o Estudo Arqueológico da Bacia do Mondego). Lisboa: Edições Colibri.

CARVALHO, A. F. (2008) – O Talhe da pedra na pré-história recente de Portugal: 1. Sugestões teóricas e metodológicas para o seu estudo. *Praxis Archaeologica*. Nº 3, pp. 167-181.

CARVALHO, A. F. (2007) - *A Neolitização do Portugal Meridional: os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve Ocidental*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.

DINIZ, M. (2003) - *O sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da Neolitização no Interior de Portugal*. Tese de Doutoramento em Pré-História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

ENCARNAÇÃO, G. da (2010) - *As cerâmicas carenadas do povoado da Espargueira (Serra das Éguas, Amadora). Um contributo para o seu estudo*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

ESTEVÃO, F. (2000) – O Castro de Ponte de Lousa (Loures) – notícia preliminar. *O Arqueólogo Português*. Série IV, vol. 18, p. 61-70.

FERREIRA, O. da V. (1973) - Antecedentes Pré-Históricos dos Castros da Idade do Ferro: os Castros da Idade do Cobre em Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Vol. 22, fasc. 3, pp. 295-305.

FERREIRA, S. D. (2003) - Os copos canelados do povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 6, nº 2, pp. 181-228.

GOMES, J. J. F. (1971) - Objectos manufacturados sobre osso do povoado pré-histórico do Penedo (Cortegaça-Sintra). *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra: Junta Nacional de Educação. Vol. 1, pp 193-198.

GOMES, J. J. F. (1978) - Loiças ante-campaniformes do Museu Hipólito Cabaço, Alenquer. *Actas das III Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. 1, pp. 115-124.

GOMES, J. J. F.; DOMINGOS, J. J. B. (1994) - Sítios arqueológicos representados no Museu Hipólito Cabaço (Alenquer): Complexo Arqueológico de Ota. *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. 2, pp. 7-15.

GONÇALVES, J. L. M. (1979) - Os povoados neo e calcolíticos da Península de Lisboa. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. III série, nº 85, pp. 3-28.

GONÇALVES, V. S., coord. (2005) - *Cascais há 5000 anos*. Cascais: Câmara Municipal.

GUEDES, J. (2006) - O Neolítico Final e o Calcolítico nas margens do rio de Lousa e da ribeira do Tufo (Loures). *Al-madan*. Nº 14, II série, pp.33-37.

JORGE, S. O. (2005) - *O Passado é Redondo. Dialogando com os sentidos dos primeiros recintos monumentais*. Coleção Biblioteca Arqueológica, 2. Porto: Edições Afrontamento.

Munsell Soil Charts (1994). Gretab Macbeth [s.n.]. Revised Edition.

SALVADO, M. C. (1999) - *Apontamentos sobre a utilização do osso no Neolítico e Calcolítico da Península de Lisboa: as colecções do Museu Nacional de Arqueologia*. Tese de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

SIMÕES, T. (1996) - *O sítio arqueológico de São Pedro de Canaferrim (Sintra): Contributos para o estudo da Neolitização da Península Ibérica*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

SOARES, J.; SILVA, C. T. da (1974-77) - O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Série 3, vols. 7-9, pp. 101-122.

SOARES, J.; SILVA, C. T. da (1976-77) - Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. Vols. 2-3, pp. 179-272.

SOUSA, A.C. (1996) - *O Neolítico Final e o Calcolítico na área da Ribeira de Cheleiros*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

SOUSA, A. C. (2010) - *O Penedo do Lexim e a sequência no Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

SPINDLER, K. (1976) - Die neolithische Parede-Gruppe in Mittelportugal. *Madrider Mitteilungen*. Madrid: Deutsches Archaeologisches Institut Abteilung.17, pp. 21-75.

TILLEY, C.; SHANKS, M. (1993) - *Re-constructing Archaeology: Theory and Practice*. London: Routledge.

VALENTE, A. (2006) - *Cerâmicas com bordos denteados no Povoado de Vale de Lobos (Sintra)*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

9. CARTOGRAFIA

SROA – Serviço de Reconhecimento e de Ordenamento Agrário (1969) – *Carta Agrícola e Florestal*, folha 416-1, 1:25.000. Lisboa.

CMS - Câmara Municipal de Sintra (19-...) – *Carta Arqueológica do Concelho de Sintra*, 1ª fase, 1:50.000. Sintra.

CMS - Câmara Municipal de Sintra (19-...) – *Carta Topográfica do Concelho de Sintra*, nº 12, 1:20 000. Sintra.

IEADR – Instituto de Estruturas Agrárias e Desenvolvimento Rural (1994) – *Carta de Capacidade de Uso do Solo (Carta Complementar)*, folha 402, 1:25.000. Lisboa.

IEADR – Instituto de Estruturas Agrárias e Desenvolvimento Rural (1994) – *Carta de Capacidade de Uso do Solo (Carta Complementar)*, folha 416, 1:25.000. Lisboa.

IEADR – Instituto de Estruturas Agrárias e Desenvolvimento Rural (1994) – *Carta dos Solos de Portugal (Carta Complementar)*, folha 402, 1:25.000. Lisboa.

IEADR – Instituto de Estruturas Agrárias e Desenvolvimento Rural (1994) – *Carta dos Solos de Portugal (Carta Complementar)*, folha 416, 1:25.000. Lisboa

IEADR - Instituto de Estruturas Agrárias e Desenvolvimento Rural (1995) – *Carta de Capacidade de Uso do Solo*, folha 34-A1, 1:50.000. Lisboa.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2005) - *Carta Militar de Portugal*, folha 402, 1:25.000. Lisboa.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2005) - *Carta Militar de Portugal*, folha 416, 1:25.000. Lisboa.

SGP – Serviços Geológicos de Portugal (1991) – *Carta Geológica dos Arredores de Lisboa*, folha 34-A1, 1:50.000. Lisboa.

10. WEBGRAFIA

<http://www.google.com/earth/html>

<http://www.infopedia.pt/toponimia/Cortegaça>

www.georoteiros.pt

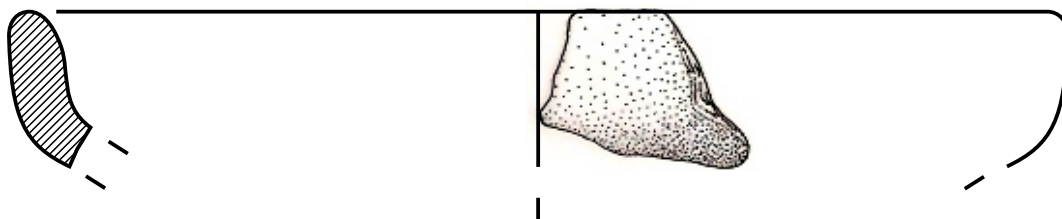
<http://coutinhoafonso.blogspot.pt/2011/02/penedo-de-cortegaca-aspectos-geologicos.html>

<http://coutinhoafonso.blogspot.pt/2011/02/penedo-de-cortegaca-aspectos-geologicos.html>

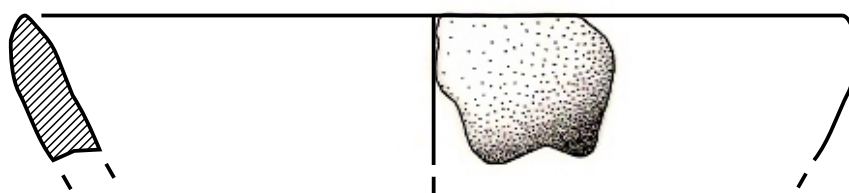
[http://unican.academia.edu/InesLopezLopezDoriga/Talks/38696/Los_cultivos_del_Neolitico Antiguo de Sintra Lameiras y Sao Pedro de Canaferriim](http://unican.academia.edu/InesLopezLopezDoriga/Talks/38696/Los_cultivos_del_Neolitico_Antiguo_de_Sintra_Lameiras_y_Sao_Pedro_de_Canaferriim)

<http://www.portaldoarqueologo.pt>

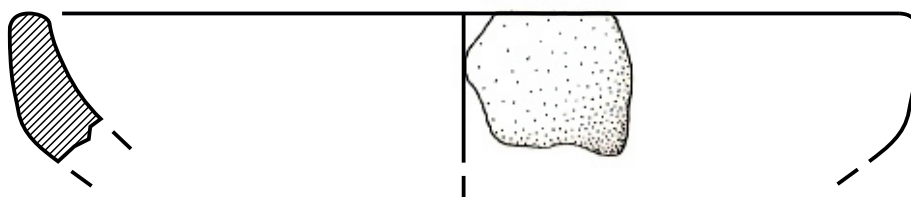
PEC/NC/92/35



PEC/NC/92/12



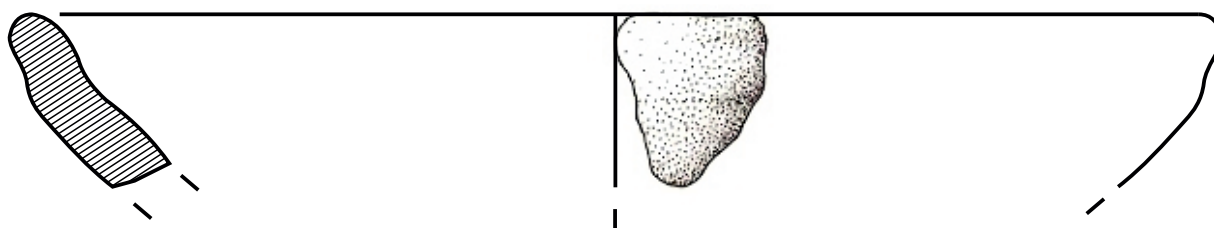
PEC/NC/92/15



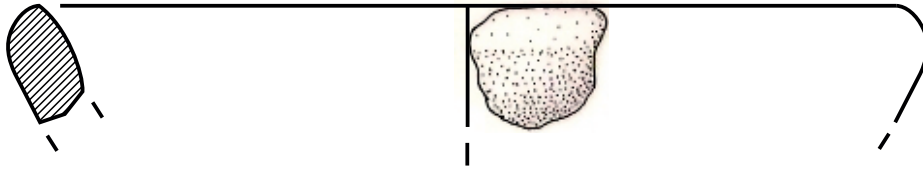
PEC/NC/92/07



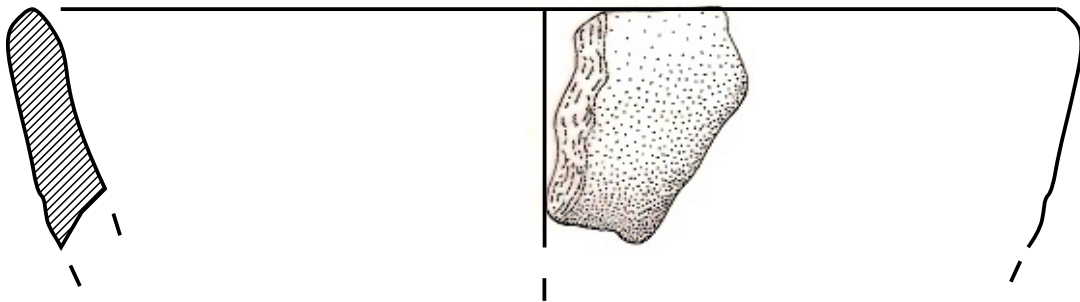
PEC/NC/92/90



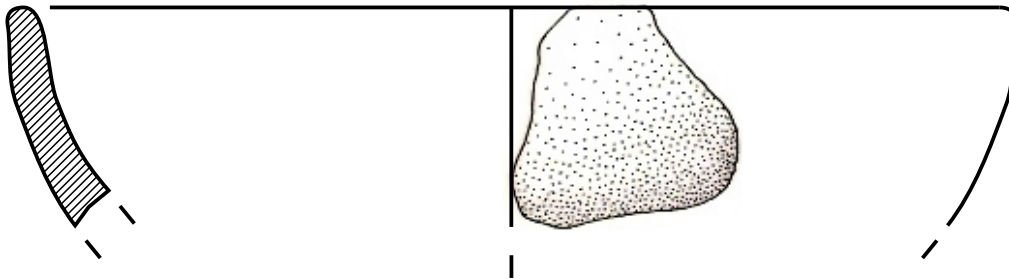
PEC/NC/92/85



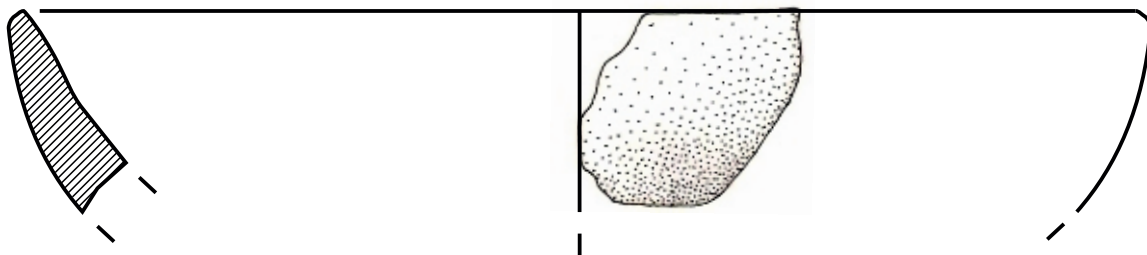
PEC/NC/92/09



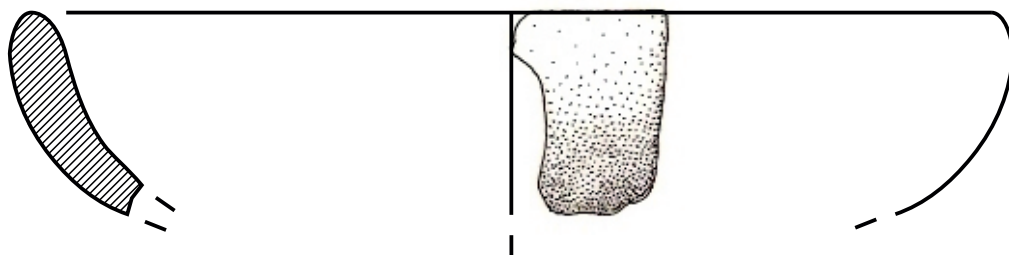
PEC/NC/92/20



PEC/NC/92/21



PEC/NC/92/25

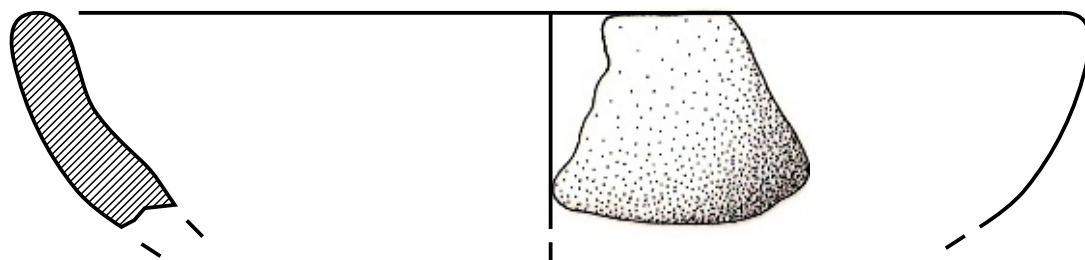


Desenho III

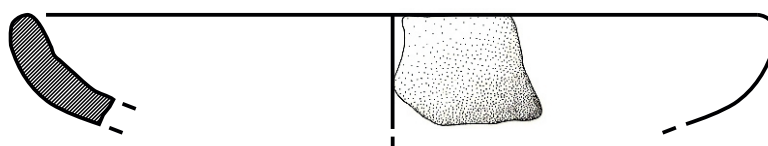
PEC/NC/92/13



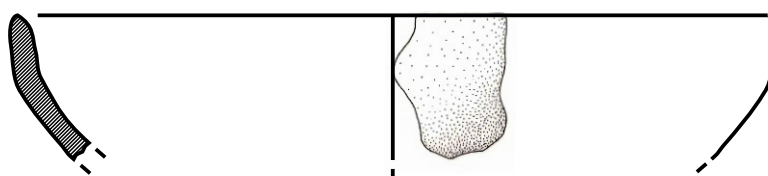
PEC/NC/92/32



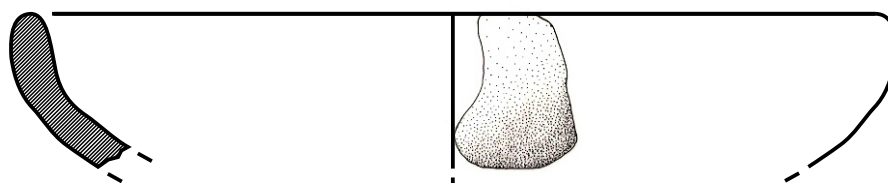
PEC/NC/92/83



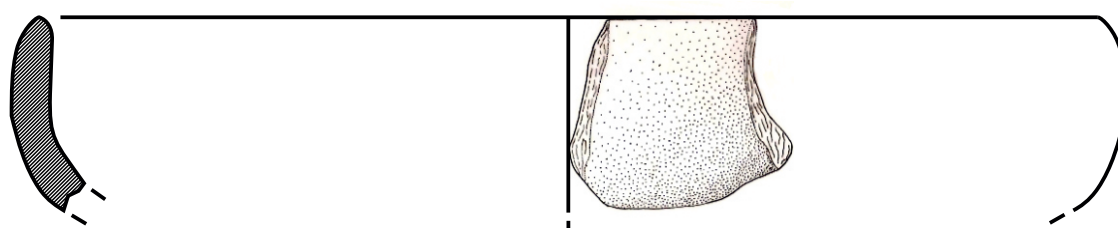
PEC/NC/92/19



PEC/NC/92/27

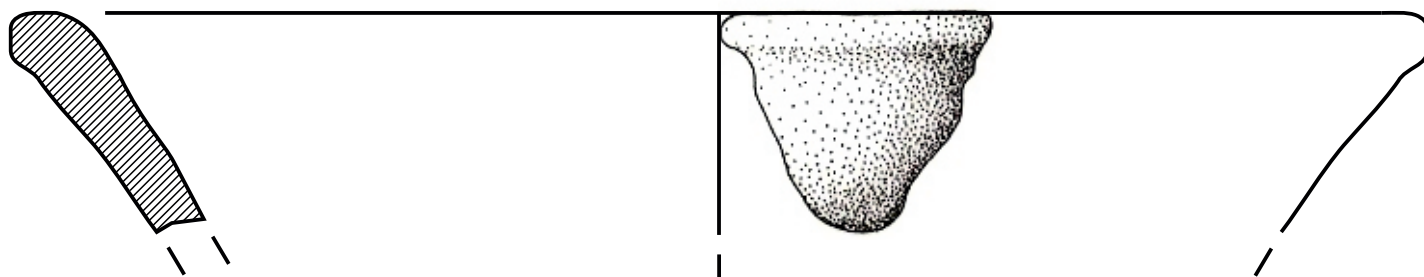


PEC/NC/92/10

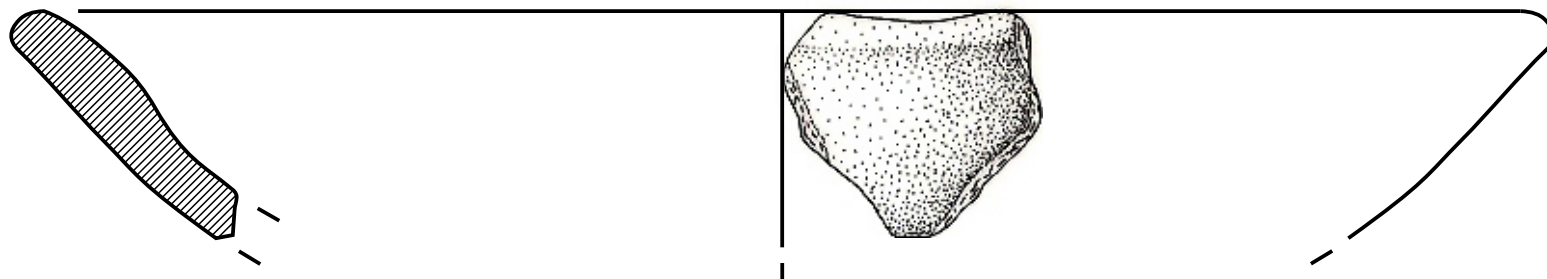


Desenho IV

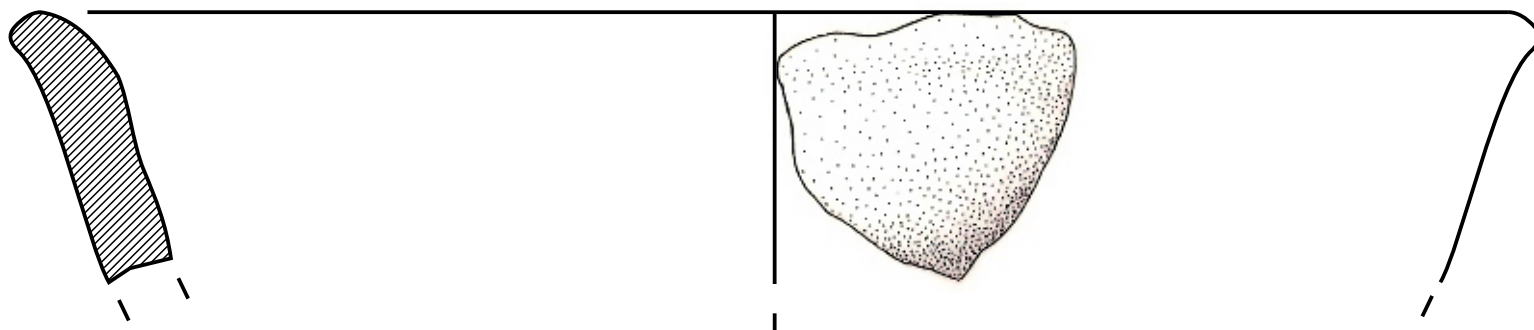
PEC/NC/92/6



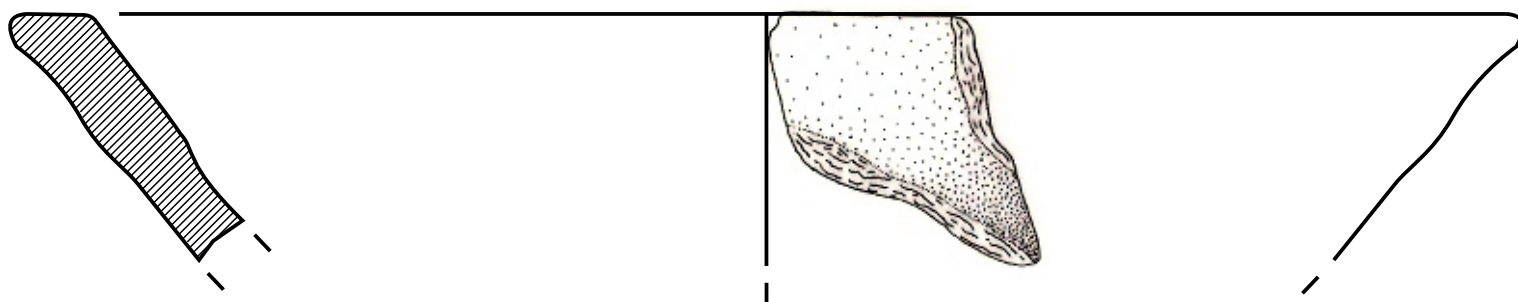
PEC/NC/92/81



PEC/NC/92/41



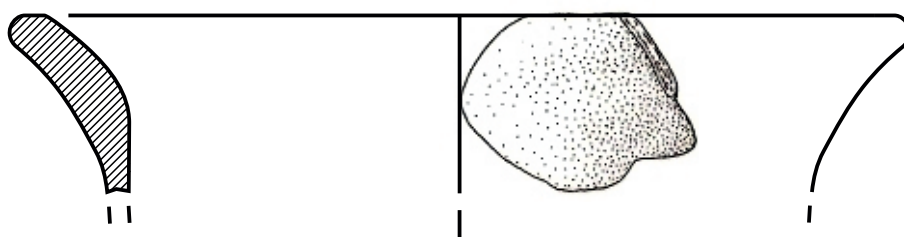
PEC/NC/92/08



0 5 cm

A scale bar consisting of five alternating black and white rectangular segments, used to indicate the size of the artifacts in centimeters.

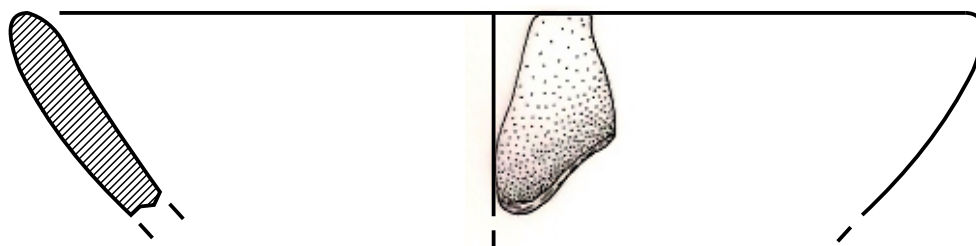
PEC/NC/92/47



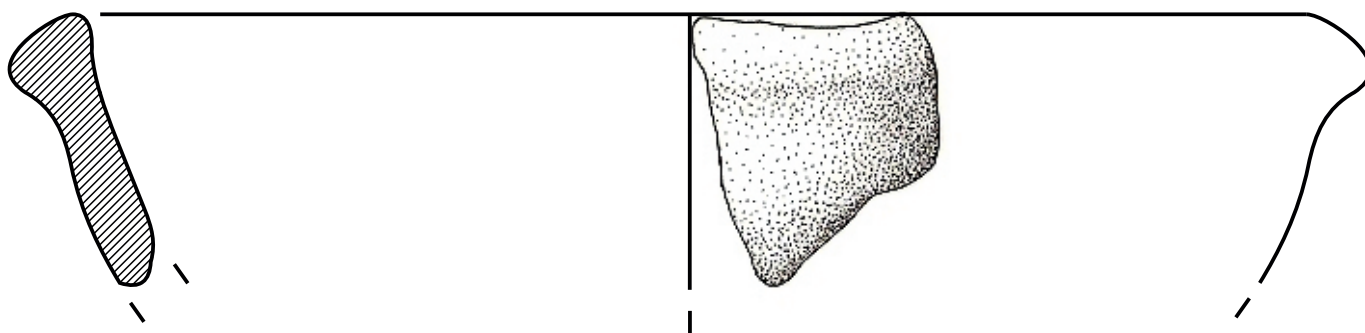
PEC/NC/92/89



PEC/NC/92/26



PEC/NC/92/88



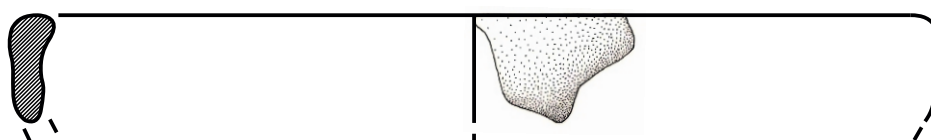
PEC/NC/92/29



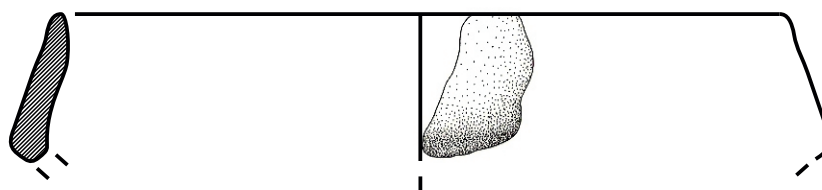
PEC/NC/92/28



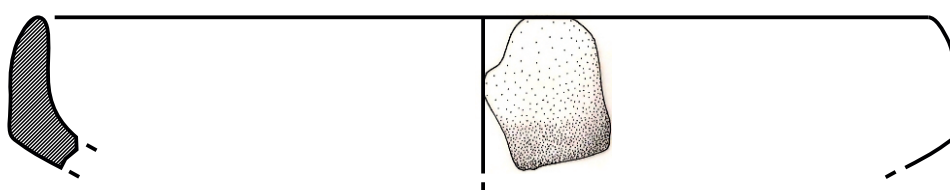
PEC/NC/92/04



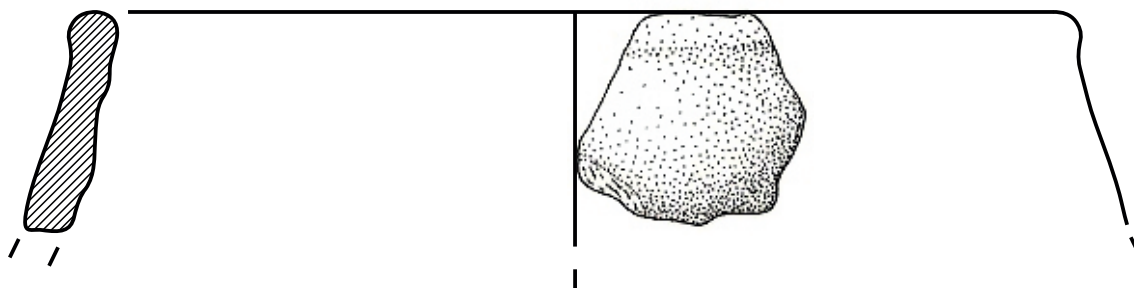
PEC/NC/92/87



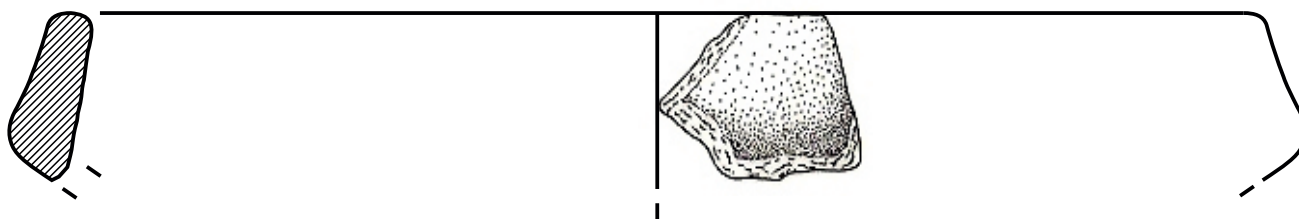
PEC/NC/92/30



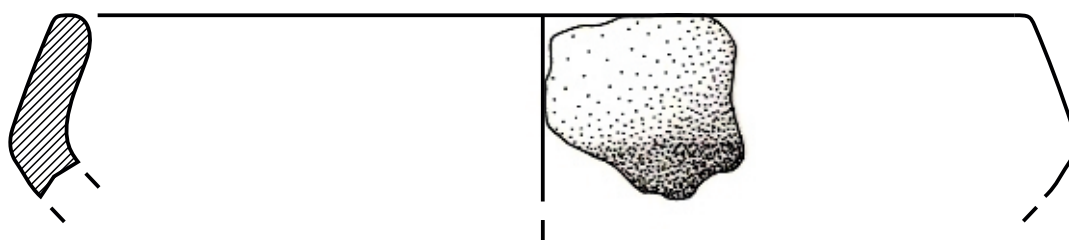
PEC/NC/92/82



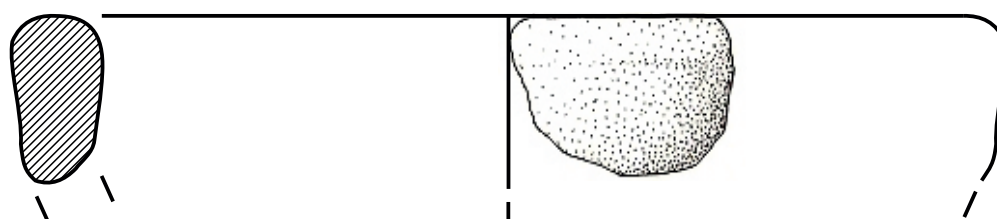
PEC/NC/92/80



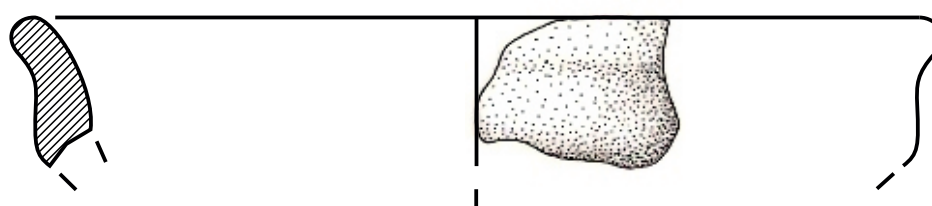
PEC/NC/92/51



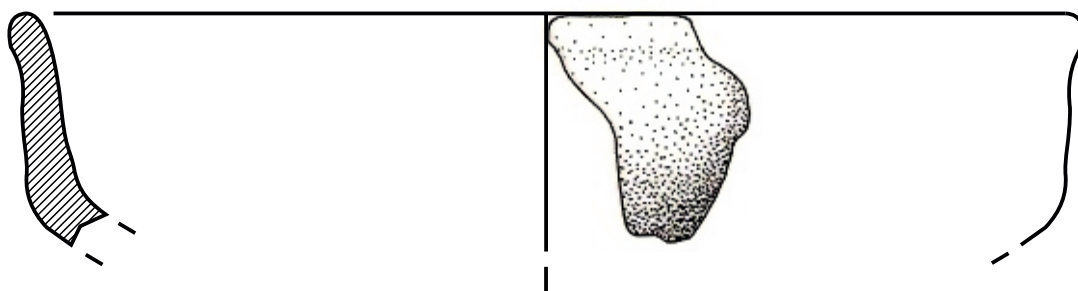
PEC/NC/92/03



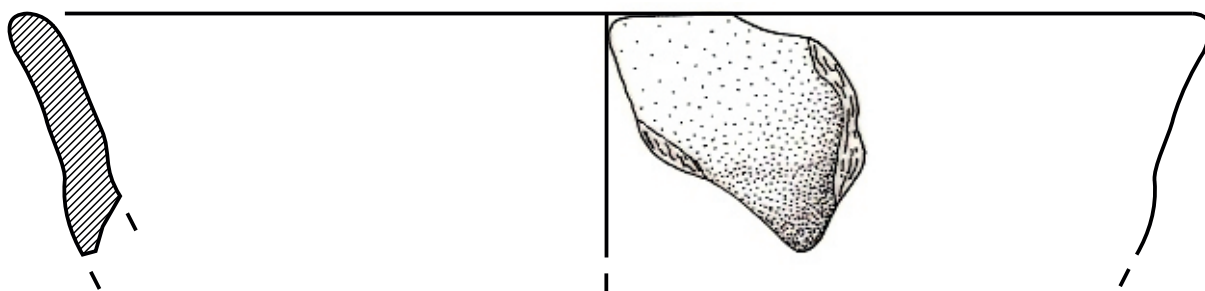
PEC/NC/92/34



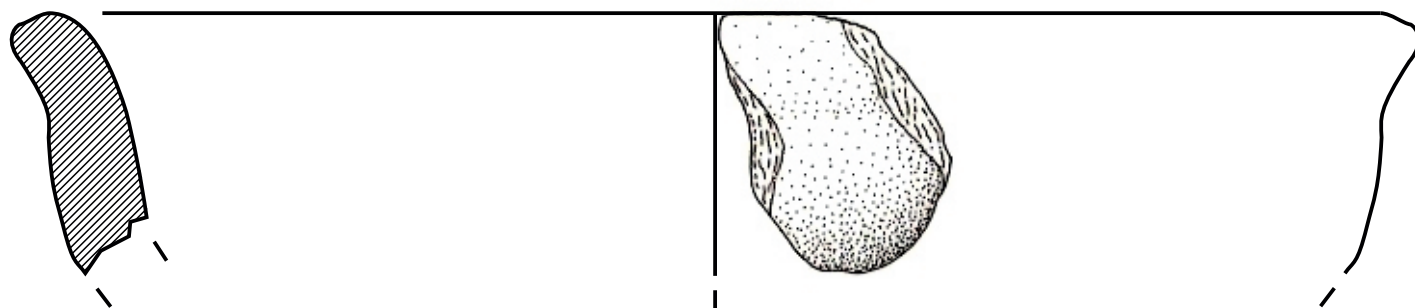
PEC/NC/92/14



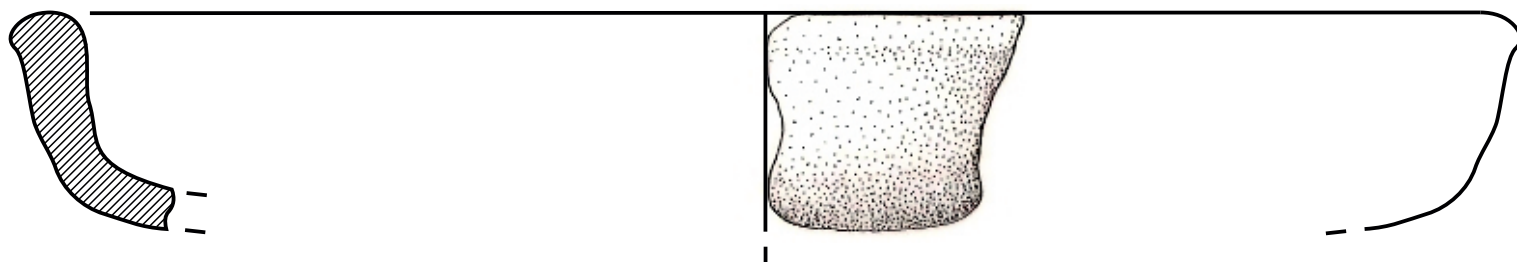
PEC/NC/92/05



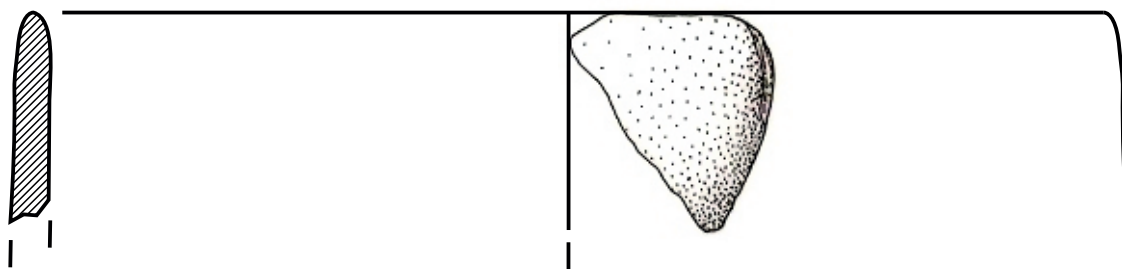
PEC/NC/97/1



PEC/NC/92/43



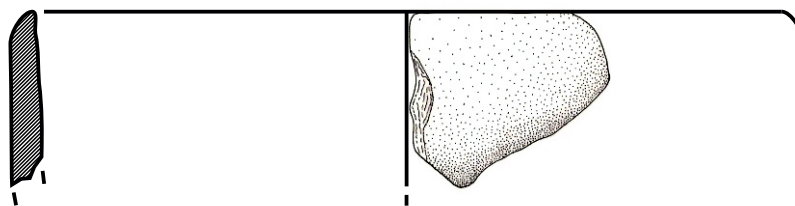
PEC/NC/92/18



PEC/NC/92/86



PEC/NC/92/01



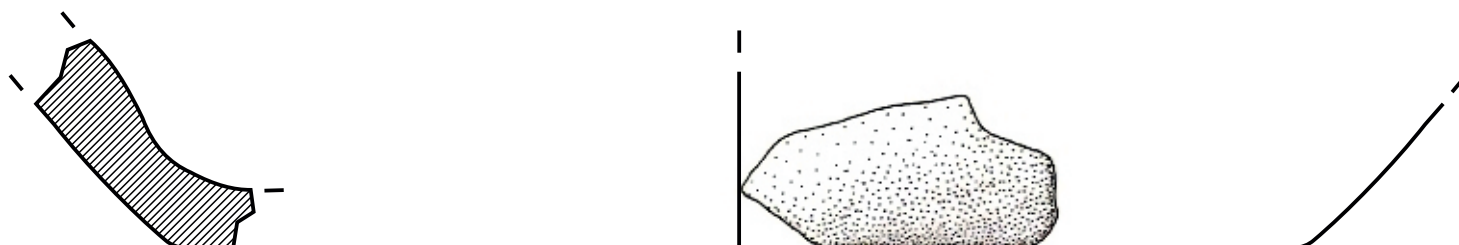
PEC/NC/92/22



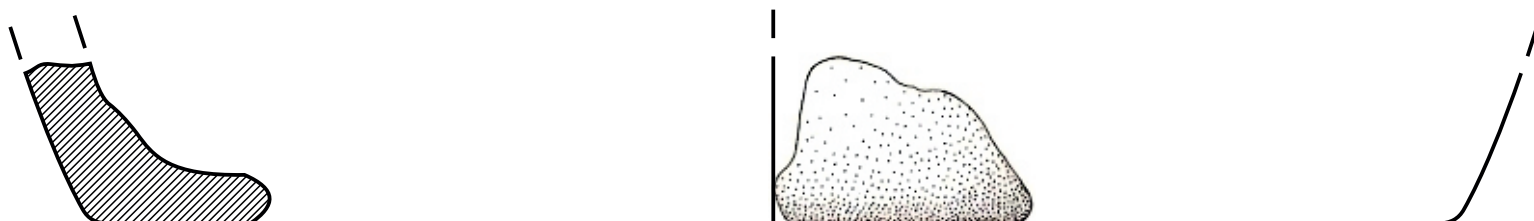
PEC/NC/92/84



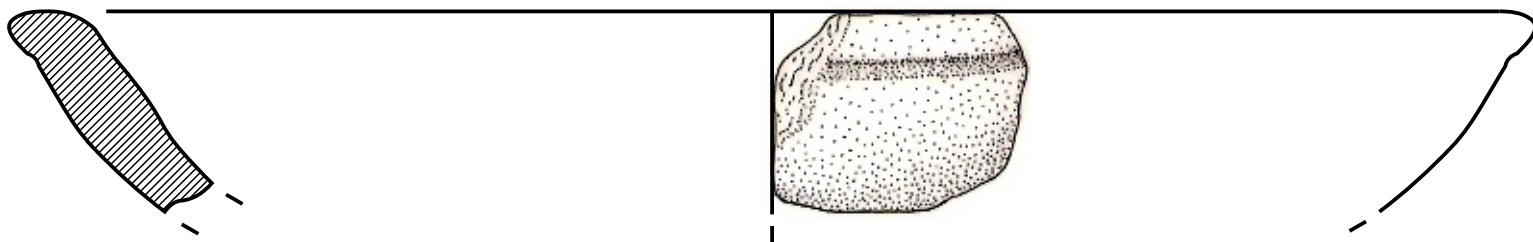
PEC/NC/92/39



PEC/NC/92/44



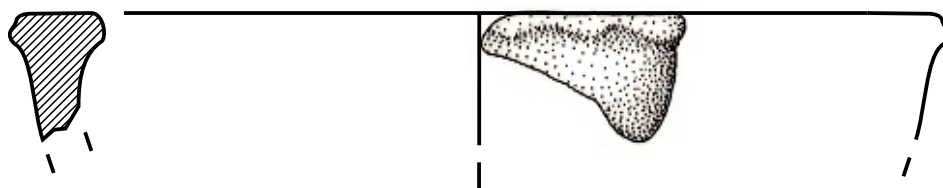
PEC/NC/92/63



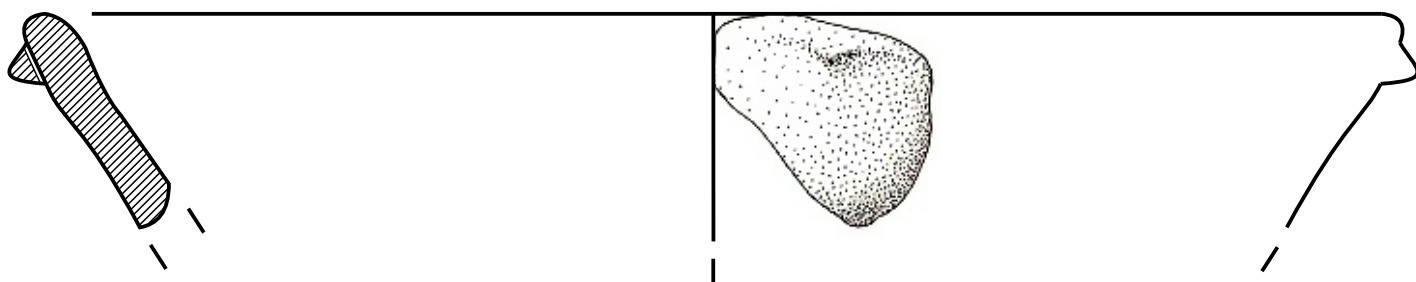
PEC/NC/92/58



PEC/NC/92/46



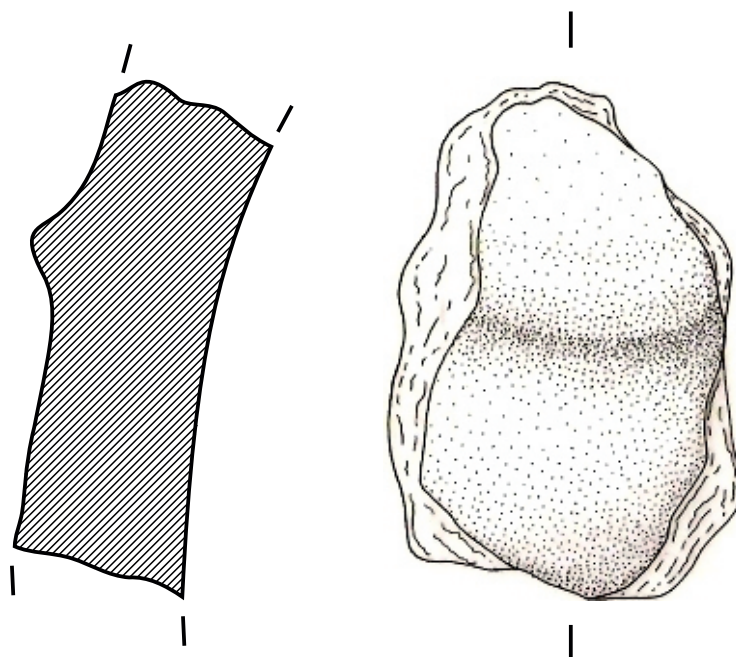
PEC/NC/92/52



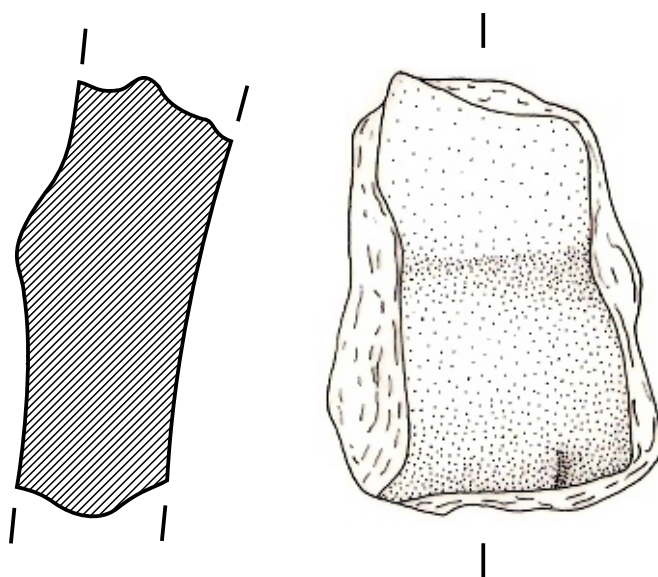
PEC/NC/92/55



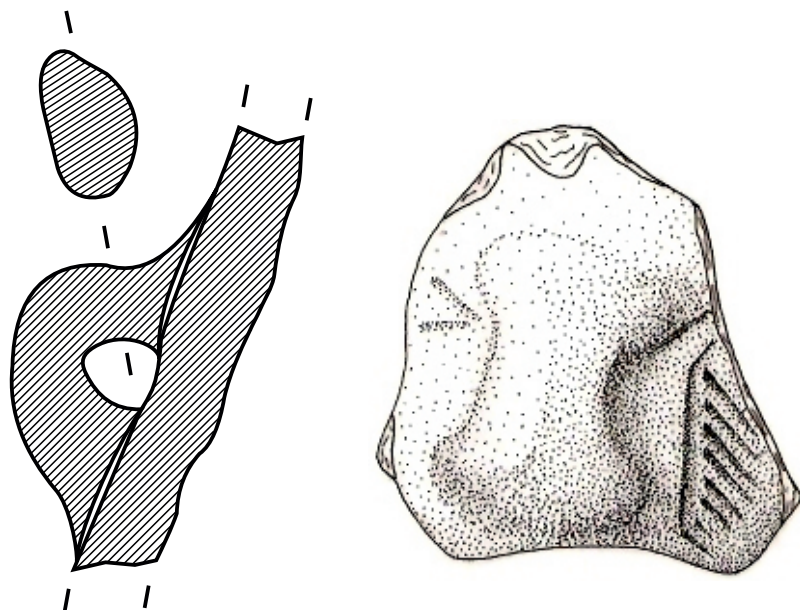
PEC/NC/92/57



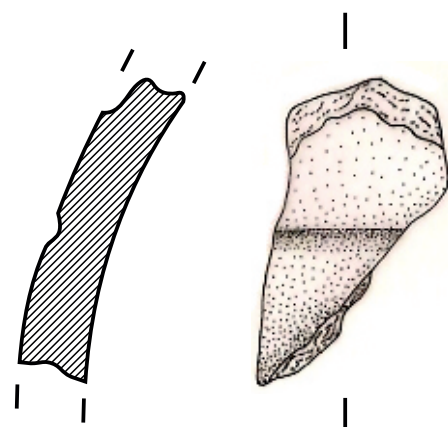
PEC/NC/92/56



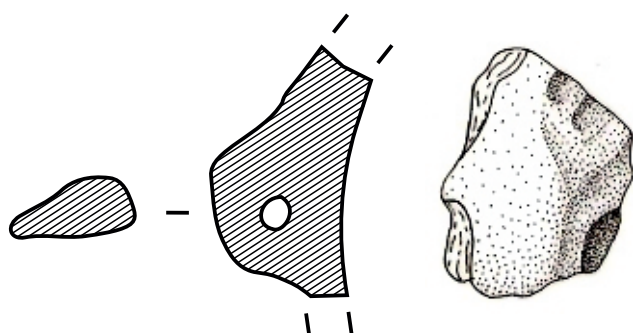
PEC/NC/92/93



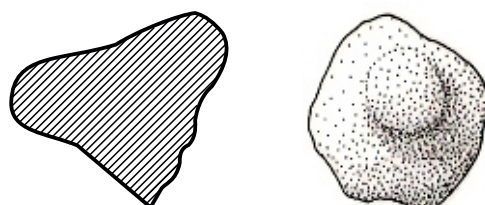
PEC/NC/92/62



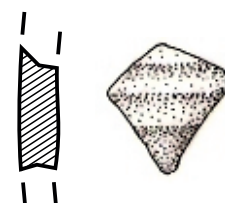
PEC/NC/92/54



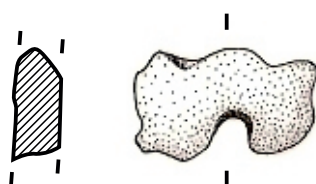
PEC/NC/92/24



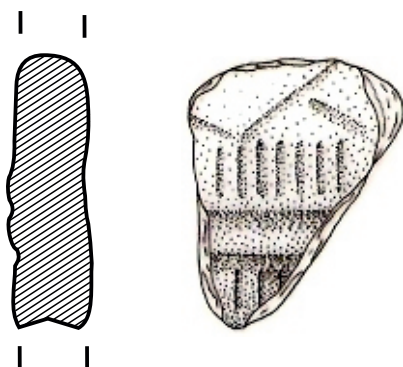
92/91 B



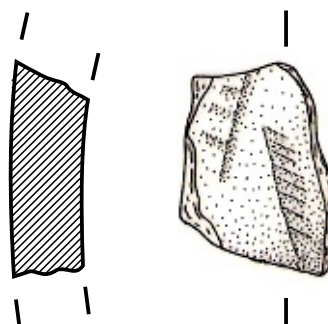
PEC/NC/96/6



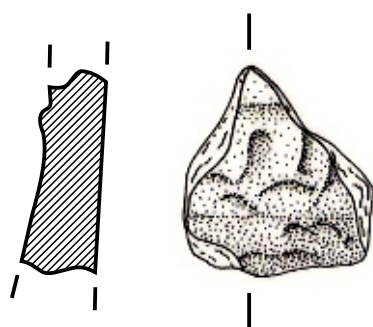
PEC/NC/96/3



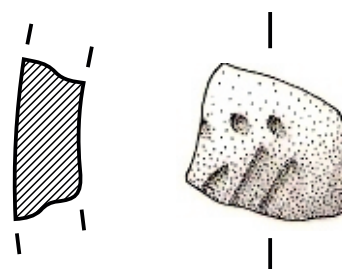
PEC/NC/92/61



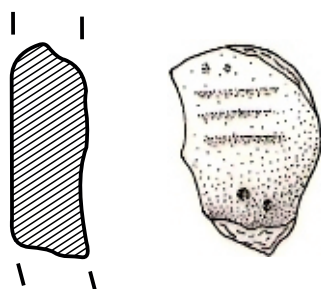
PEC/NC/92/60



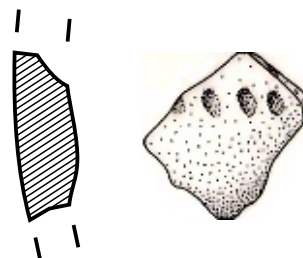
PEC/NC/92/64



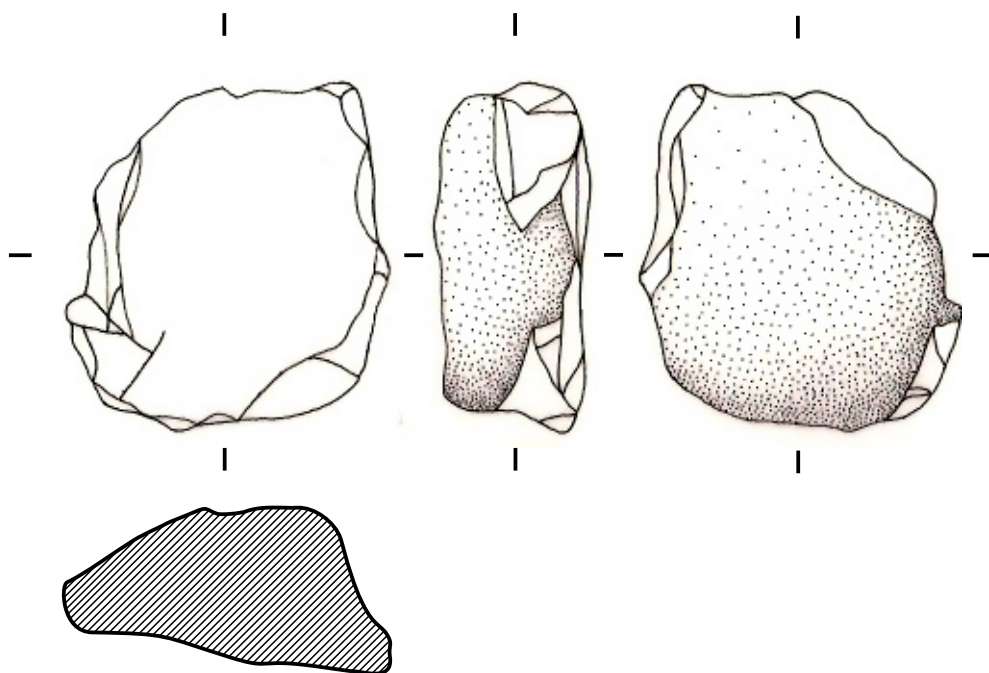
PEC/96/4



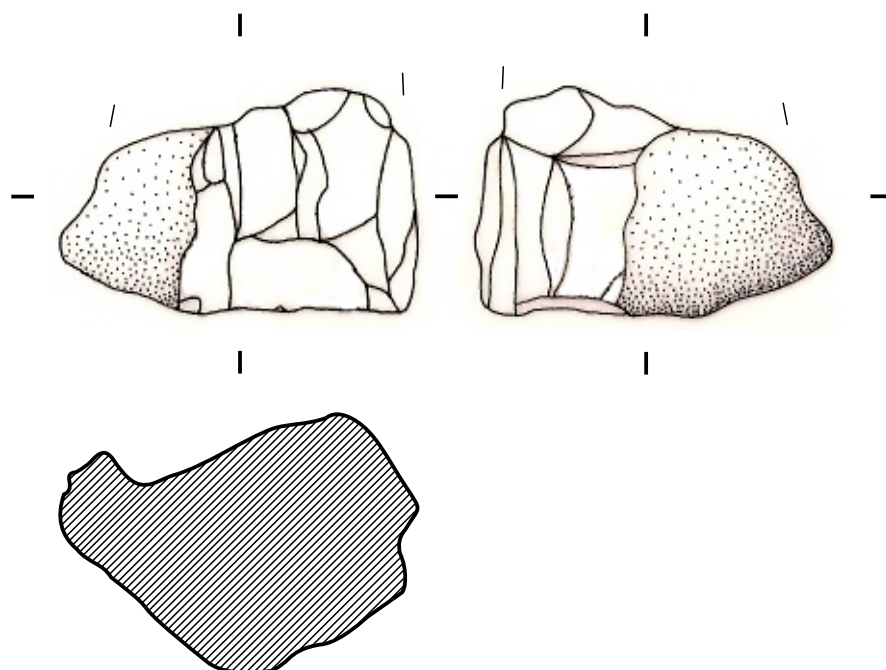
92/91 A



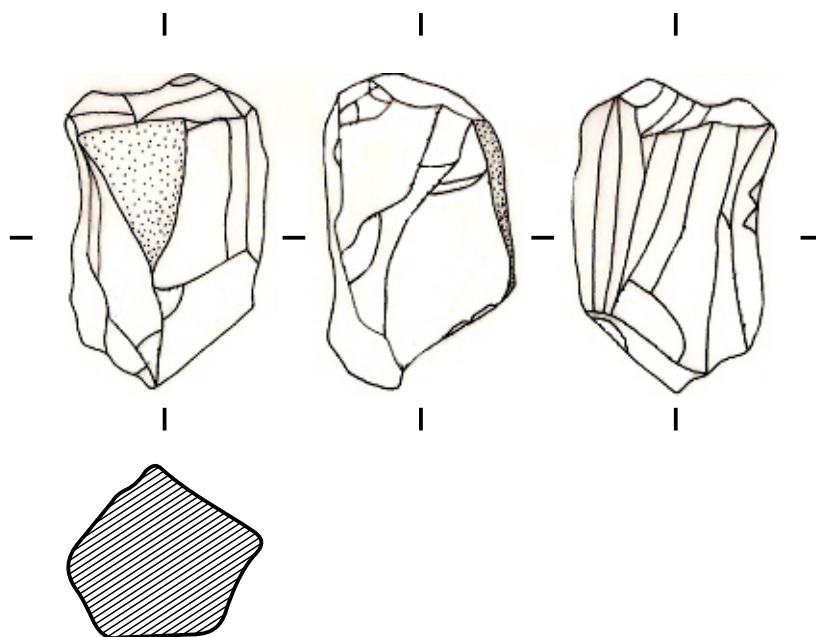
PEC/NC/92/116



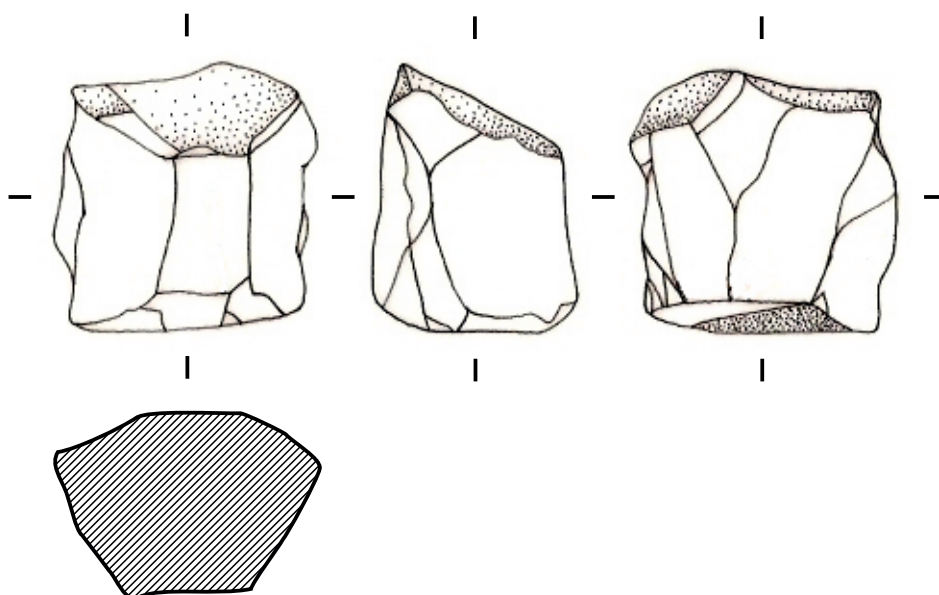
PEC/NC/92/127



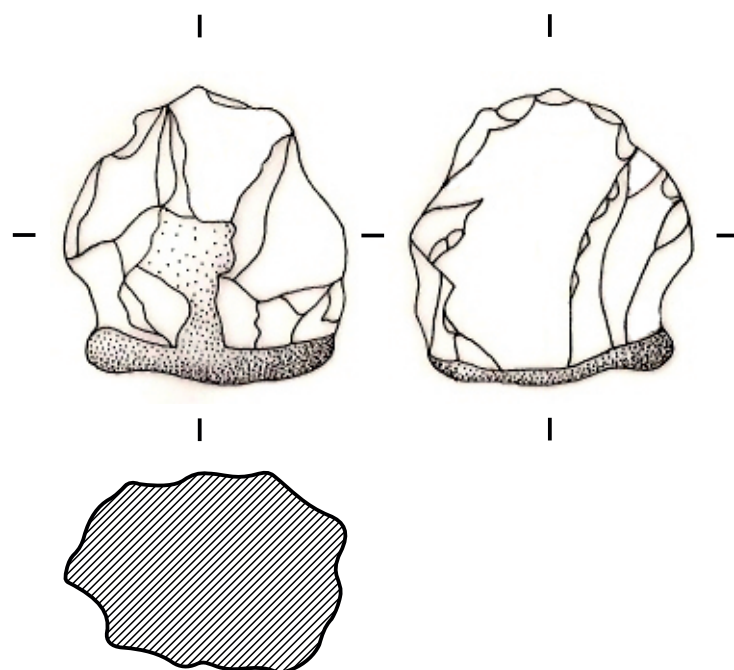
PEC/NC/92/79



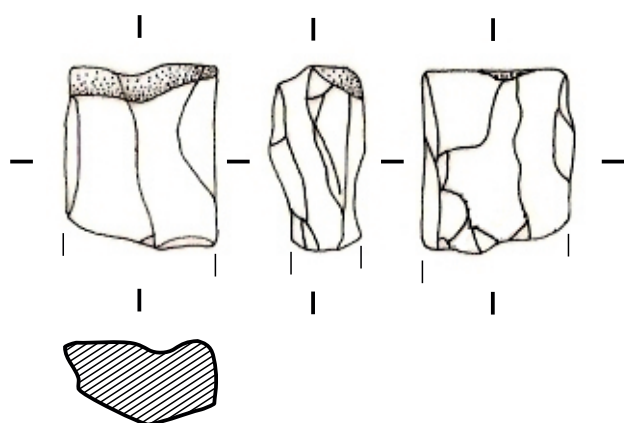
PEC/NC/92/92



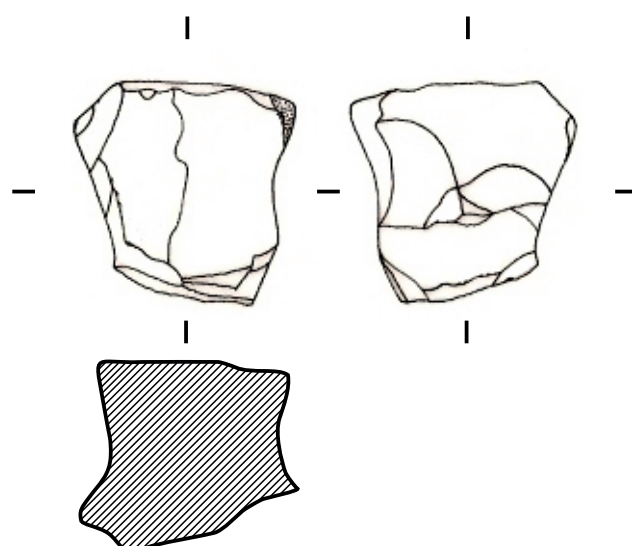
PEC/NC/92/125



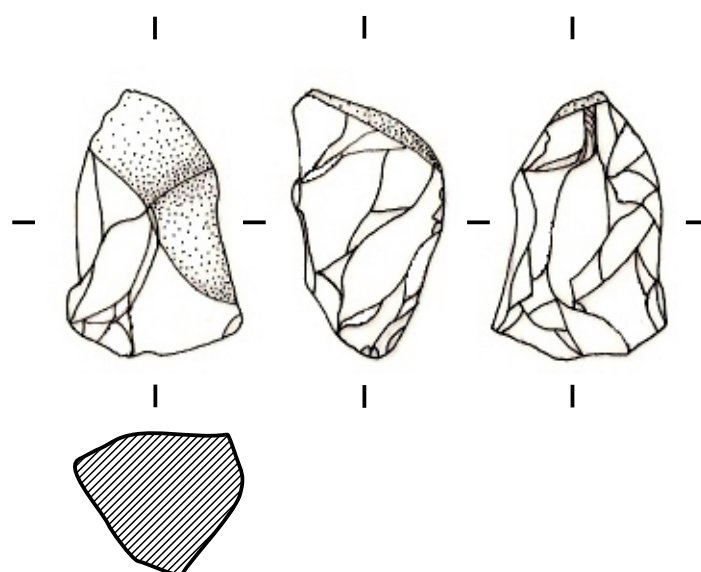
PEC/NC/92/100



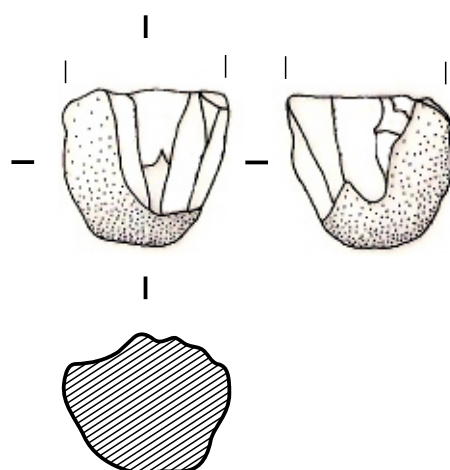
PEC/NC/92/118



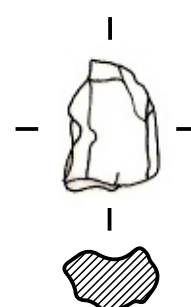
PEC/NC/92/115



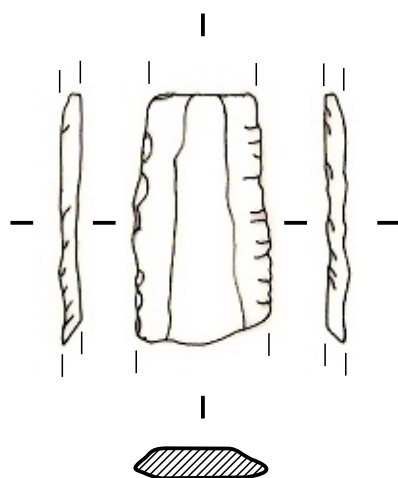
PEC/NC/92/124



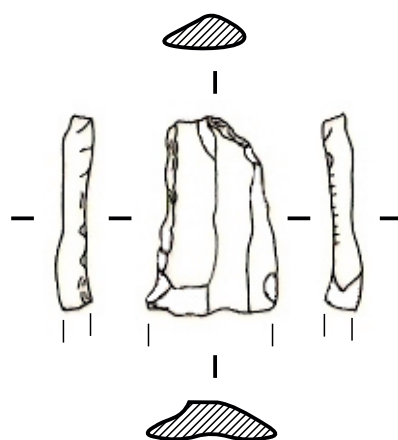
PEC/NC/92/69



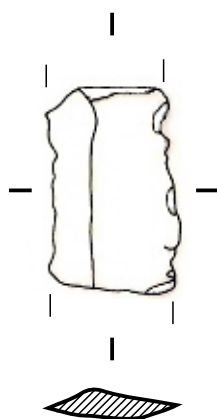
PEC/NC/92/72



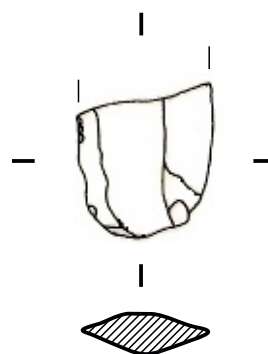
PEC/NC/92/73



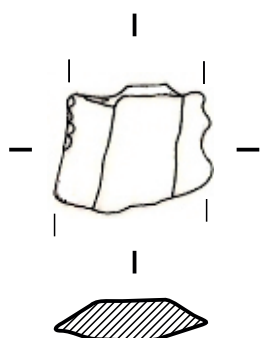
PEC/NC/92/74



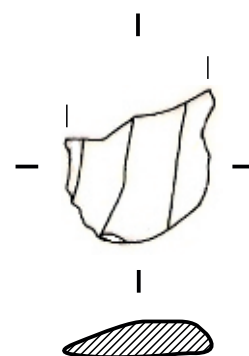
PEC/NC/92/75



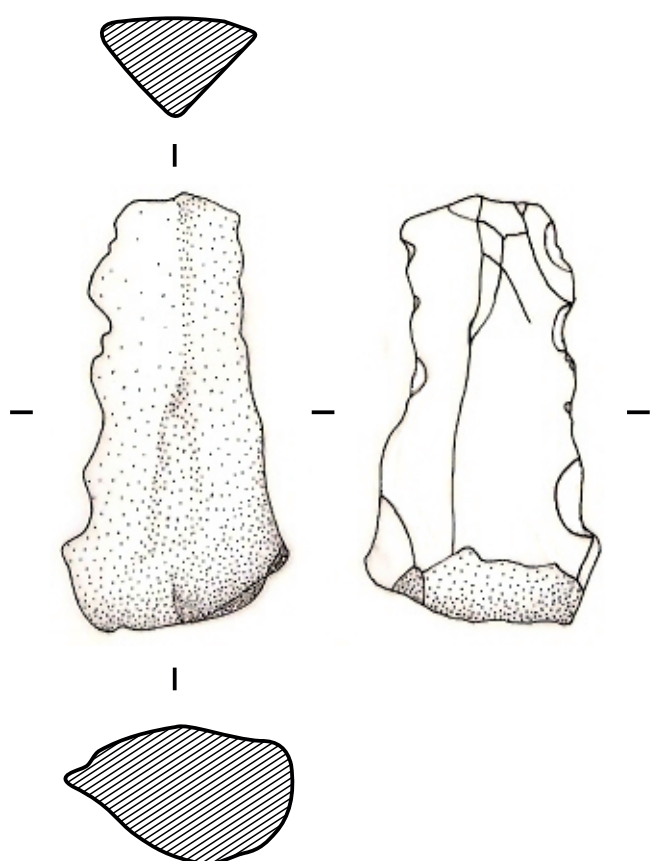
PEC/NC/96/1



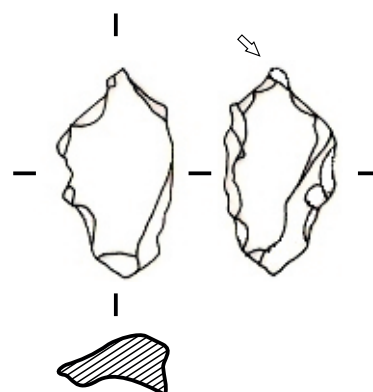
PEC/NC/92/77



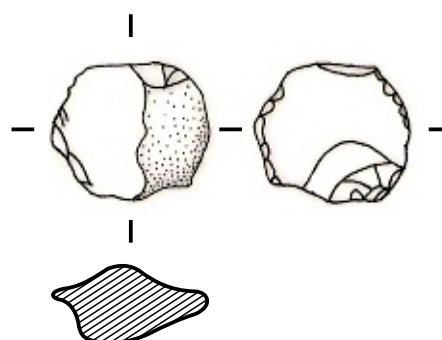
PEC/NC/92/66



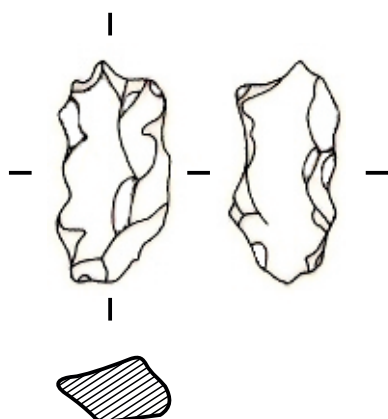
PEC/NC/92/109



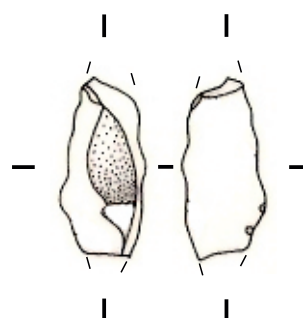
PEC/NC/92/104



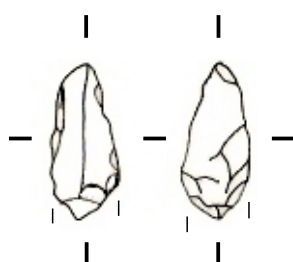
PEC/NC/92/78



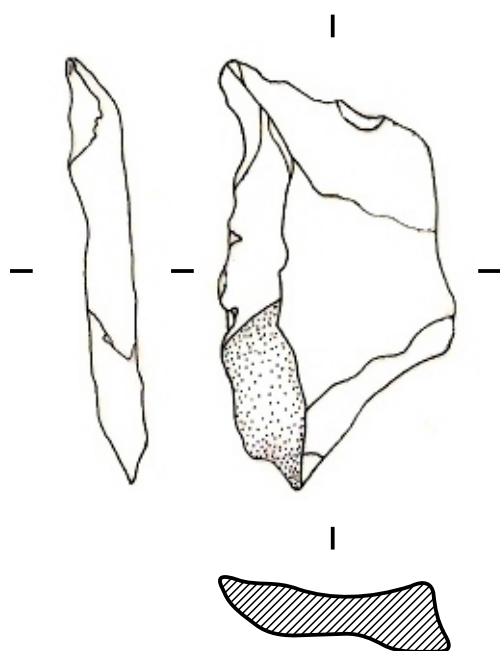
PEC/NC/92/94



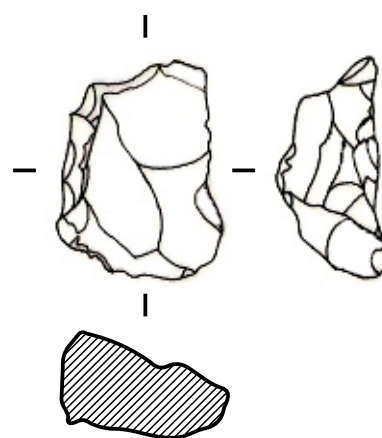
PEC/NC/92/108



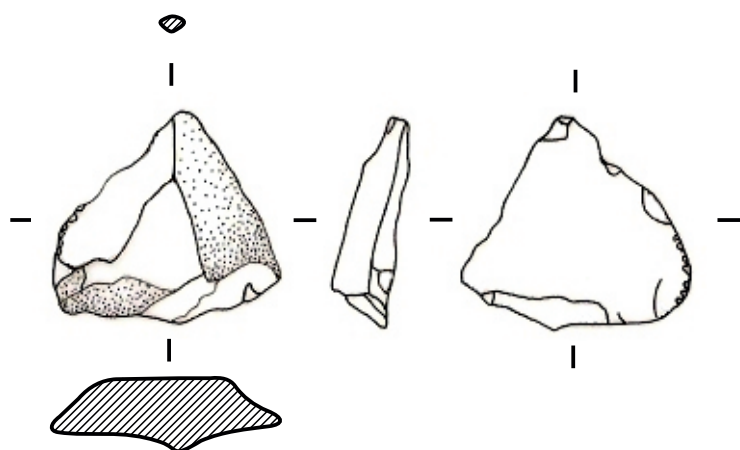
PEC/NC/92/76



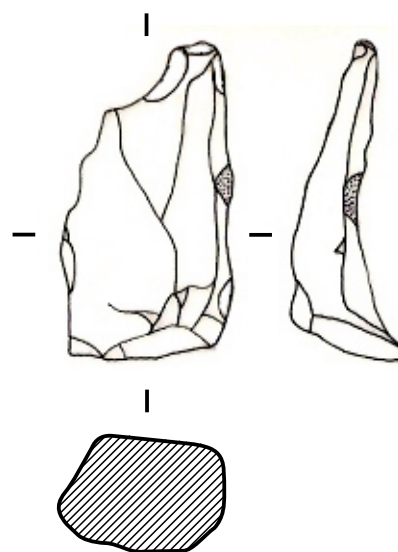
PEC/NC/92/68



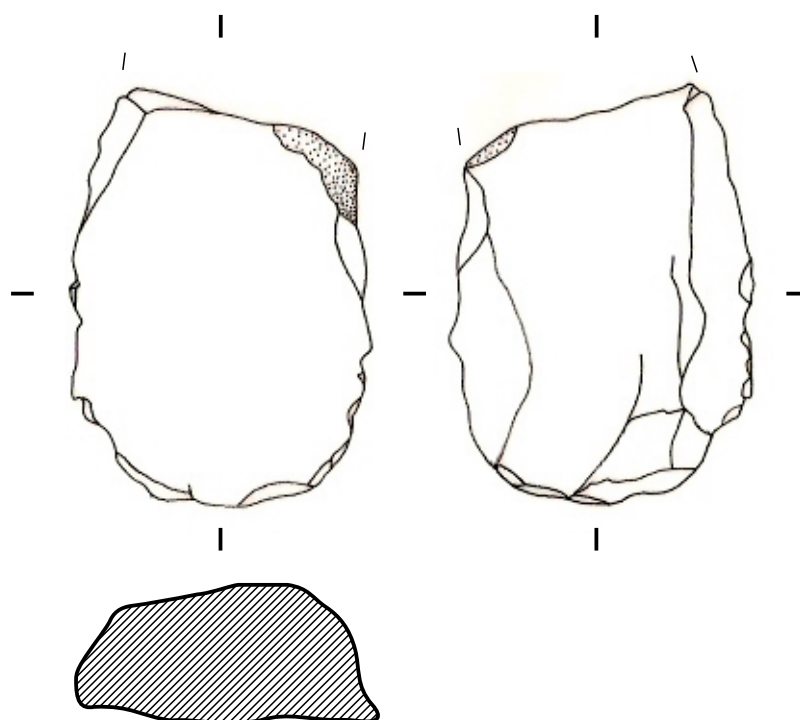
PEC/NC/92/67



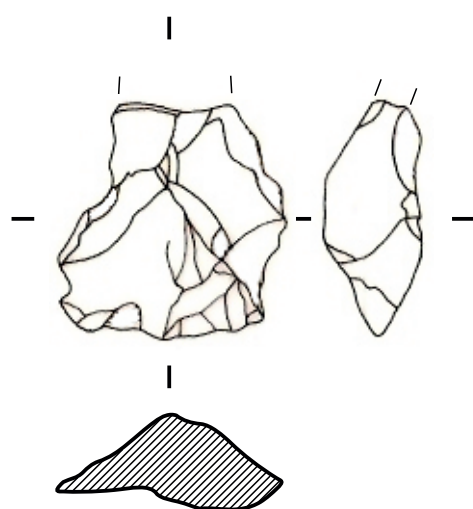
PEC/NC/92/65



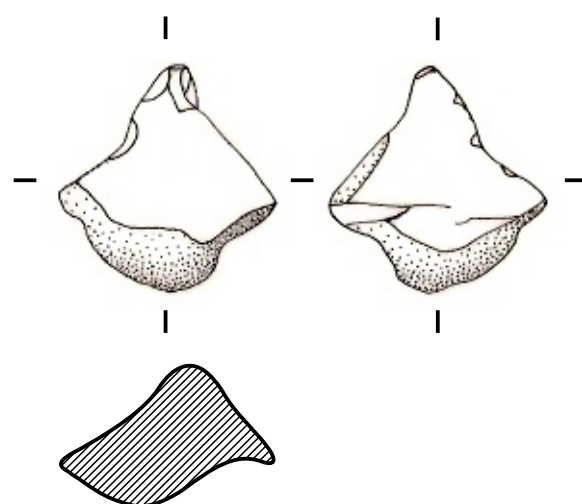
PEC/NC/92/122



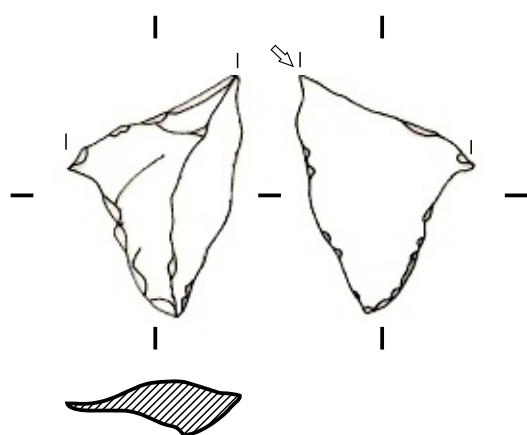
PEC/NC/96/2



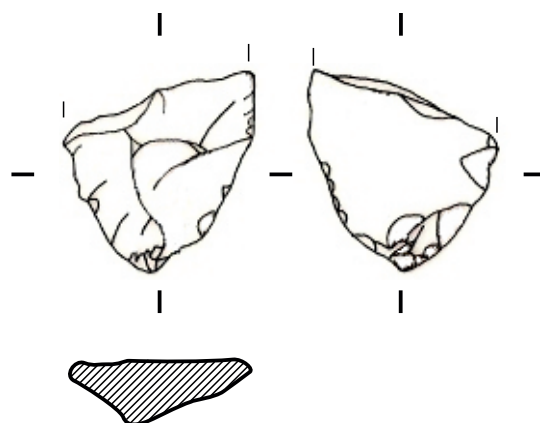
PEC/NC/92/106



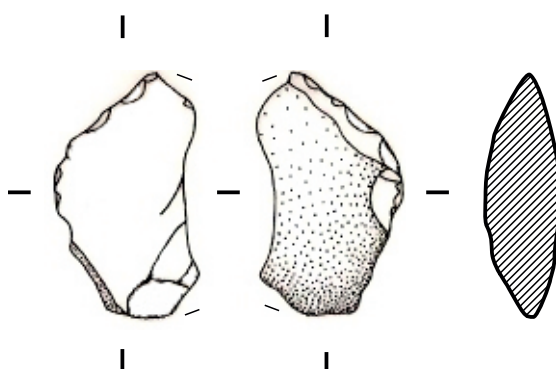
PEC/NC/92/101



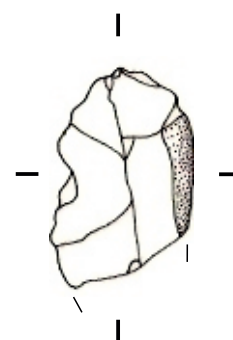
PEC/NC/92/105



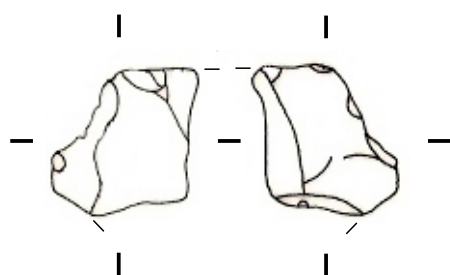
PEC/NC/92/98



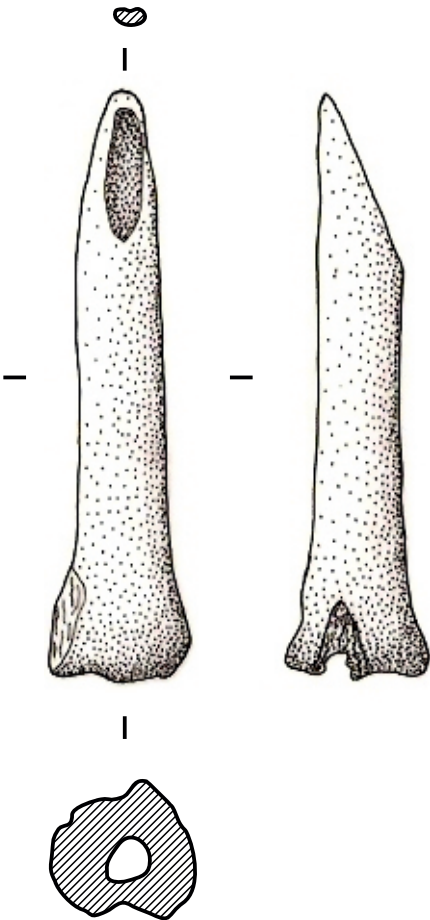
PEC/NC/92/112



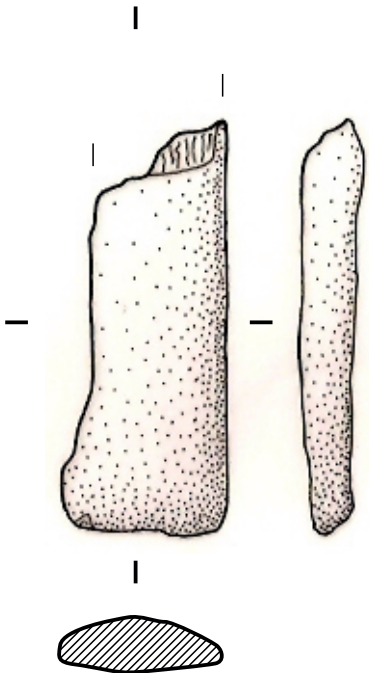
PEC/NC/92/113



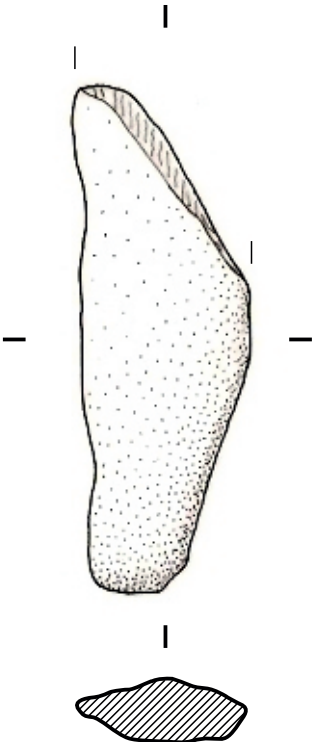
PEC/NC/92/59



PEC/NC/92/132a



PEC/NC/92/132b





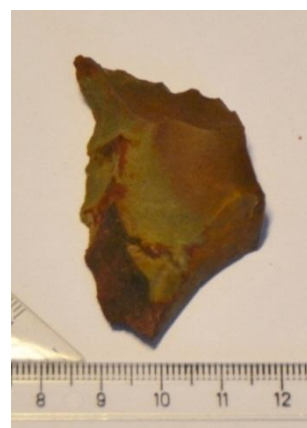
Fotografia 1 – Denticulado
(PEC/NC/92/66).



Fotografia 2 – Lasca retocada
(PEC/NC/92/67).



Fotografia 3 – Raspador carenado
(PEC/NC/92/68).



Fotografia 4 – Furador trapezoidal
(PEC/NC/92/76).



Fotografia 5 – Fragmentos de lâminas (PEC/NC/92/72'73'74'75'96/1).



Fotografia 6 – Fragmento de parede de vaso esférico com decoração plástica e incisa (PEC/NC/92/53).



Fotografia 7 – Fragmento de parede de vaso indeterminado com decoração incisa campaniforme de “tipo Palmela” (PEC/NC/96/3).